

12
17

habitar portugal

**espaço
público:
uma casa
para todos**

Seleção de obras
comissariada por

Susana Lobo

com

Ana Alves Costa

João Fôja

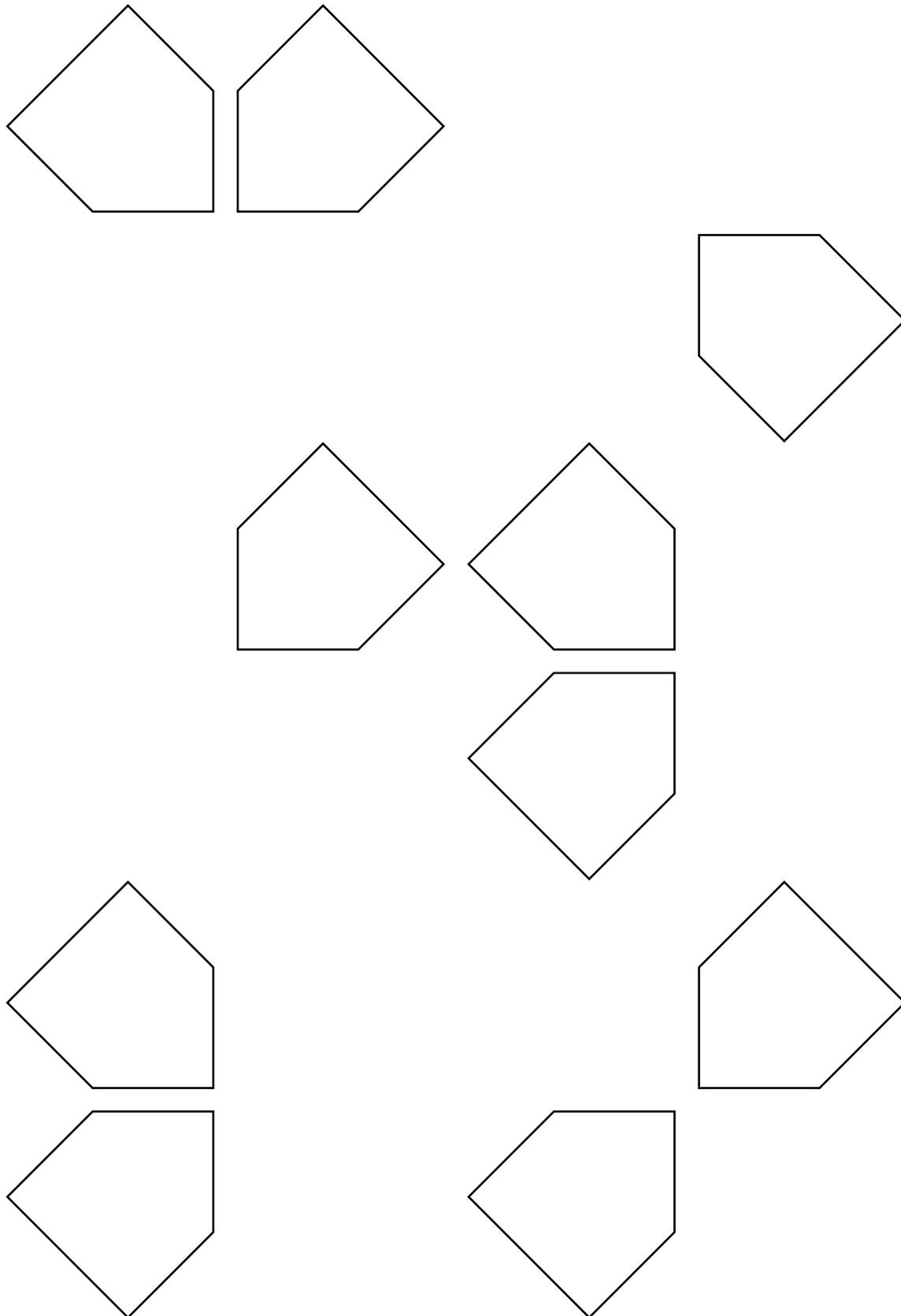
João Gomes

Ricardo Agarez

Susana Constantino

Organização

Ordem dos Arquitectos



Gonçalo Byrne
Presidente

Portugal – Uma Casa para Todos

Retomando o espírito das anteriores edições de Habitar Portugal (HP), esta é uma seleção distinta a vários títulos, plenamente assumida por um Comissariado que foi designado na sequência de um concurso aberto a todos os membros da OA.

HP veio dar nova vitalidade às Exposições Nacionais de Arquitectura, ENA, em número de quatro, que acolhiam, sem qualquer prévio critério que não fosse a conclusão da obra, todas as candidaturas de todos os membros da então Associação dos Arquitectos Portugueses (AAP) e de que alguns guardam memória numa mostra maior, no Salão da Sociedade Nacional de Belas-Artes, e em apresentações locais, distribuindo-se nos três conjuntos Norte, Centro e Sul, e itinerantes pelos municípios que a pretendiam acolher dentro desta distribuição geográfica.

Desde a primeira edição HP, 2000-2002, foram definidos ciclos de três anos e uma organização de base "geográfica" onde se podia, por vontade e definição do Comissariado, encontrar uma arrumação mais ou menos programática. HP remete para o *habitat* e a paisagem sem necessariamente se focar no tema da habitação.

"Habitar Portugal" foi, possivelmente, precursora dos princípios de uma Política Nacional de Arquitectura e Paisagem (PNAP), sem que as suas repercussões tenham, hoje ainda, a desejável evidência do respeito das suas linhas orientadoras na agenda programática das políticas nacionais, apesar de todo o empenho e entusiasmo da Ordem dos Arquitectos (OA) no acompanhamento e participação na redação do texto publicado em 2015 e de contributos para a sua implementação e desenvolvimento neste seu primeiro período de existência (2014/2020).

O preâmbulo da Resolução de Conselho de Ministros n.º 45/2015, de 7 de julho, aponta claramente a perspetiva e o alcance da PNAP, *contribuindo (...) para uma sociedade mais digna, justa e inclusiva porquanto a arquitetura e a paisagem constituem expressão da identidade histórica e da cultura coletivas, com particular reflexo na educação, na inclusão social e na participação dos cidadãos. Portugal deve ser uma "casa" para todos.*

Chamados a desenvolver as suas competências técnicas na construção deste Portugal, uma pretensão elevada, muitas vezes, unicamente no domínio da retórica, os arquitetos portugueses demonstram e vêm demonstrando o seu envolvimento. O crescimento da classe já não permite que sejam todos selecionados; devem submeter a candidatura do seu trabalho. O filtro, definido pelo Comissariado, delimita

e afina a escolha de obras que integram a seleção, em número limitado de obras.

Na sua sexta edição, *HP 12.17, Espaço Público: Uma Casa para Todos*, introduz alguma novidade na construção da seleção: um ciclo maior e que se sobrepõe ao da última edição (2012-2014), repetindo obras que a integram por introdução do programa "espaço público".

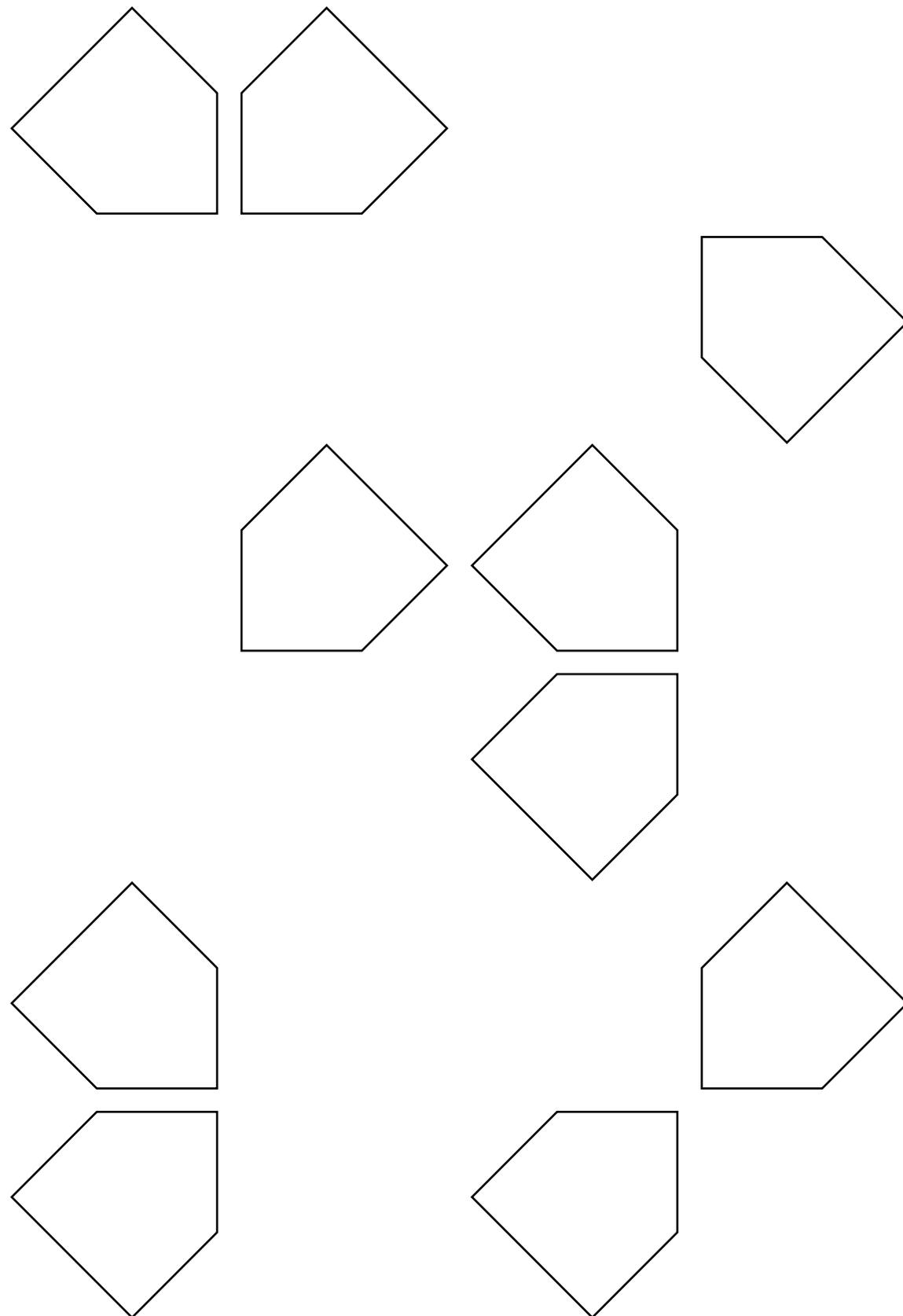
O que se entende, hoje, por "espaço público"? questiona o Comissariado, designado pelo Conselho Diretivo Nacional, no mandato anterior (2017-2019), através de um processo de concurso que ficava caracterizado por esta primeira alteração e que, adicionalmente, se propunha ainda a alternar as edições entre o "espaço público" e a "edificação".

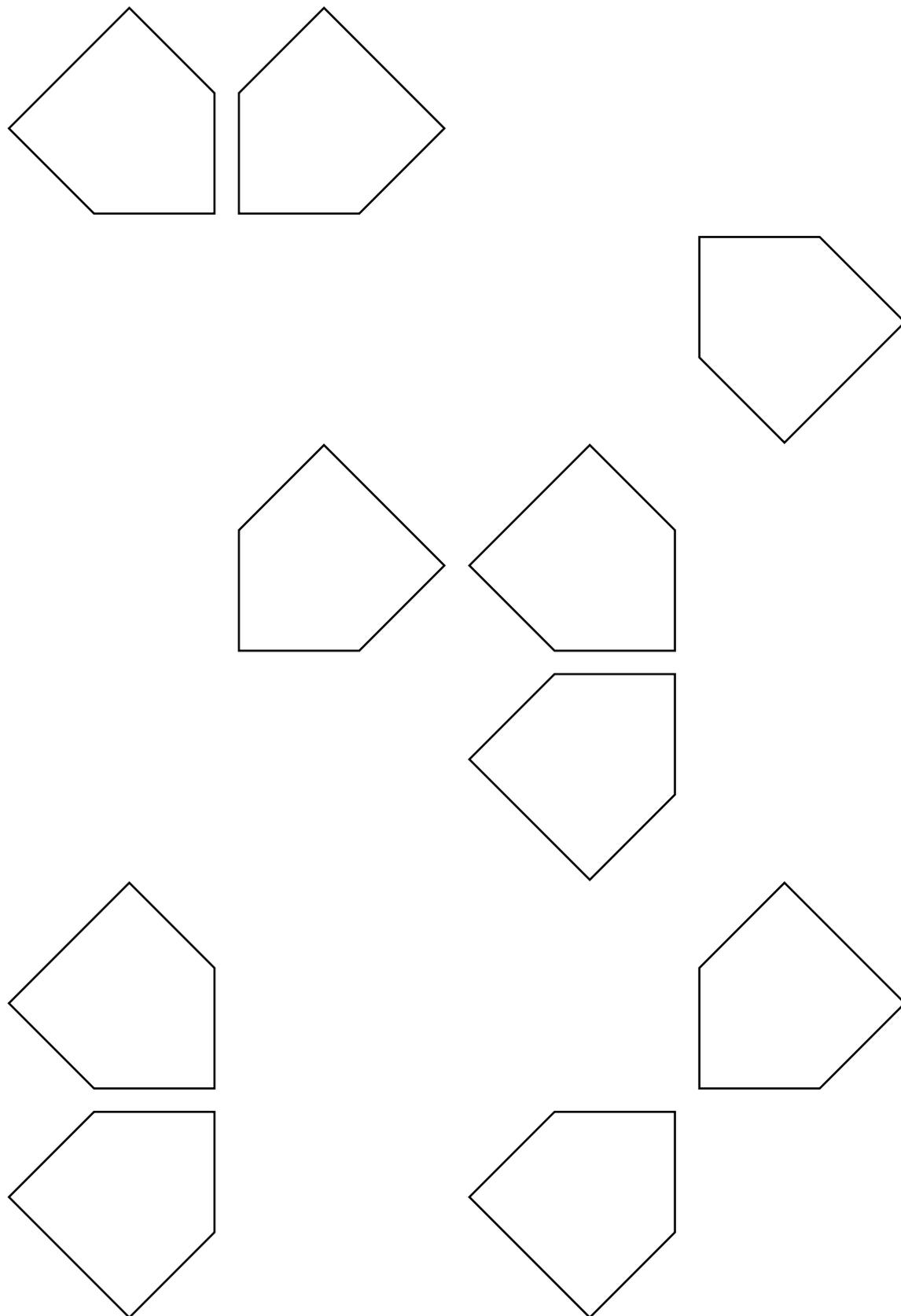
Foi dentro destes pressupostos que o Conselho Diretivo Nacional em funções assumiu os compromentimentos que lhe ficaram cometidos e edita a seleção HP 12.17, sob responsabilidade de uma equipa de Comissariado dirigida por Susana Lobo, que conta com Ana Alves Costa, João Fôja, João Gomes, Ricardo Agarez e Susana Constantino, a mesma equipa que assume também a coordenação editorial deste catálogo e a quem agradecemos todo o trabalho desenvolvido e o zelo nele investido.

O Comissariado ordenou as 60 obras que elegeu enquanto *Símbolo* ou representação, *Recurso* ou bem comum, *Produto* ou comunicação e *Prática* ou desenho, julgando que nesta categorização, embora não sendo estanque nem linear – haverá obras que cruzam diferentes perspetivas, obrigando a uma reflexão mais profunda sobre a sua essência –, será reveladora das políticas e interesses que têm orientado a produção de espaço público nos últimos anos, possibilitando uma espécie de diagnóstico, porventura inesperado, da cultura arquitetónica portuguesa contemporânea. É esse o principal objetivo da abordagem que se propõe.

Acompanhamos este convite à reflexão, que fazemos a todos aqueles que folheiem ou que, mais demoradamente, apreciem este catálogo: *O que se entende, hoje, por "espaço público"?* Encontrada a sua essência, será condição de possibilidade do estabelecimento ou de *dar modo de vida a um diagnóstico da cultura arquitetónica portuguesa contemporânea?*

Não obstante, alargando e redimensionando a proposta de reflexão, estamos disponíveis para obter contributos para *O que se entende, hoje, por "Habitar Portugal"?* Essa é uma questão maior e que irá fundamentar a próxima edição da seleção HP. Contamos com todos para esta reflexão, tanto quanto possível traduzida em obra, porque acreditamos que Portugal é a nossa casa e a Casa de Todos.





Susana Lobo
Ana Alves Costa
João Fôja
João Gomes
Ricardo Agarez
Susana Constantino

Habitar Portugal 12-17

Espaço público: uma casa para todos

Partindo da ideia de que “toda a cidade é espaço público por antonomásia” (Moneo, 2010) e recuperando o conceito platónico-albertiano de que “a cidade é uma casa e, inversamente, a casa é uma cidade” (analogia também subjacente ao poema-desenho *Tree is a leaf and leaf is a tree* de Aldo van Eyck, 1965), chegamos à proposição de que “o espaço público é uma casa”. E, se entendido “o espaço público como espaço coletivo por excelência” (Solà-Morales, 2010), então podemos afirmar que o espaço público é “uma casa de todos”. “De todos” e, voltando a van Eyck (1962), “para todos”. É esta a abordagem proposta ao tema da edição Habitar Portugal 2012-2017: “Espaço Público: uma casa para todos”.

Coloca-se aqui, no entanto, uma questão terminológica. O que se entende, hoje, por “espaço público”? O uso indiscriminado do termo para classificar toda e qualquer intervenção no espaço não construído e a interpretação generalizada do espaço público como facto urbano – morfológico e ambiental – singular, independente da estrutura que o suporta, têm contribuído para o esvaziamento deste conceito no que o mesmo implica de urbanidade ou qualidade urbana: a sua “capacidade material de expressar significados cívicos, estéticos, funcionais e sociais” (Solà-Morales, 2010).

Esta situação tem-se agravado com a disseminação de diferentes discursos que promovem a ideia de esgotamento do espaço público no seu sentido mais amplo. Por um lado, a proposta de que ruas e praças – tradicionais expressões urbanas da vida pública – não serão mais locais de encontro espontâneo, convívio e desenvolvimento da vida pública, mas, sistematicamente, reduzidas ao seu papel de infraestrutura e a cidade caracterizada pela “evacuação” da esfera pública (Koolhaas, 1995). Por outro, a emergência de espaços públicos paralelos, definidos por redes sociais, fóruns de debate *online* e *blogs*. Espaços virtuais de opinião e de participação cívica que têm vindo a esvaziar o papel social do espaço público físico.

Qualquer uma destas posições podia levar-nos a concluir que o empenho da Arquitetura no desenho do domínio público das nossas cidades se torna irrelevante e mesmo desnecessário. A seleção dos projetos realizados no espaço público por arquitetos portugueses entre os anos de 2012 e 2017, que este catálogo apresenta, surge, precisamente, como contra-argumento destas posições e como demonstração das possibilidades do seu contrário. Acreditamos, talvez mais do que nunca, que uma das principais tarefas dos arquitetos

contemporâneos é o seu envolvimento com o desenho do espaço público.

Apesar da complexidade de se definir um conceito específico de espaço público, sempre redutor, foi necessário fazê-lo no âmbito desta iniciativa por razões pragmáticas. Estamos conscientes de que grande parte da vida urbana contemporânea se passa no interior de equipamentos coletivos, muitas vezes de propriedade privada, mas ainda assim capazes de valorizar a oferta pública da cidade e de criar as condições para uma apropriação das práticas de sociabilização quotidiana. Concordamos também com a proposta de Solà-Morales (1992) de que o debate sobre a esfera pública não deve ser reduzido aos aspetos mais tradicionais da definição de espaço público, como a propriedade ou o acesso universal, mas deve ser reorientado para um debate sobre a necessidade de convivência entre estas realidades e do desenho de espaços de vida coletiva que não são estritamente públicos e privados, mas ambos, em simultâneo. Conceitos como “espaços coletivos” (Solà-Morales, 1992), ou “interiores públicos” (Pimlott, 2016) recusam uma leitura simplista sobre a noção de espaço público. Com “Habitar Portugal 12-17: Espaço Público”, o nosso desafio foi conciliar todas as qualidades inerentes à ideia contemporânea de espaço público na sua expressão mais visível, imediata e comum.

Entende-se, assim, por espaço público um espaço aberto, inclusivo, permeável, de acesso tendencial e predominantemente irrestrito, lugar de encontro, da ação política, da identidade coletiva e da expressão individual. Tomamos, por isso, como princípio que, na sua essência, é um espaço exterior, urbano ou natural, em oposição ao que vulgarmente designamos de equipamento público (centro comercial, teatro, museu, estação), de uso limitado pelas tradicionais definições baseadas no acesso e na propriedade.

Clarificados os critérios que serviram como ponto de partida para a escolha e seriação das obras que agora se apresentam, acreditamos que este conjunto identifica muitos dos temas e reflexões mais significativas lançadas, nos últimos anos, no debate disciplinar sobre o espaço público e proporciona, em simultâneo, uma leitura sobre o seu significado para a cidade e a sociedade contemporâneas. No cumprimento desses critérios, ficaram de fora obras candidatas de inegável qualidade, mas que consideramos não se enquadrarem na especificidade desta edição de Habitar Portugal: equipamentos públicos, espaços exteriores de acesso condicionado ou instalações de carácter artístico e de evidente relevância para o incremento da qualidade urbana, mas que não contribuem ativamente para o uso coletivo do espaço público.

Ao contrário de edições anteriores, evitou-se a disposição das obras selecionadas por uma ordem geográfica que

nos pareceu redutora, mais capaz de revelar as diferenças económicas e sociais entre regiões – e inevitavelmente o investimento que atraem – do que quaisquer diferenças no exercício da disciplina. A partir deste universo, propõe-se a organização das obras segundo uma abordagem fenomenológica que consideramos passível de originar leituras e entendimentos de maior relevo e capacidade de sugestão. Nesse sentido, são definidos quatro tipos ou perspectivas de pensamento sobre o projeto do espaço público: Símbolo, Recurso, Produto e Prática. Esta categorização, embora não sendo estanque nem linear – haverá obras que cruzam diferentes perspectivas, obrigando a uma reflexão mais profunda sobre a sua essência –, será reveladora das políticas e interesses que têm orientado a produção de espaço público nos últimos anos, possibilitando uma espécie de diagnóstico, porventura inesperado, da cultura arquitetónica portuguesa contemporânea. É esse o principal objetivo da abordagem que se propõe.

Símbolo: o espaço público como representação

Na categoria Símbolo procuramos dar destaque a obras de revalorização espacial e integração funcional das áreas de intervenção no contexto, físico e simbólico, em que se inserem. Obras maioritariamente de redesenho do espaço público em locais com um forte significado cultural e local. Obras que, pela sua dimensão e contexto, funcionam como condensadores da memória coletiva.

A reabilitação do espaço público dos centros históricos é por definição um trabalho de sensibilidade, que acrescenta uma nova camada a um território marcado por diversas passagens da História. É um desenho de renovação mas, simultaneamente de grande anonimato, que não se pretende sobrepor ao contexto existente. Esta é, provavelmente, a característica comum mais evidente entre as diferentes intervenções que integram este primeiro grupo, desde a requalificação de praças urbanas ou pequenos largos, como o Pátio de São Miguel, em Évora, de Francisco Barata Fernandes; a Requalificação Urbanística da Praça do Toural, Alameda de São Dâmaso e Rua de Santo António, em Guimarães, de Maria Manuel Oliveira e CE/EAUM; a Envoltente do Paço dos Henriques, em Alcáçovas, de José Filipe Ramalho; até obras de reestruturação, repavimentação e requalificação da malha urbana dos centros históricos, como a Requalificação Urbanística e Ambiental dos Espaços Públicos da Mouraria, em Lisboa, de Tiago Silva Dias; a Requalificação dos Espaços Públicos da Mouraria de Moura, de Sofia Salema e Pedro Guilherme; a Ligação Pedonal do Pátio B do Chiado, Largo do Carmo e Terraços do Carmo, em Lisboa, de Álvaro Siza e Carlos Castanheira; a Requalificação do Centro Histórico de Valença, de Eduardo Souto de Moura; e a Revitalização do Centro

Urbano de Camarate, em Loures, de José Adrião. Incluem-se na categoria Símbolo também obras de redesenho de percursos e espaços exteriores em zonas de valor histórico e ambiental, como a Requalificação do Monte Latifo e Campo de São Mamede, em Guimarães, de Mercês Vieira e Camilo Cortesão; a Envolvente do Aquanatur e Balneário Termal de Vidago, de João Paulo Loureiro; o Parque Vista Alegre, em Beja, de José Manuel Carvalho Araújo; e obras de desenho do espaço público inseridas em grandes intervenções de infraestruturação, tais como o desenho da *Piazza Municipio*, em Nápoles, a primeira fase da obra de Álvaro Siza, Eduardo Souto de Moura e Tiago Figueiredo associada à abertura da estação de metro "Municipio-Porto".

No caso das obras do Edifício-Praça Eça de Queiroz, em Leiria, de Gonçalo Byrne; da Envolvente da Plataforma das Artes e da Criatividade, em Guimarães, dos Pitágoras Group; da Envolvente do Centro de Interpretação da Batalha de Atoleiros, em Fronteira, de Gonçalo Byrne e Oficina Ideias em Linha; do Armazém do Mercado, no Funchal, de Paulo David; e da Reconversão da Garagem dos Clara & C.ª em Espaço Público, em Torres Novas, de Gonçalo Louro e Cláudia Santos com Tierri Luis: a revalorização do espaço exterior surge associada à renovação ou construção de um novo edifício, como prolongamento de um equipamento público. Seja pela integração na malha urbana de áreas fundamentais do espaço da cidade, pela revalorização do espaço interior de quarteirões urbanos ou pela abertura de novos atravessamentos públicos, todas estas intervenções oferecem novos espaços exteriores à cidade que se distinguem pelo seu protagonismo como um novo lugar de centralidade urbana e palco de atividades coletivas.

Recurso: o espaço público como bem comum

Mais do que qualquer outra das categorias, Recurso procura refletir sobre obras com capacidade de estruturar a longo prazo o desenvolvimento da cidade no sentido de procurar uma re-significação material e social do espaço e garantir a sua apropriação para usos coletivos e comunitários.

Numa primeira abordagem, interessou-nos sinalizar obras de iniciativa comunitária, elaboradas com a participação direta das associações de moradores locais, como a obra da Cozinha Comunitária das Terras da Costa, na Costa da Caparica, do Ateliernob e Colectivo Warehouse; o Espaço Público dos Bairros Prodac Sul e Norte, na freguesia de Marvila em Lisboa, do Ateliernob; e obras realizadas num sistema de cooperação e autoconstrução com o envolvimento de escolas e estudantes de Arquitetura, como Bicho, Teatrinho e Fogo – *Playground* no Bairro das Campinas, no Porto, de COR Arquitectos, Ivo Poças Martins e Nicolò Galeazzi; o Palco Efémero no Largo do Romal, em Coimbra, de Pedro Maurício

Borges e Associação Há Baixa; o *Reaction LX*, em Lisboa, dos FORJArchitecture; e o *415 De Paviljōng*, em Gotemburgo na Suécia, do Colectivo Warehouse. Respondendo a necessidades expressas pelos moradores, todos estes projetos exploram espaços livres ou devolutos na malha urbana para os transformarem em espaços de encontro para uma comunidade específica. Intervenções de pequena escala e baixos recursos com um enorme potencial transformador no quotidiano dessas comunidades.

Num sentido oposto – iniciativas "de cima para baixo" –, obras que podemos denominar de conexões urbanas têm também um efeito direto na vida quotidiana e no bem-estar das comunidades. Obras como o Percurso Pedonal Assistido da Baixa ao Castelo de São Jorge, em Lisboa, de João Pedro Falcão de Campos; o Percurso Pedonal Assistido de Montemor-o-Velho, de Miguel Figueira e DPU/CMMV; e a Passagem Superior Pedonal em Forte da Casa, Vila Franca de Xira, dos MXT Studio: asseguram novas possibilidades de ligações urbanas, aumentando a proximidade entre zonas anteriormente desconectadas das cidades. Por último, a Reabilitação do Espaço Público do Bairro do Lagarteiro, no Porto, de Paulo Tormenta Pinto, é uma obra que requalifica o espaço exterior e refaz as ligações urbanas do bairro, criando, em simultâneo, as condições para o desenvolvimento da vida comunitária local e uma melhor articulação com a cidade envolvente.

Produto: o espaço público como comunicação

Neste grupo reúnem-se as obras de dimensão identitária e as cenografias da sociabilização que normalmente associamos ao desenho de instalações temporárias, celebrativas de um determinado evento. Com uma forte representação visual, são obras de exceção na construção de um imaginário urbano, no sentido em que não respondem à necessidade de durabilidade do espaço público, à tradicional responsabilidade dos lugares públicos de oferecerem uma estrutura duradoura e significativa na cidade. Ainda assim, estes pavilhões, instalações e cenografias são de uma enorme generosidade e trazem possibilidades, ainda que pontuais, de redescobrir espaços com capacidade coletiva que anteriormente estavam ocultos ou sem uso.

Apenas três das obras que compõem este grupo não foram obras efémeras. Caracterizados pela integração de peças de mobiliário urbano – palas de sombreamento, bancos, iluminação –, os projetos da Cobertura da Praça da República, em Portimão, do Atelier Cais; Aurantes, em Abrantes, de Diogo Aguiar Studio; e *Landscape*, em São Miguel nos Açores, dos Mezzo Atelier, criaram uma nova condição para a utilização e permanência de um espaço público já existente. Tal como este último, *Two Manifolds*, em São Miguel nos Açores, e *Untitled*

(*The Unknown*), em Torre de Moncorvo, de Nuno Pimenta, são instalações de paisagem, mirantes e *landmarks*, que assinalam novos pontos de observação, paragem e, indissociavelmente, de relação com o espaço envolvente.

Associando um carácter lúdico e funcional, instalações como o pórtico *Glassberg*, na Figueira da Foz, dos FAHR 021.3; o *Mezzo Mercato* em Milão, dos Mezzo Atelier; Bombarda, no Porto, do estúdio STILL Urban Design; e Uma Praça no Verão no Centro Cultural de Belém, em Lisboa, de José Neves, compõem-se por meio de repetições e associações de elementos, ou módulos, que imprimem um novo dinamismo ao contexto que, provisoriamente, habitam. Numa perspetiva oposta, a Instalação *Carnet C10*, no Mosteiro da Serra do Pilar em Vila Nova de Gaia, de Pedro Matos Gameiro, Marta Sequeira e Carlos Machado e Moura, desenhada especificamente para aquele local e para um determinado evento, permitiu a utilização coletiva de um espaço usualmente de acesso condicionado, conferindo-lhe, momentaneamente, as características de espaço público.

O Percurso no *Giardino delle Vergini* em Veneza, de Álvaro Siza; os pavilhões *Povera*, em Almada, e *Gallery*, em São Miguel, nos Açores, do Atelier JQTS; as instalações urbanas *Vira-Lata*, no Porto, do coletivo Moradavaga; e Ponte Luminosa – *Lisbon Falls*, na Fonte Luminosa em Lisboa, de Marcelo Dantas, tiram partido da sua condição híbrida, entre uma caracterização como proto-pavilhões – espaços delimitados que distinguem interior e exterior –, ou como percursos ou ligações – espaços que articulam e relacionam outros espaços –, mas sempre com uma enorme sensibilidade em relação ao lugar onde se inserem, dinamizando-o e criando, assim também, novas oportunidades de experiência e uso coletivo.

Prática: o espaço público como desenho

A par das intervenções de reabilitação do espaço público dos centros históricos, as obras de desenho de arranjos exteriores que caracterizam a Prática têm sido, nos últimos anos, o palco por excelência do investimento público em intervenções no espaço coletivo. Têm, também, registado o maior número de encomendas através de concurso público, abrindo aos arquitetos novas oportunidades de pensar e desenhar a cidade a partir do “vazio”, do “negativo”, do “espaço entre” e, nesse sentido, alargando o espectro da sua prática profissional corrente.

São obras de inovação e experimentação formal enquanto instrumento de caracterização do lugar, exercícios de funcionalidade e espontaneidade na criação de novas topografias e cenografias ambientais. Aqui se inclui o desenho de parques urbanos e intervenções em locais de forte valor paisagístico, como o Parque Urbano de Touro, em Vila Nova de Paiva, de Carlos Almeida Marques; o *Al Shaheed Urban*

Park, no Kuwait, de Ricardo Camacho e Sara Machado; a Requalificação Paisagística da Pedreira do Campo, em Santa Maria nos Açores, dos M-Arquitectos; o Complexo Ambiental da Lagoa das Sete Cidades, em São Miguel nos Açores, de Eduardo Souto de Moura e Adriano Pimenta; e os Passadiços do Paiva, em Arouca, de Nuno Martins Melo. Sinal de um renovado interesse pelo acesso e usufruto do elemento água, surgem as requalificações de margens fluviais e marítimas do Domínio Público, como a Frente Ribeirinha de Alcácer do Sal dos Promontório; a Frente Ribeirinha de Lagos de António Leitão Barbosa; o Passeio Ribeirinho do Seixal do Atelier Risco; as Margens do Rio Avelames, em Vila Pouca de Aguiar, de Luís Rebelo de Andrade; e a Requalificação Urbanística da Baía de São Lourenço, em Santa Maria nos Açores, dos M-Arquitectos. Ainda neste contexto, integram este conjunto as novas áreas de apoio ribeirinhas que promovem uma aproximação e interação com o contexto natural, domesticando esse diálogo, como o Terminal Niang'Ou, no Tibete, dos Embaixada Arquitectura com ZAO/standardarchitecture; o Cais de Bagaúste, em Lamego, de António Belém Lima; e a Estação de Canoagem de Alvega, em Abrantes, do Ateliermob.

A categoria Prática abrange, também, intervenções de regeneração urbana e de desenho de espaços exteriores, de certo modo, mais “clássicas”, tais como a Requalificação do Largo de Santos e Av. 24 Julho, em Lisboa, de 92 Arquitectos com Victor Beiramar Diniz; a Requalificação da Alameda das Linhas de Torres, em Lisboa, dos BBarquitectos; a Envolvente do Mercado Municipal de Miranda do Corvo, do Atelier do Corvo; a Praça Fonte Nova, em Lisboa, de José Adrião; e *Gridgrounds*, em Amesterdão, dos Openfabric com Dmau. Obras que, simultaneamente, reclamam o uso do espaço público para o peão e para as novas formas de mobilidade leve, que propõem e desenham novas formas de estar e de atuar no exterior, e que trabalham o “verde” como matéria de projeto, manipulando-o e integrando-o na construção das novas paisagens urbanas.

São 60 obras de intervenção no espaço exterior que nos permitem argumentar que o desenho do coletivo ainda desempenha um papel fundamental no exercício da disciplina.

Uma leitura mais atenta desta seleção levanta outras considerações pertinentes. Por um lado, a predominância da encomenda pública neste tipo de intervenções (43 obras), sobretudo de promoção camarária, em particular no que respeita à requalificação urbana (Símbolo, 16) e à valorização paisagística e ambiental de áreas esquecidas ou degradadas (Prática, 17). A iniciativa privada também marca a sua presença (17 obras), em equipamentos e pequenas infraestruturas para uso comunitário, resultantes de processos participativos de autoconstrução (Recurso, 5), ou em instalações provisórias de ocupação do espaço público que potenciam a sua apropriação (Produto, 10), proporcionando a oportunidade

de trabalho e de experimentação às novas gerações de arquitetos. Assinala-se, por outro lado, a retoma crescente do concurso de arquitetura como mecanismo de seleção e de garantia de qualidade das propostas (18 em 60 obras), após um período de profunda crise económica e social em que nos questionámos se “Está a Arquitetura sob Resgate?” (14 em 79 obras). Modalidade na qual o investimento público tem maior expressão (16 obras), reflexo do impacto que os diferentes Programas Polis e as Capitais Europeias da Cultura, Porto 2001 e Guimarães 2012, tiveram, em geral, na qualificação do desenho da cidade e do território nas últimas duas décadas, em Portugal.

Enquanto decorria o prazo das candidaturas a “Habitar Portugal 12-17: Espaço Público” assistimos ao desenvolvimento da pandemia de Covid-19 que marcará para sempre os anos de 2020 e 2021. Não deixa de ser irónico celebrarmos o espaço público numa altura em que, por circunstâncias tão específicas, nos vimos privados de o utilizar e partilhar em pleno. Imagens de praças e ruas desertas mostraram que esta não é – e não será – a sua vocação ou o seu destino; tornaram visível e evidente que o espaço exterior público continua a ser o lugar fundamental de sociabilização, convívio, encontro, ação política, identidade coletiva e expressão individual. Um espaço “de todos” e “para todos”.

Referências Bibliográficas:

Eyck, A. van (1962). “The Otterlo Circles”. In Ligtelijn, V. and Strauben, F. (eds) (2008), *Aldo van Eyk, Collected Articles and Other Writings: 1947-1998* (pp. 467-469). Amsterdam: SUN Publishers.

Eyck, A. van (1965). “Tree and Leaf”. In Ligtelijn, V. and Strauben, F. (eds) (2008), *Aldo van Eyk, Collected Articles and Other Writings: 1947-1998* (p. 443). Amsterdam: SUN Publishers.

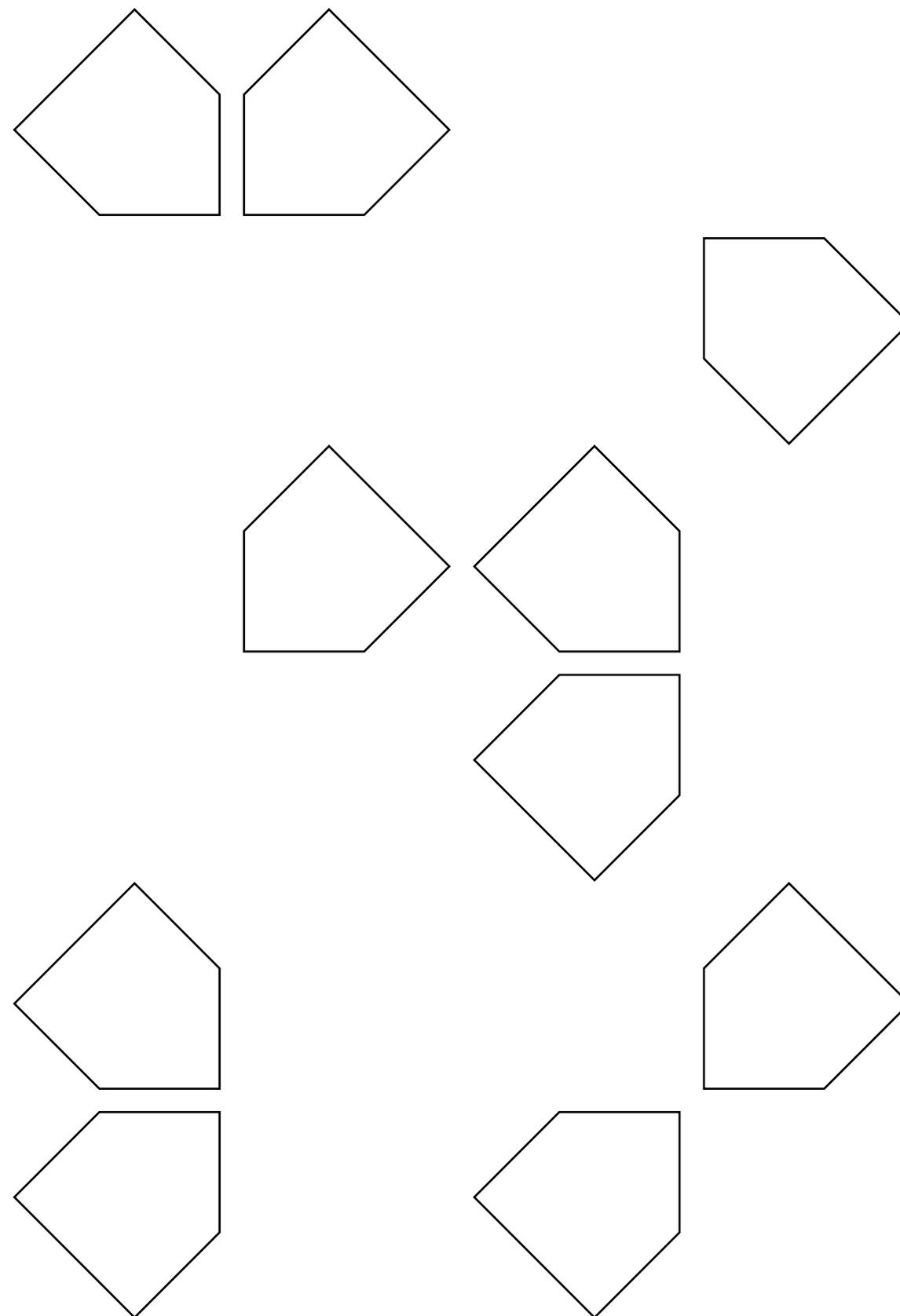
Koolhaas, R. (1995). “The Generic City”. In Koolhaas, R. & Mau, B., *S, M, L, XL* (pp. 1239-1264). Rotterdam: 010 Publishers.

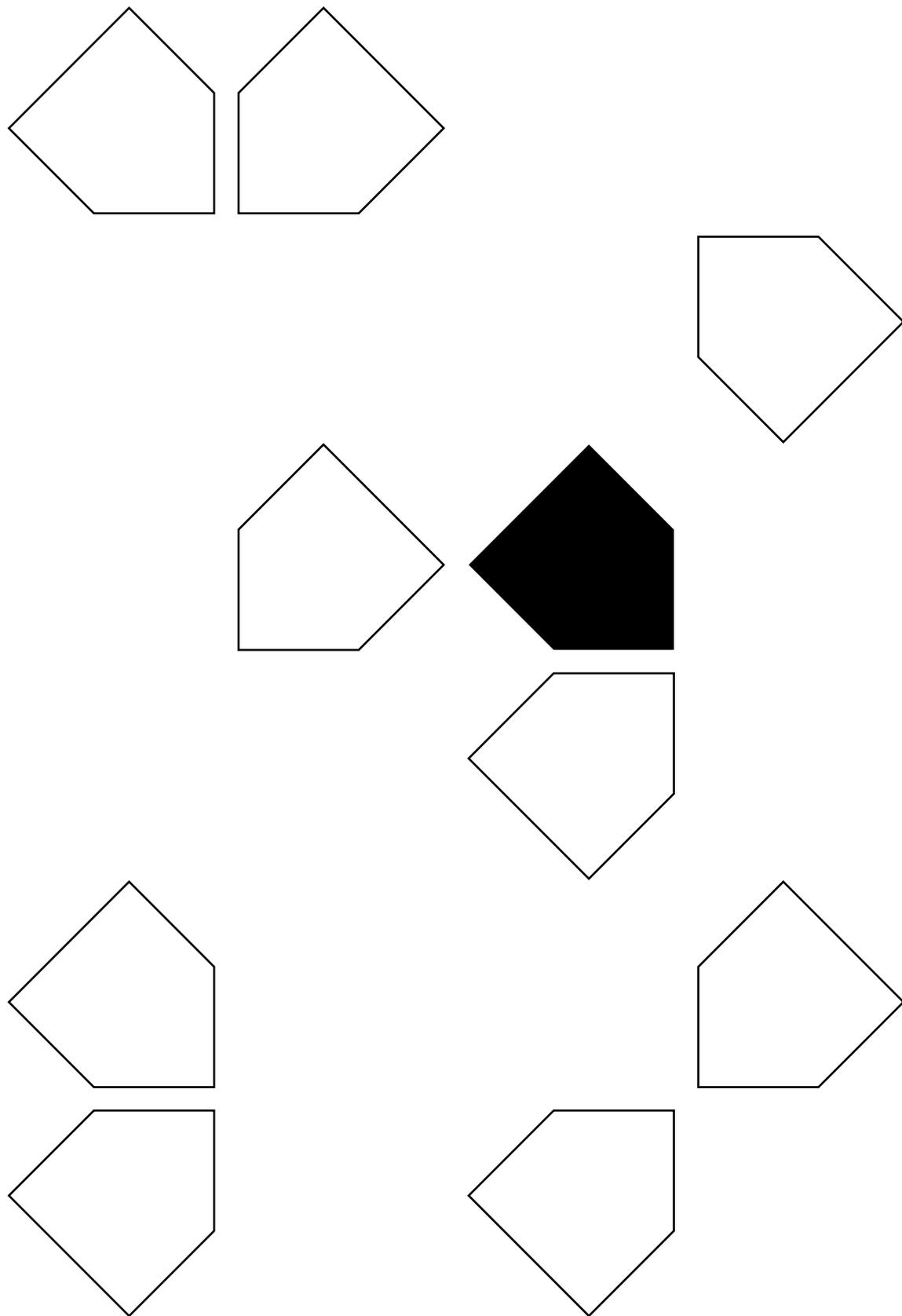
Moneo, R. (2010). “Interview with Rafael Moneo”. In Angles, M., *In Favour of Public Space: Ten years of the European Prize for Urban Public Space* (pp. 33-39). Barcelona: CCCB - Actar Publishers.

Pimlott, M. (2016). *The Public Interior as Idea and Project*. Heijningen: Jap Sam Books.

Solà-Morales, M. (1992, 12 maio). “Espacios públicos y espacios colectivos”. *La vanguardia – Suplemento Cultura y Arte*, pp. 4-5.

Solà-Morales, M. (2010). “The impossible Project of Public Space”. In Angles, M., *In Favour of Public Space: Ten years of the European Prize for Urban Public Space* (pp. 24-31). Barcelona: CCCB – Actar Publishers.





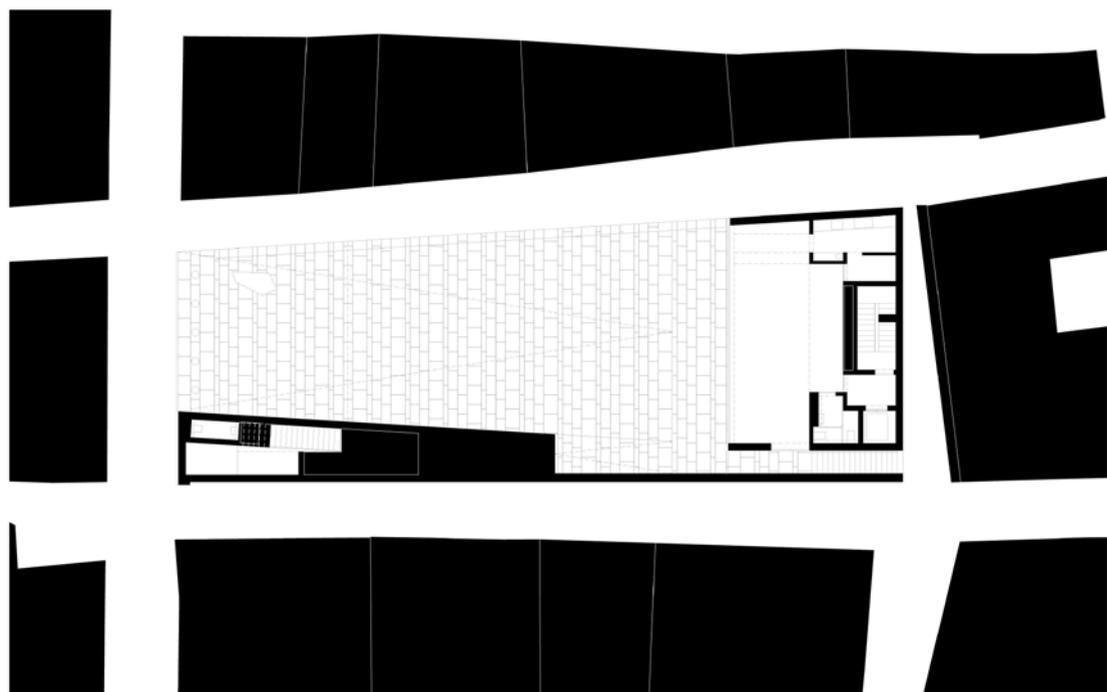
Símbolo

Espaço público como representação

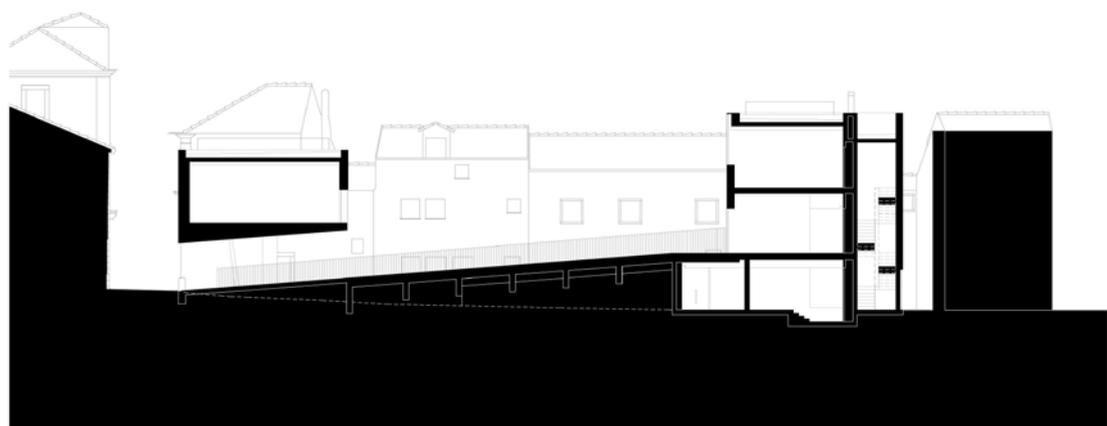
Na categoria Símbolo procuramos dar destaque a obras de revalorização espacial e integração funcional das áreas de intervenção no contexto, físico e simbólico, em que se inserem. Obras maioritariamente de redesenho do espaço público em locais com um forte significado cultural e local. Obras que, pela sua dimensão e contexto, funcionam como condensadores da memória coletiva.

A reabilitação do espaço público dos centros históricos é por definição um trabalho de sensibilidade, que acrescenta uma nova camada a um território marcado por diversas passagens da História. É um desenho de renovação mas, simultaneamente de grande anonimato, que não se pretende sobrepor ao contexto existente. Esta é, provavelmente, a característica comum mais evidente entre as diferentes intervenções que integram este primeiro grupo, desde a requalificação de praças urbanas ou pequenos largos; até obras de reestruturação, repavimentação e requalificação da malha urbana. Incluem-se nesta categoria também obras de redesenho de percursos e espaço exterior em zonas de valor histórico e ambiental; e obras de desenho do espaço público inseridas em grandes intervenções de infraestruturação.

Noutras obras, a revalorização do espaço exterior surge associada à renovação ou construção de um novo edifício, como prolongamento de um equipamento público. Seja pela integração na malha urbana de áreas fundamentais do espaço da cidade, pela revalorização do espaço interior de quarteirões urbanos ou pela abertura de novos atravessamentos públicos; todas estas intervenções oferecem novos espaços exteriores à cidade que se distinguem pelo seu protagonismo como um novo lugar de centralidade urbana e palco de atividades coletivas.



PLANTA DO PISO 1



CORTE LONGITUDINAL



EDIFÍCIO-PRAÇA EÇA DE QUEIROZ

Gonçalo Byrne Arquitectos
2003-2012
Leiria

Colaboradores

Alexandre Berardo, Carla Lima Vieira, Inês Nunes, Joana Sarmento, Luís Gomes, Miguel Pacheco, Patrícia Caldeira, Rita Freitas, Rodrigo Germano, Susana Ventura, Telmo Cruz

Especialidades

Fundações e Estruturas: BETAR; Eletricidade e Telecomunicações, Segurança: MULTITEC; Climatização: José Galvão Teles; Águas e Esgotos: GR Estudos, Projetos e Consultoria; Gás: A. Teixeira; Acústica: CERTIPROJECTO

Promotor da obra

Câmara Municipal de Leiria

Tipo de encomenda

Adjudicação direta

Desenhos

Planta do piso 1
 Corte longitudinal
 © Gonçalo Byrne Arquitectos

Fotografia

© João Morgado



No tecido urbano de origem e características medievais, de ruas estreitas e escassos espaços vazios, uma tipografia, abandonada há mais de 50 anos, desmorona-se, deixando livre um quarteirão, onde surge a possibilidade de criar um espaço público mais generoso para deixar respirar o centro histórico, densamente ocupado, mas em decadência e largamente desertificado, para deixar penetrar o sol e criar diferentes ligações visuais com o casario envolvente próximo e com o icónico castelo, mais distante. O quarteirão, redescoberto como imenso espaço vazio, é delimitado, a poente, por uma das principais ruas da cidade medieval, a Rua Direita, que mantém ainda a sua expressão de espinha estruturante deste tecido urbano, ligando o adro da Sé e o Largo do Terreiro. Quem passe nesta rua, atualmente, apercebe-se da maior luminosidade desse espaço, enquadrado pela sombra de um corpo suspenso, que acolhe uma mediateca, e uma praça, ligeiramente inclinada e elevada, que culmina no terraço de um café, que se esconde por detrás de uma fachada retangular envidraçada. A génese do projeto encontra-se, precisamente, nesse desejo de continuidade entre os diferentes espaços públicos do tecido histórico, recavando outras espacialidades contemporâneas e reforçando as porosidades perdidas e agora redescobertas ou recriadas. Por dentro do tempo histórico das sucessivas contemporaneidades da cidade de Leiria, criam-se novos nexos e significados, definindo contentores apropriados a novos usos e outras vidas.





ENVOLVENTE DO CENTRO DE INTERPRETAÇÃO DA BATALHA DE ATOLEIROS

Gonçalo Byrne Arquitectos com Oficina Ideias em Linha
2007-2012
Fronteira

Autores

Gonçalo Byrne
com José Laranjeira

Colaboradores

Ana Abrantes, Dariana
Reino, Miguel Silva

Especialidades

Arquitetura Paisagista:
Marta Byrne; Fundações,
Estruturas, Águas, Esgotos
e Rede de Incêndios:
BETAR; Eletricidade,
Telecomunicações e
Segurança Integrada:
MULTITEC; Climatização
e Ventilação: JGT Galvão
Teles; Acústica: OPS;
Conteúdos Multimédia:
Johan Schelfhout

Promotor da obra

Câmara Municipal
de Fronteira

Tipo de encomenda

Adjudicação direta

Desenho

Implantação
© Gonçalo Byrne Arquitectos

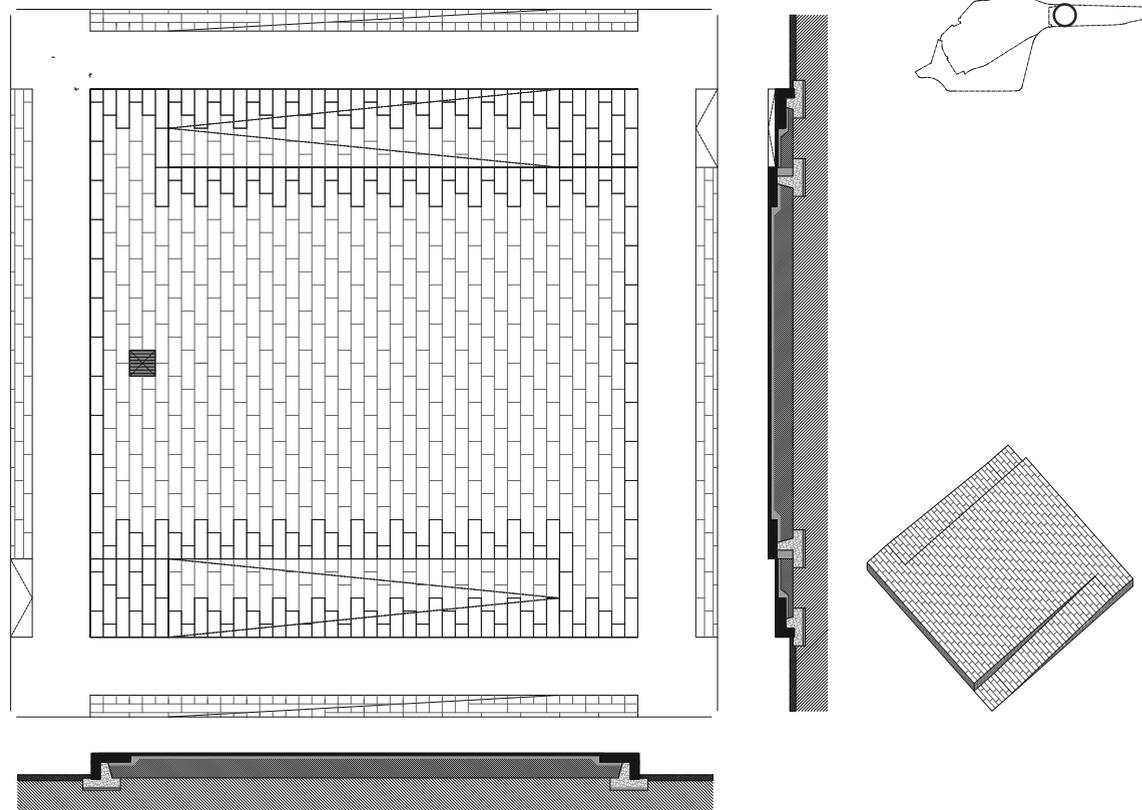
Fotografia

© Fernando Guerra | FG+SG

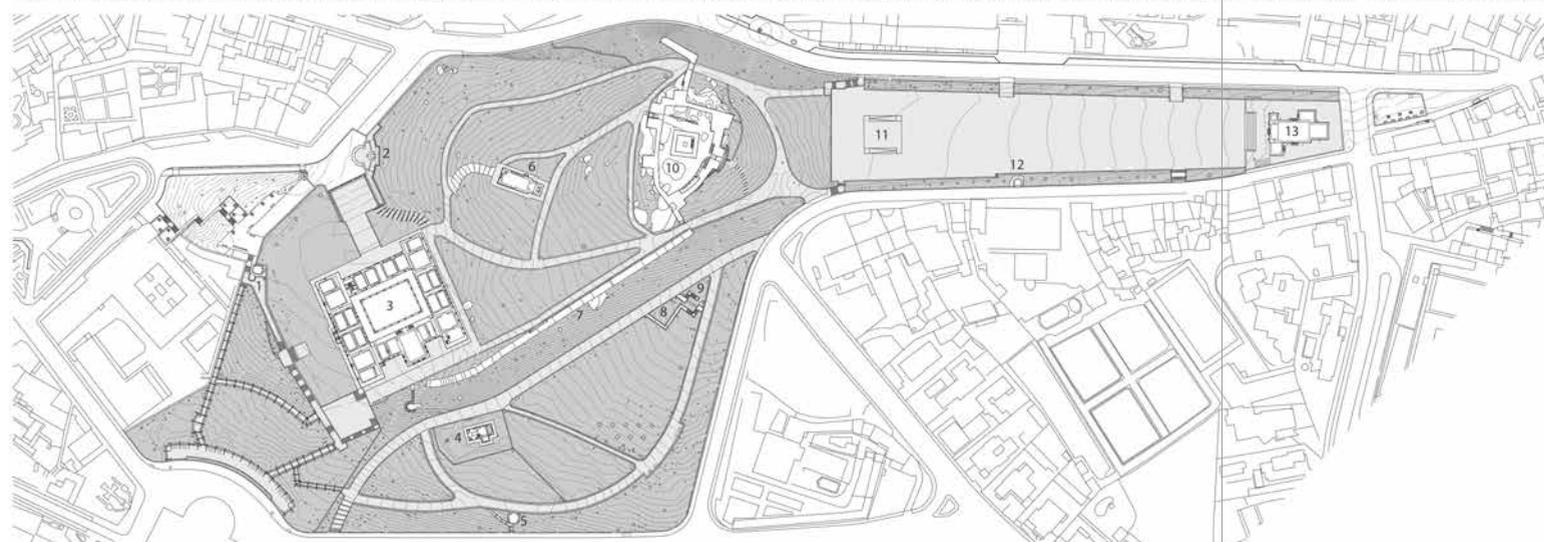


Dada a impossibilidade de construir o Centro de Interpretação no próprio local, deliberou a Câmara Municipal de Fronteira a sua construção no centro da Vila, num local com grande visibilidade e inserido num parque urbano que simula/invoca o campo de batalha. No decurso da visita ao Centro de Interpretação da Batalha de Atoleiros – Fronteira, os visitantes irão experimentar diferentes perspetivas visuais sobre o campo de Batalha, mas também sobre a História, através dos seus protagonistas e autores, levadas pela mão do pintor Martins Barata, autor do fresco que invoca a batalha, instalado na sala de audiências do Tribunal de Fronteira, vizinho do Centro de Interpretação. No seu interior, é constituído pelos três grandes núcleos expositivos e pelos espaços de apoio, como sejam a recepção/bilheteira, as instalações sanitárias, uma área de apoio com serviço automático de bar e bengaleiro. A massa construída do edifício remete para um imaginário da construção de taipa tradicional, recorrendo a uma textura rugosa, conseguida com a utilização de betão colorido, com várias texturas, num sentido manual próximo da mão humana. A textura é reforçada com a interposição de linhas de lajes de xisto colocadas na junta horizontal. Um banco de grande dimensão, no final do circuito expositivo, apresenta o parque urbano em toda a sua dimensão, ensaiando um outro discurso expositivo, este feito de elementos vegetais e inertes, numa dimensão escultórica que simula as planícies e remete a imaginação para a Batalha de Atoleiros.





1 FONTE F1 . 2 MONUMENTO D. AFONCO HENRIQUES . 3 PAÇO DOS DUQUES . 4 CAPELA DE SANTA CRUZ . 5 FONTE F2 . 6 IGREJA S. MIGUEL DO CASTELO . 7 MURALHA . 8 RAMPA DE ACESSO . 9 INSTALAÇÕES SANITÁRIAS . 10 CASTELO DE GUIMARÃES . 11 ZONA LAJEADA L8 . 12 FONTE F3 . 13 IGREJA DE S. DAMASO



REQUALIFICAÇÃO DO MONTE LATITO E CAMPO DE SÃO MAMEDE

MVCC Arquitectos
2009-2012
Guimarães

Autores

Mercês Vieira, Camilo Cortesão e Pedro Jorge Ginja com Miguel Cabral

Colaboradores

Pedro Preto, Sandra Brito

Especialidades

Hidráulica: Luís Prazeres;
Eletricidade e Segurança:
Luís Matos

Promotor da obra

Câmara Municipal de Guimarães e Instituto dos Museus e da Conservação

Tipo de encomenda

Adjudicação direta

Desenhos

Palco do Campo de São Mamede
Planta geral
© MVCC Arquitectos

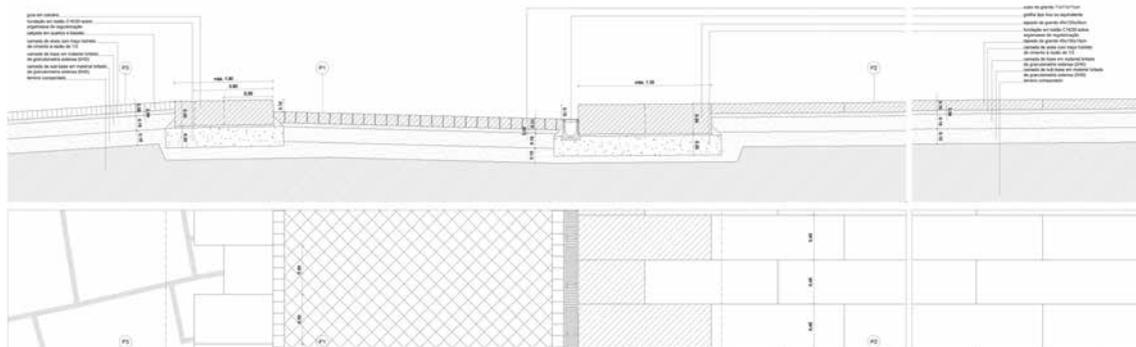
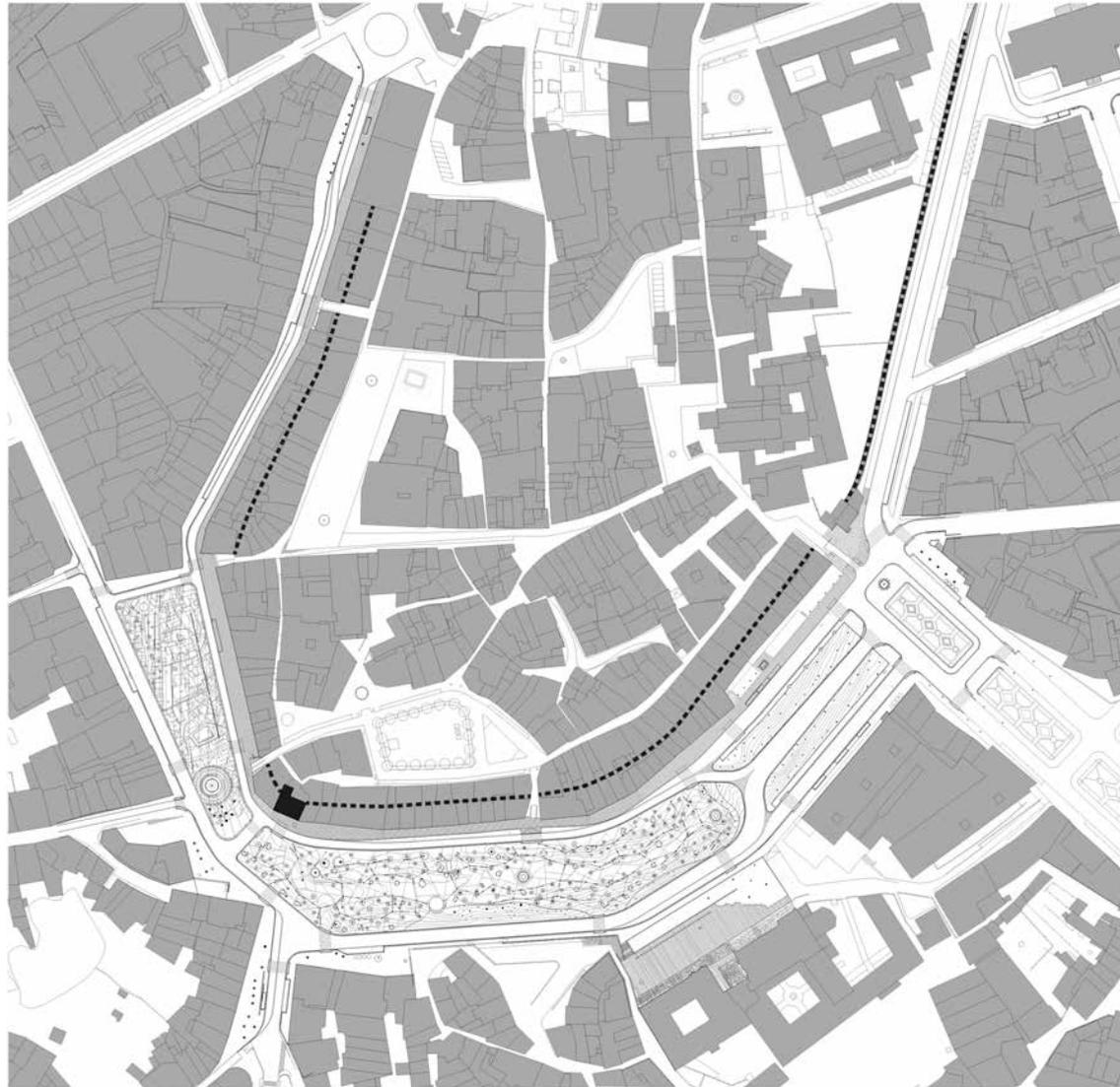
Fotografia

© MVCC Arquitectos



Os jardins do Castelo de Guimarães e do Paço dos Duques de Bragança nasceram em meados do século que passou. O Arquiteto Rogério de Azevedo, que na mesma época desenhou também o "Paço" tal como o conhecemos, e o "Engenheiro Silvicultor com Curso de Arquitetura Paisagista" António Viana Barreto são os seus autores. No âmbito da Capital da Cultura 2012, Guimarães promoveu o Projeto de Requalificação deste espaço público com mais de 7ha que, embora muito degradado, recebia o maior número de visitantes no Norte de Portugal. A coerência formal e construtiva do Projeto de 1957 levou a que a requalificação fosse entendida como obra de reabilitação e restauro. O projeto sistematiza uma operação de manutenção profunda que repõe, no essencial, os princípios fixados pelos autores: reabilita as drenagens, retoma e retifica o desenho dos percursos pedonais, recupera ou melhora pavimentos e acessibilidades, reabilita e renova o coberto vegetal e a arborização, controla os elementos aparentes das infraestruturas e remodela a iluminação pública e a iluminação cénica dos edifícios. Por opção formal e ética, este é um projeto sem protagonismo inútil, para uma obra que se quis invisível.





REQUALIFICAÇÃO URBANÍSTICA DA PRAÇA DO TOURAL, ALAMEDA DE SÃO DÂMASO E RUA DE SANTO ANTÓNIO

Maria Manuel Oliveira (CE/EAUM) com Maria João Cabral e Ana Jotta 2009-2012
Guimarães

Colaboradores

André Delgado,
Sofia Parente, João
Rosmaninho, Miguel Nery

Consultores

História da Arquitetura e da Cidade: Jorge Correia;
Ambiente Pedonal nas Cidades: André Fontes;
Mobilidade: António Babo;
Conservação e trasladação de Fontes e Cruzeiro: Paulo Lourenço

Especialidades

Mobilidade: António Babo com Marta Oliveira, GNG. APB; Especialidades: Paulo Silva, AFA CONSULT; Arruamentos: Paulo Silva com Ana Rita Castro; Hidráulica: Paulo Silva com Ana Rita Castro e Marisa Fernandes; Eletricidade e Iluminação: Raúl Serafim com Ricardo Pereira e Vasco Sampaio; Luminotecnica: Raúl Serafim; Telecomunicações: Raúl Serafim com Ricardo Pereira e Vasco Sampaio; Gestão de Resíduos da Construção: Paulo Silva e Ana Rita Castro; Segurança e Saúde: Paulo Silva e Pedro Pereira

Promotor da obra

Câmara Municipal de Guimarães

Tipo de encomenda

Adjudicação direta

Desenhos

Planta geral
Pavimentos
© CE/EAUM

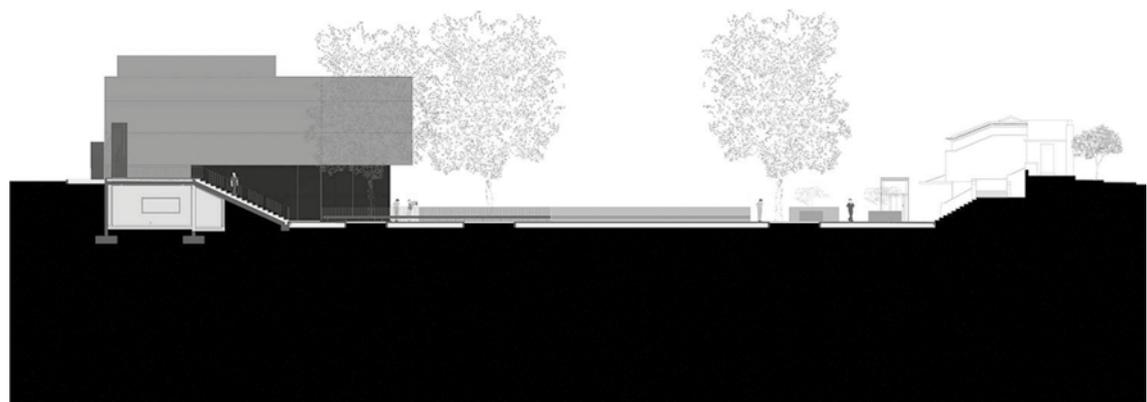
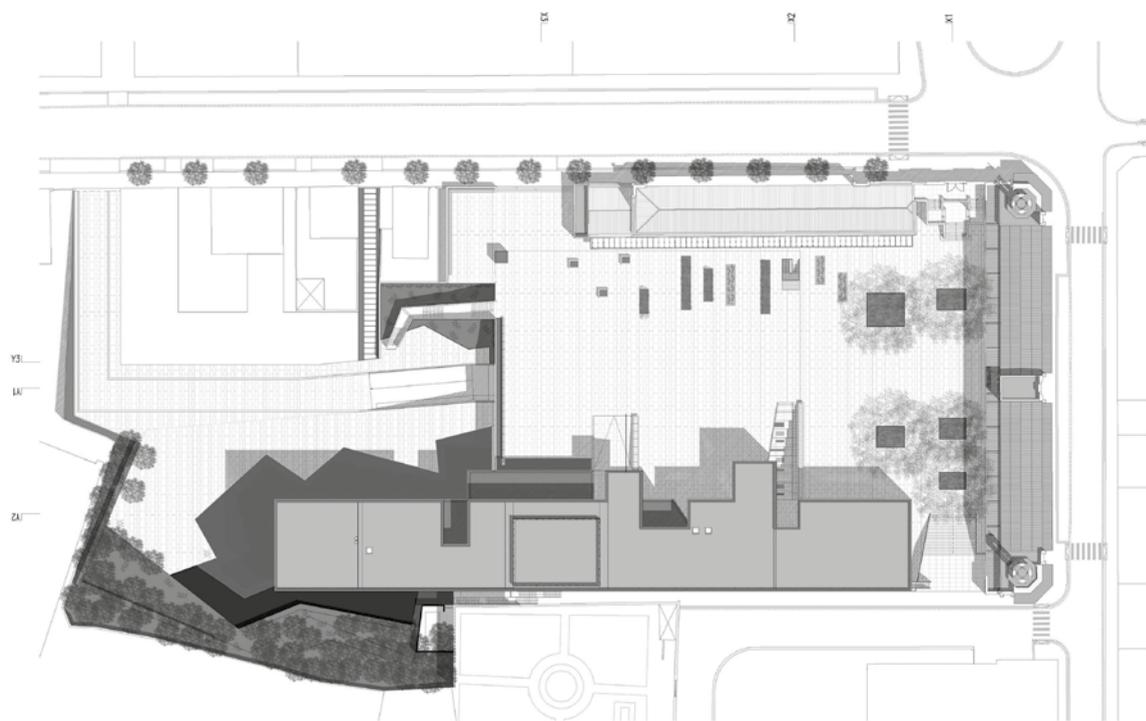
Fotografia

© Amaro das Neves



A Alameda de São Dâmaso, a Praça do Toural e a Rua de Santo António constituem uma sequência de espaços em *enfilade* dispostos ao longo da muralha medieval. Ocupando cerca de 40 000m², conformam um importante segmento da área intersticial entre o Centro Histórico da cidade de Guimarães e as zonas extramuros. Colocando em evidência muitas das polaridades que atualmente se revelam na intervenção em tecidos urbanos com valor patrimonial – uso cidadão quotidiano versus turístico sazonal; reinterpretação do património versus musealização; memória em construção versus tradição – o projeto pensou o espaço público como lugar aberto e disponível à expressão de uma sociedade progressivamente multicultural. O desenho procurou, assim, os seus fundamentos numa interpretação atual e acertada do lugar, ancorando a transformação na espessura da sua *longue durée*, sedimentando temas da urbanidade contemporânea e significados incorporados na memória coletiva. Nesse sentido, foram recuperadas espacialidades e objetos da história do lugar entretanto perdidos no tempo, e incluídos outros, que atualizam essa trajetória, (re)situando a intervenção nos nossos dias. O chafariz quinhentista, que regressou à sua origem, e o varandim da autoria de Ana Jotta, desenhado expressamente para o lugar, são a expressão mais evidente dessa opção projetual. Quase uma década depois da sua requalificação, é possível verificar que este conjunto de espaços se abriu a fruições e usos diversificados, potenciando a sua condição de ágora e assim cumprindo o fundamento primeiro do projeto, expresso na reunião pública que em 15 de julho de 2009 abriu à cidade o debate público: As Pessoas Somos Nós.





ENVOLVENTE DA PLATAFORMA DAS ARTES E DA CRIATIVIDADE

Pitágoras Group
2010-2012
Guimarães

Autores

Raul Roque Figueiredo,
Alexandre Coelho Lima,
Manuel Vilhena Roque,
Fernando Seara de Sá

Colaboradores

João Couto, Marlene
Sousa, Carla Guimarães,
João Carvalho, Fernando
Torres, Mariana Santos,
André Malheiro, Francisco
Oliveira, Hélio Pinto

Especialidades

Fundações, Estruturas
e Hidráulica: PROJEGUI;
Acústica e Higrotérmica:
Vasco Peixoto de Freitas;
Mecânica e Térmica: GET;
Eletricidade: FERIS; Arranjos
exteriores: Jorge Maia e
Pitágoras Group

Promotor da obra

Câmara Municipal
de Guimarães

Tipo de encomenda

Concurso

Desenhos

Planta de cobertura
Secção x1
© Pitágoras Group

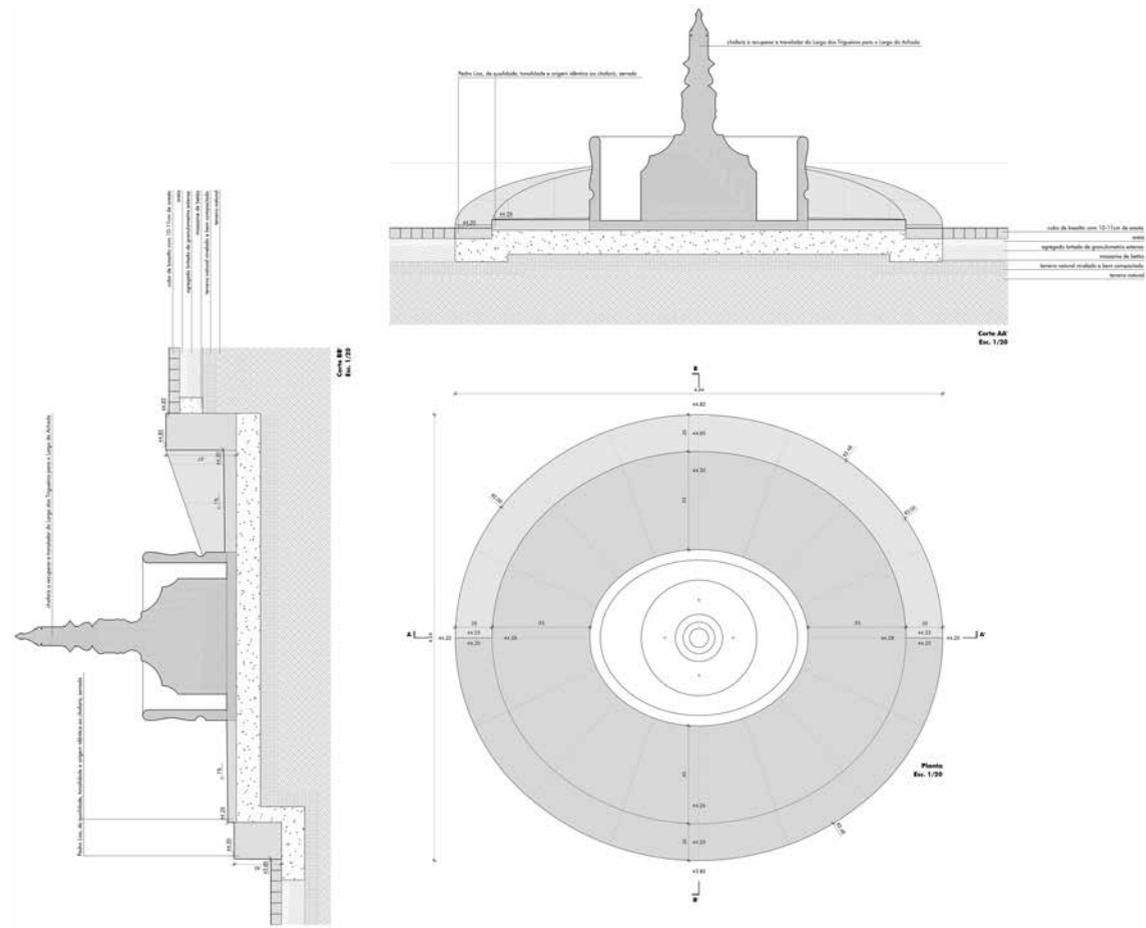
Fotografia

© João Morgado



Os edifícios que constituem o Mercado Municipal e o espaço por eles definido, habitualmente designado como "a praça", nome que adquiriu da anterior praça do mercado, são, em conjunto, elementos caracterizadores da paisagem urbana da cidade de Guimarães. O recinto do antigo mercado municipal dispunha de uma localização privilegiada, com excelentes acessos e extremamente central, muito próximo da Praça do Toural e do centro histórico. Com este projeto, de transformação da praça do mercado num espaço multifuncional, dedicado à atividade artística, cultural e económico-social, no âmbito da Capital Europeia da Cultura de 2012, concretizou-se a recuperação de uma área fundamental do espaço da cidade, reintegrando-a física e funcionalmente na malha urbana. Para além disso, a operação estendeu-se para os terrenos anexos, possibilitando a requalificação do espaço interior do quarteirão, totalmente descaracterizado, produto da sua ocupação com uma indústria de transformação de mármore. O novo edifício assume uma linguagem radicalmente diferente, por contraste com a envolvente, quer do ponto de vista da sua expressão e imagem, quer pela sucessão de volumes. Para a praça formulámos uma proposta com um desenho francamente mais assético e revestimento em grandes lajes de betão, como contraponto dos edifícios envolventes, caracterizando-se como a grande zona de receção e reunião multifuncional, traduzindo-se numa plataforma física, sintetizando a sua vocação de espaço público por natureza. Será uma área propositadamente pouco equipada, sendo preservadas as árvores de grande porte a nascente, introduzindo alguns elementos de vegetação junto ao edifício a nascente, mas deixando a maioria do espaço livre possibilitando o desenvolvimento de inúmeras atividades de forma espontânea ou organizada, no âmbito do uso da Plataforma ou não. Também o mobiliário urbano utilizado na praça é constituído por elementos móveis, por forma a que possa ser mais versátil na sua utilização.





REQUALIFICAÇÃO URBANÍSTICA E AMBIENTAL DOS ESPAÇOS PÚBLICOS DA MOURARIA

Tiago Silva Dias com Filipa Cardoso de Menezes e Catarina Assis Pacheco
2010-2012
Lisboa

Promotor da obra
 Câmara Municipal de Lisboa

Tipo de encomenda
 Adjudicação direta

Desenhos
 Largo da Achada – Chafariz
 Plano geral
 © Silva Dias Arquitecto

Fotografia
 © Silva Dias Arquitecto

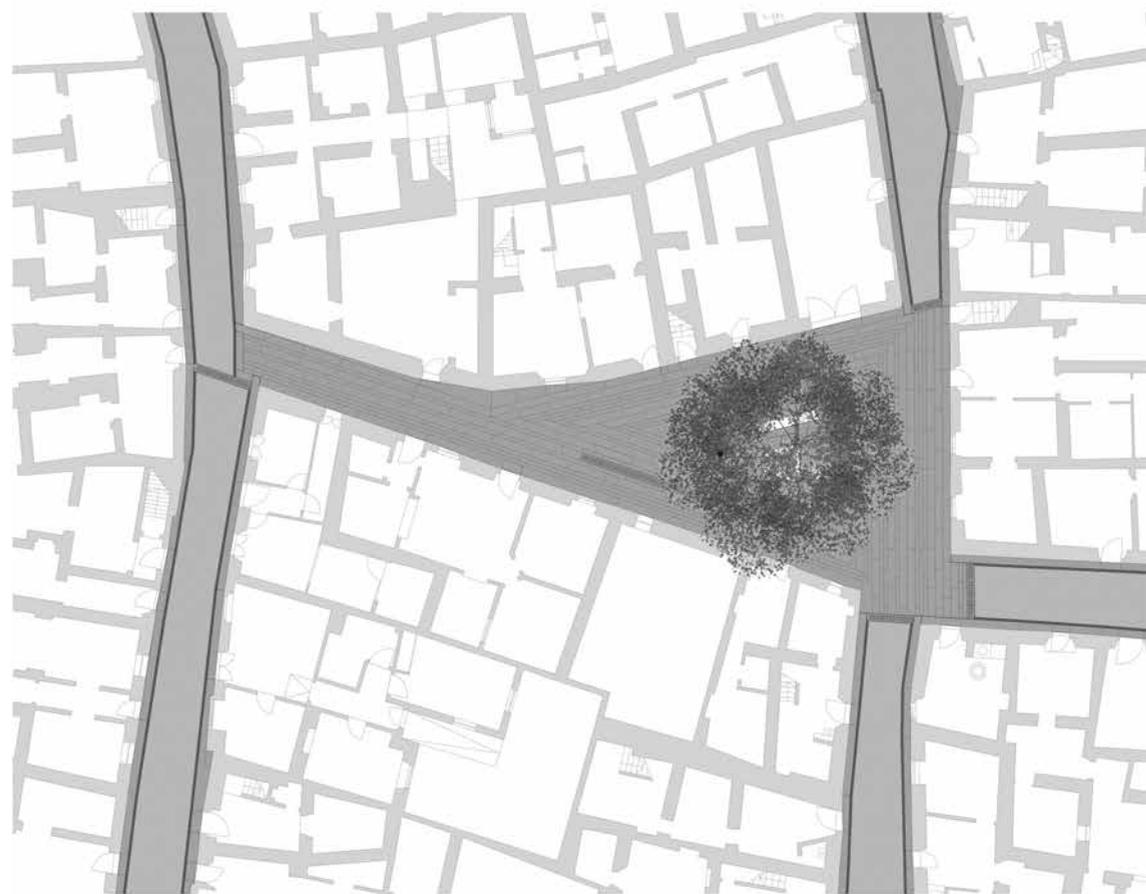


Foi ponto de partida para a requalificação urbanística e ambiental dos espaços públicos da Mouraria que a intervenção constituísse centelha indutora, em conjunto com as restantes ações previstas para a área, para além da reabilitação do conjunto edificado, da requalificação e da potenciação do dinamismo do bairro nas suas diversas componentes, com relevo para as de fixação de população e do estímulo da economia local e que, paralelamente, a intervenção contribuísse para o incentivo da vida comunitária, acentuando o orgulho no lugar por parte dos seus habitantes, através da apropriação afetiva do resultado da intervenção. Constitui a base conceptual da proposta de intervenção a valorização estrutural e espacial do conjunto rua-largo, como base do tecido urbano da Mouraria – conjunto de raiz espontânea de onde extrai a substância da herança cultural da forma como se estabelecem as relações espaço privado-espaço público, mescla da herança latina e muçulmana, e do protagonismo da "arquitetura sem teto"-espaço urbano em diálogo com a "arquitetura com teto"-espaço interior contido nas massas edificadas. Aliou-se contenção formal ao respeito pela imagem-memória do local, para que a intervenção fosse, sobretudo, valorizadora das características do sítio nas suas componentes cénicas e vivenciais. Propôs-se uma intervenção desenhada segundo critérios de contemporaneidade, harmonizada e em estreita consonância com o lugar nos seus aspectos ambientais, formais e com recurso ao uso e reutilização dos materiais existentes: o calcário, o basalto e o granito. Sobrepueraram-se questões de ordem semântica: a intervenção deve refletir a hierarquia que se estabelece na estrutura urbana, ser contextual no domínio da identidade do local e, paralelamente, transmissora da diversidade formal dos espaços que a compõem.





CORTE | LARGO DA MOURARIA



PLANTA | LARGO DA MOURARIA

A | CALÇADA TRADICIONAL DE GRANITO
FORMATO E DIMENSÃO VARIÁVEL | 0,08x0,11M

C | GUIA DE REMATE EM CUBO DE GRANITO
0,10X0,10M

E | CALÇADA VIDRAÇO BRANCO APLICADA À ESQUADRIA
PEDRA MÚDA | 0,05x0,05M

B | LAJEDO DE GRANITO
LAJES RECTANGULARES DE DIMENSÃO VARIÁVEL

D | CALÇADA TRADICIONAL MUDINHA DE VIDRAÇO BRANCO
FORMATO E DIMENSÃO VARIÁVEL | 0,04x0,05M

F | CALÇADA VIDRAÇO BRANCO APLICADA À MEIA-ESQUADRIA
PEDRA MÚDA | 0,05x0,05M



REQUALIFICAÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS DA MOURARIA DE MOURA

Sofia Salema & Pedro Guilherme Arquitectos
2010-2013
Moura

Colaboradores

Andreia Valença Pires,
Ana Rita Melo, Isabel
Imaginário, Mónica
Capucho, Sylvie Claro

Especialidades

Arquitetura Paisagista:
Pedro Batalha e Catarina
Archer; Estabilidade e
Águas Pluviais: Carlos
Mata; Eletricidade e ITED:
João Giga

Promotor da obra

Câmara Municipal
de Moura

Tipo de encomenda

Adjudicação direta

Desenhos

Largo da Mouraria
- Planta e corte
© Sofia Salema & Pedro
Guilherme Arquitectos

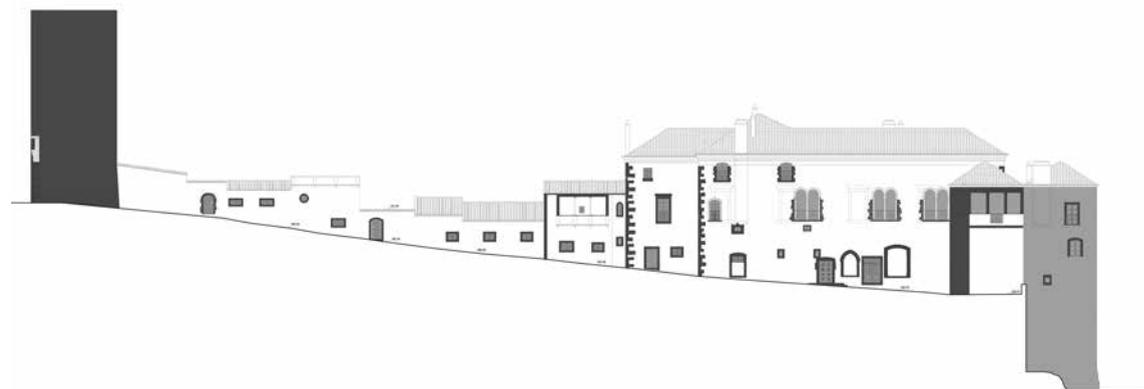
Fotografia

© Sofia Salema & Pedro
Guilherme Arquitectos



A Mouraria de Moura é um importante testemunho físico da influência árabe no Sul de Portugal. Além de ser uma das maiores e mais bem conservadas mourarias da Península Ibérica, o seu tecido urbano e as tipologias arquitetónicas preservam ainda a unidade urbanística. As suas características e o seu valor histórico e patrimonial estiveram na base da sua classificação, em 1993, como Imóvel de Interesse Público. A intervenção nos espaços públicos da Mouraria compreendeu, essencialmente, as seguintes ações: repavimentação das ruas com reformulação dos sistemas de drenagem de águas, valorização do espaço público como espaço complementar de permanência de pessoas, introdução de arte urbana nos pavimentos com padrões inspirados na cultura árabe, introdução e reforço nos espaços públicos da presença de árvores, remodelação da iluminação pública e introdução de iluminação decorativa e monumental, remoção da cablagem e infraestrutura aérea, construção de novas infraestruturas enterradas, limpeza das fachadas e alteração da circulação viária. Todos os trabalhos executados, quer do ponto de vista técnico quer do ponto de vista metodológico, respeitaram as instâncias definidas para a correta prática em conservação. A intervenção procurou estabelecer uma continuidade com a cidade, valorizar a identidade patrimonial e cultural do conjunto arquitetónico, melhorar as condições de salubridade das habitações e promover a vivência dos espaços públicos pela população. O projeto assegurou a vivência do espaço público na continuidade do espaço interior das habitações, mesmo que com redução (aparente) da visibilidade autoral de projeto, contribuindo para a qualidade dos espaços exteriores e a consolidação de uma identidade urbana. O projeto é hoje vivenciado de uma forma surpreendente, demonstrando a apropriação do local pelos seus habitantes e comprovando a identidade daquele espaço (social e arquitetónico).





PÁTEO DE SÃO MIGUEL

Francisco Barata Fernandes
2010-2014
Évora

Colaboradores

Manuel Barata, Manuel Montenegro, António Lopes, Ana Barbosa

Especialidades

NEWTON Consultores de Engenharia; A2P CONSULT Estudos e Projectos, Lda; OHM-E Gabinete de Engenharia Electrónica; GET Gestão de Energia Térmica; INACOUSTICS Engenharia Acústica

Promotor da obra

Fundação Eugénio de Almeida

Tipo de encomenda

Adjudicação direta

Desenhos

Corte
Planta
© Barata Arquitectos

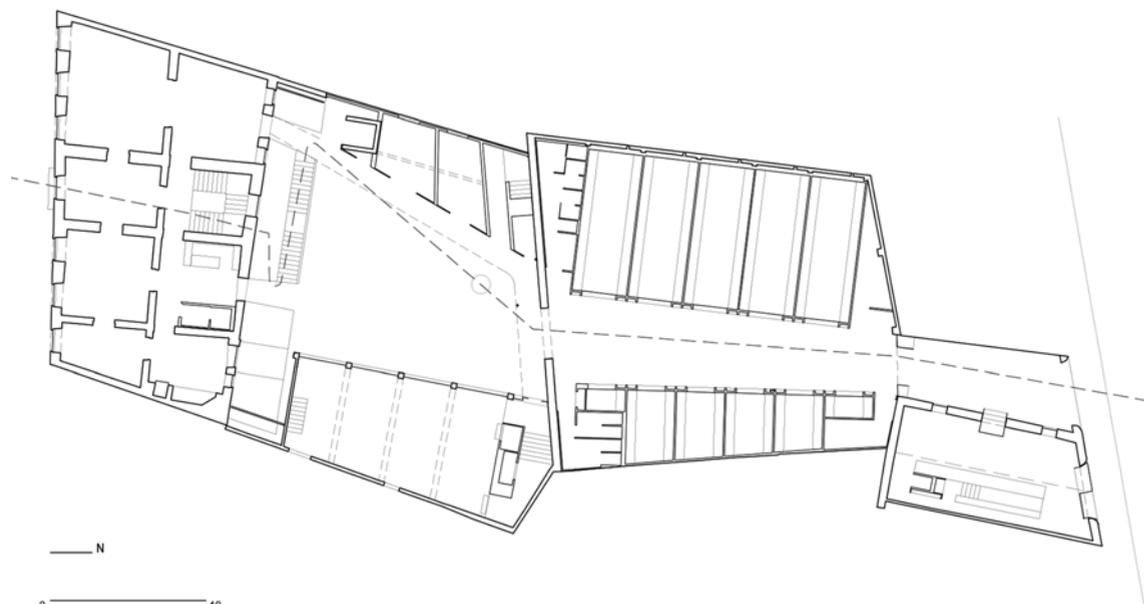
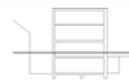
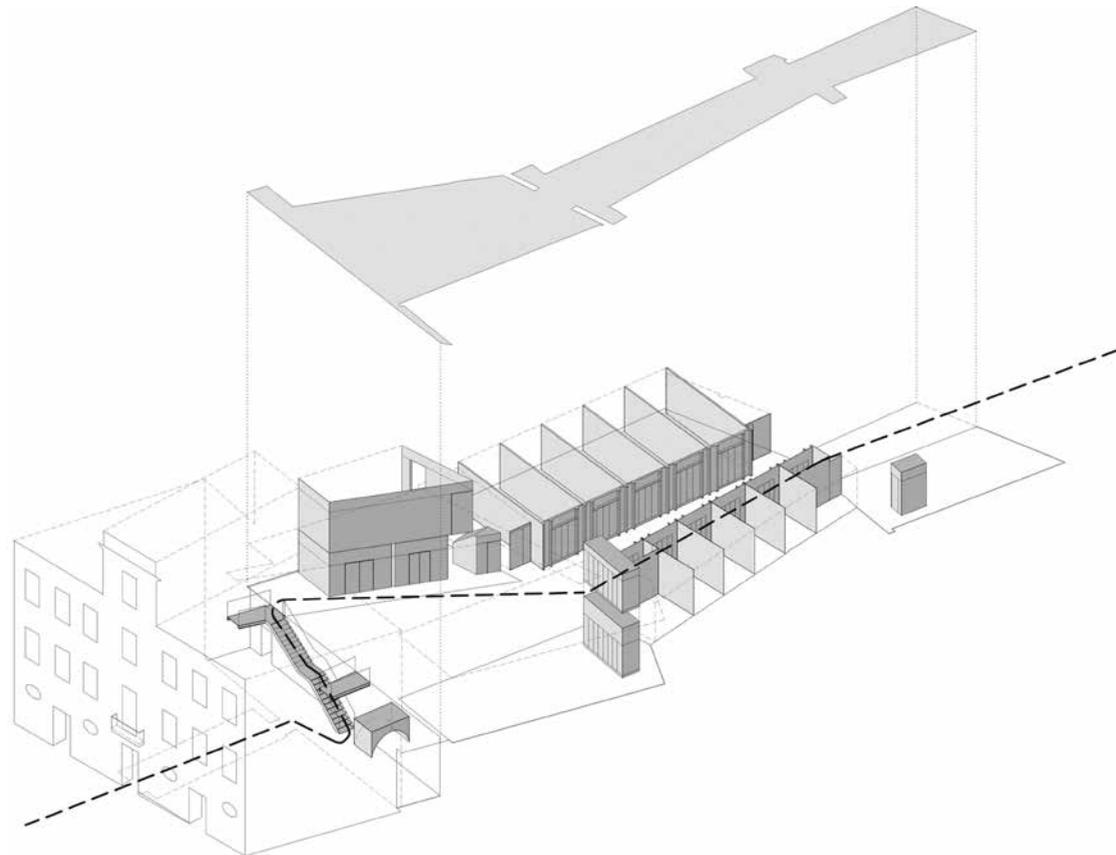
Fotografia

© Barata Arquitectos



"Pátio de São Miguel", em Évora, designa um conjunto urbano, constituído por construções de diferentes épocas (séculos XVI a XX), destacando-se o Palácio dos Condes de Basto, a Ermida de São Miguel, a Biblioteca e Arquivo, a Casa do Guarda e o Museu das Carruagens. Documentos e depoimentos da história deste lugar permitem afirmar que parte da edificação hoje existente resulta de intervenção desenvolvida por técnicos responsáveis da DGEMN nas décadas de 1940 a 1960. No Palácio dos Condes de Basto a intervenção procura refletir o papel de palimpsesto que a obra e as suas fachadas assumiram ao longo da história da cidade. Facto arquitetónico excepcional, deveria incorporar o mesmo tipo de argamassa saibrosa (cor e textura) que edifícios históricos, localizados na envolvente próxima, utilizam. Referimo-nos à Torre de Sertório, às Murallas, à própria Sé. No Pátio Central e Porta da Traição pretende-se melhorar condições de realização de espetáculos lúdico-culturais, criar novos percursos, repor o funcionamento da Porta da Traição e facilitar a relação da antiga alcáçova com a cota da Universidade. Na Biblioteca e Arquivo Eng.º Eugénio de Almeida propõe-se preservar a organização interna do edifício e recuperar a fachada, retirando-lhe o coberto da varanda introduzido na segunda metade do século XX. Na Casa do Guarda introduzem-se melhores condições à habitação e propõe-se a desmontagem do pórtico, que antecede as casas dos guardas, construído na segunda metade do século XX. No Museu das Carruagens, considerando a relação com as construções envolventes, a Torre de Sertório e a cabeceira da Sé, propõe-se a desmontagem do pórtico da segunda metade do século XX e sua substituição por cobertura simples e plana.





N

0 10



ARMAZÉM DO MERCADO

Paulo David
2012-2014
Funchal

Colaboradores

Susanne Selders, João Almeida, Joel Gomes, Sofia Teles, Filipe Ferreira, Kriistina Kuosiluoma, Adriana Henriques, Iva Camber

Especialidades

Estrutura: Miguel Vilar, BETAR; Eletricidade: Paulo Brazão, FLUXO DE LUZ; Águas e Esgotos: Bruno Teixeira, TEXVEL; Ventilação e Climatização: Pedro Camacho, LUVEGO; Segurança: José Cardoso e José Correira, PRO M&E; Paisagismo, Sinalética, Iluminação e Mobiliário: Atelier Paulo David

Promotor da obra

Francisco Costa & Filhos, SA

Tipo de encomenda

Adjudicação direta

Desenhos

Axonometria
Planta do piso 0
© Atelier Paulo David

Fotografia

© Fernando Guerra | FG+SG



"CONSTRUIR NO CONSTRUÍDO" (ESPESSURA DO TEMPO)

Um troço de cidade na matriz histórica do Funchal congrega um conjunto formal, com uso diferenciado ao longo da sua história. Chega aos nossos dias, exaurido da sua potencialidade programática, onde acresce um estado de degradação bastante acentuada. Constituído nas suas diferentes tipologias por uma bela casa oitocentista, responsável pela fundação deste pequeno troço de cidade, organiza o tempo romântico. Manifesta no plano marginal de frente de rua o exemplar mais significativo, que se implanta a cota mais baixa, e se viu afastada da sua génese programática ao longo do século XX. Diversos corpos adossam-se à casa com funções bastante distintas e marcam um período de forte carácter evidenciando o seu tempo industrial. O construir de uma pequena fábrica de bordados nas costas da casa e, no seu lado oposto, a construção de oficinas de automóveis estabelece forte contacto com uma frente de rua mais elevada.

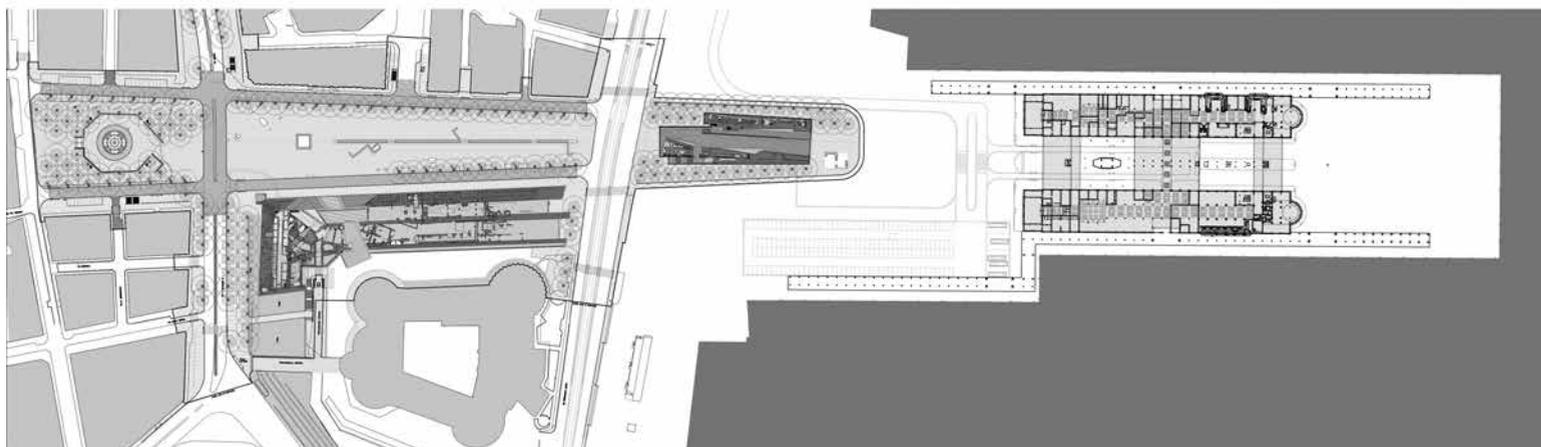
ESTRUTURA DO PROJETO

A diversidade programática, e as suas fortes diferenças formais, constrói a estratégia do projeto onde procuramos uma celebração arqueológica do lugar; mais do que fazer de novo, procuramos a exaltação da totalidade da espessura do tempo encontrado, estruturando uma prerrogativa para novos tempos. Representa oportunidade única no contexto atual desta cidade que apresenta sinais devolutos bem manifestos. Junta-se a conjugação, e o valor de ser exclusivo de um proprietário, aliada à vontade de recuperar e revitalizar este quarteirão da Cidade.

ATRAVESSAMENTO DO LUGAR

O projeto convoca para um atravessamento dos diferentes tempos e espaços, duas ruas tocam-se pelo trabalho conquistado para a permeabilidade dos edifícios, dominando a topografia da cidade. O espaço agora encontrado, amplo e aberto, composto por novos comércios, dispõe-se para novas experiências urbanas e suas culturas. Regenera-se este bocado de Cidade. "...a vida é bela, porque muda..."





PIAZZA MUNICIPIO

Álvaro Siza, Eduardo Souto de Moura e Tiago Figueiredo
2005-2015
Nápoles (Itália)

Colaboradores

Ricardo Prata, Tiago Coelho, Nuno Flores, Rita Alves, Elisa Lindade, Inês Morão Dias, Rita Duarte

Especialidades

Estruturas: Francesco Paolo Russo; Hidráulica: CONSTRUIRE SPA + ANSALDO SPA + ING. DEL GIUDICE; Eletricidade: Alexandre Martins GPIC; Mecânica: CONSTRUIRE SPA + ANSALDO SPA

Promotor da obra

Metropolitana di Napoli

Tipo de encomenda

Adjudicação direta

Desenhos

Corte geral
 Planta geral
 © Álvaro Siza

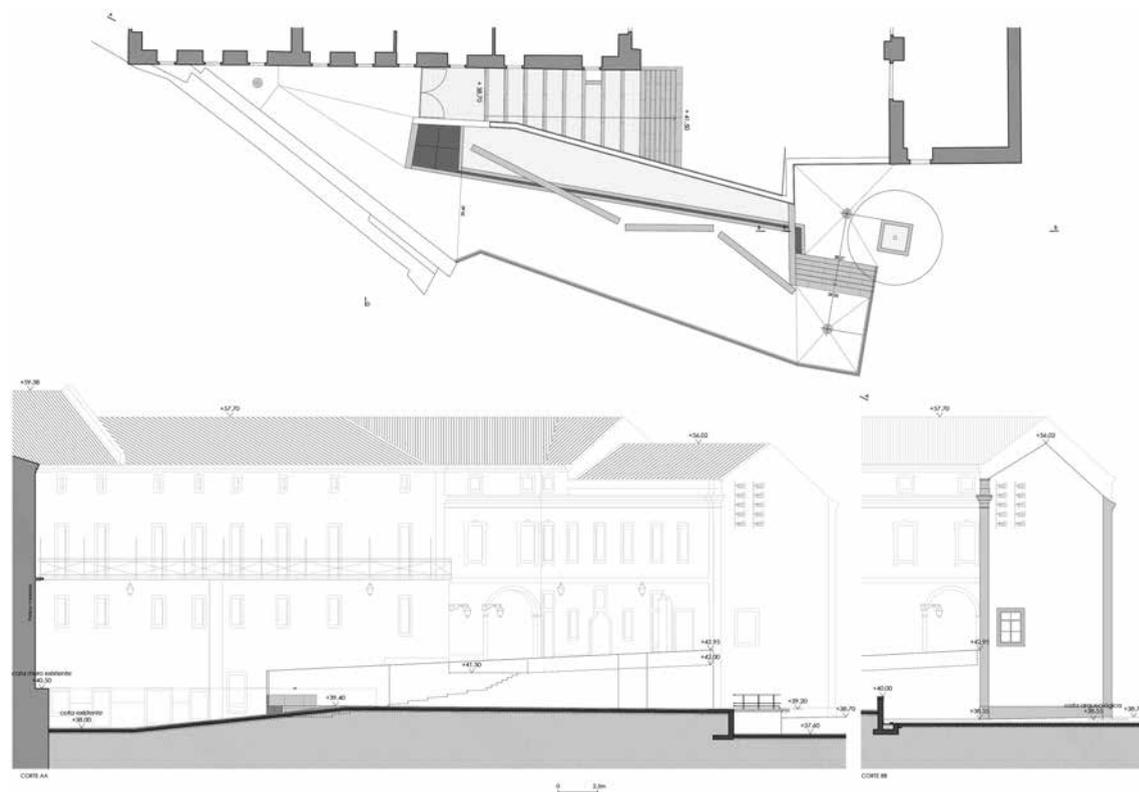
Fotografia

© Giacomo Visconti
 © Studio F64



Quando a construção do Metro acontece em Nápoles, a escavação é ela própria um projeto, um projeto em evolução, ao ritmo da realização da pesquisa arqueológica. A Estação e a Praça do Município convivem em toda a sua extensão com as ruínas da antiga muralha da época "Angionina" do Castel Nuovo e outras construções de épocas mais antigas, em camadas sucessivas de História. A existência dessas ruínas é elemento condutor do projeto e parte integrante e estrutural da estação e da praça: os muros arqueológicos são paredes fundamentais na estrutura, configuração e qualificação dos espaços interiores e exteriores da estação. A escavação arqueológica e sua hierarquização quanto ao valor dos elementos mais interessantes e fundamentais a recuperar, assim como os desvios da rede de infraestruturas e conveniências de acessos, obrigaram sucessivamente à redefinição do desenho urbano. A construção do Metropolitano constitui de facto fundamento de uma profunda transformação urbana. Essa transformação envolve a definição de um contínuo espacial Praça do Município-Gare Marítima. Este eixo urbano nascente-poente é reforçado pela utilização do mesmo material de pavimento em toda a praça e pela implantação de dois alinhamentos contínuos de árvores (*Quercus*) que se estendem da fonte Neptuno até ao Porto. Ao longo da História e conforme uma abundante iconografia confirma, esse contínuo visual, dominado pela colina e Castel Sant'Elmo, é elemento fundamental na geografia de Nápoles. Mantê-lo é objetivo deste projeto.





LIGAÇÃO PEDONAL DO PÁTIO B DO CHIADO, LARGO DO CARMO E TERRAÇOS DO CARMO

Álvaro Siza e Carlos Castanheira
2008-2015
Lisboa

Colaboradores

Coordenação:
Pedro Carvalho
Equipa: Marta Oliveira,
Diana Vasconcelos, Sara
Pinto, Susana Oliveira,
Fernanda Sá

Especialidades

GOP – Gabinete de
Organização e Projectos

Promotor da obra

Câmara Municipal
de Lisboa

Tipo de encomenda

Adjudicação direta

Desenho

Planta e cortes do pátio
da Escola Veiga Beirão
© Álvaro Siza

Fotografia

© Fernando Guerra | FG+SG



Passaram 20 anos e a recuperação do Chiado continua a ser necessária. O plano de recuperação inicial da zona sinistrada do Chiado foi executado lentamente. Ficou por concluir a ligação do Pátio B às ruínas da Igreja do Carmo, ao Largo do Carmo e ao Elevador de Santa Justa. Era necessário concluir um percurso de lógica urbana, refazendo o que antes existiu, revitalizando espaços abandonados, esquecidos, espaços desleixados de tardoz que também são cidade. Passaram 20 anos desde o primeiro convite e o arquiteto Álvaro Siza volta a ser chamado para concluir esta parte do Plano e estendê-lo até ao que agora chamam Terraços do Carmo e que corresponde às plataformas existentes a nascente da Igreja e Convento do Carmo/Quartel da GNR, ocupados por casario e construções de pouca qualidade. A área de intervenção foi também alargada, junto ao Edifício conhecido por Palácio Valadares ou Escola Veiga Beirão, criando urbanidade, permitindo outros percursos e uma maior vivência. Passaram 20 anos e também eu me revejo de volta ao Chiado, procurando cotas, interpretando desenhos, visitando o que foi feito e o que ainda espera. O novo plano permite a descida até à Rua do Carmo ou Rua Garrett, desde o Largo do Carmo, por meio de rampas, escadas e também por elevador público, incorporado na recuperação do Edifício Leonel, edifício que suporta parcialmente o acesso, em ponte, desde e para o Elevador de Santa Justa. O Plano, aprovado pelas várias entidades, pouco diverge da ideia inicial e já definida pelo inicial Plano da Zona Sinistrada do Chiado. Carlos Castanheira



ENVOLVENTE DO AQUANATUR E BALNEÁRIO TERMAL DE VIDAGO

João Paulo Loureiro
2009-2016
Vidago

Colaboradores

Susana David Oliveira,
João Pedro Pereira, Luís
Grilo, Benedita Trigo, Daniel
Oliveira, Carolina Paixão,
Susana Carabineiro,
Cláudia Moulinho,
Luís Sousa, Bárbara
Vasconcelos, Cristina Lopes

Especialidades

ABProjectos; GET; RS
e ALFAENGENHARIA

Promotor da obra

Câmara Municipal
de Chaves

Tipo de encomenda

Adjudicação direta

Desenhos

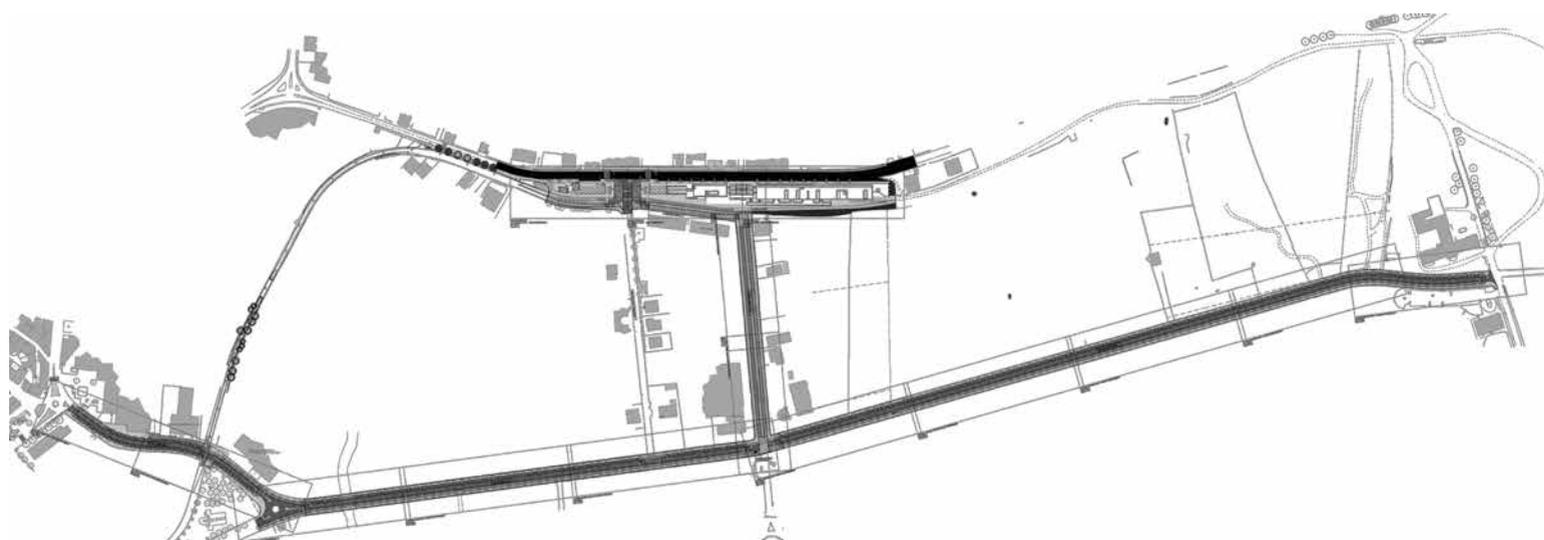
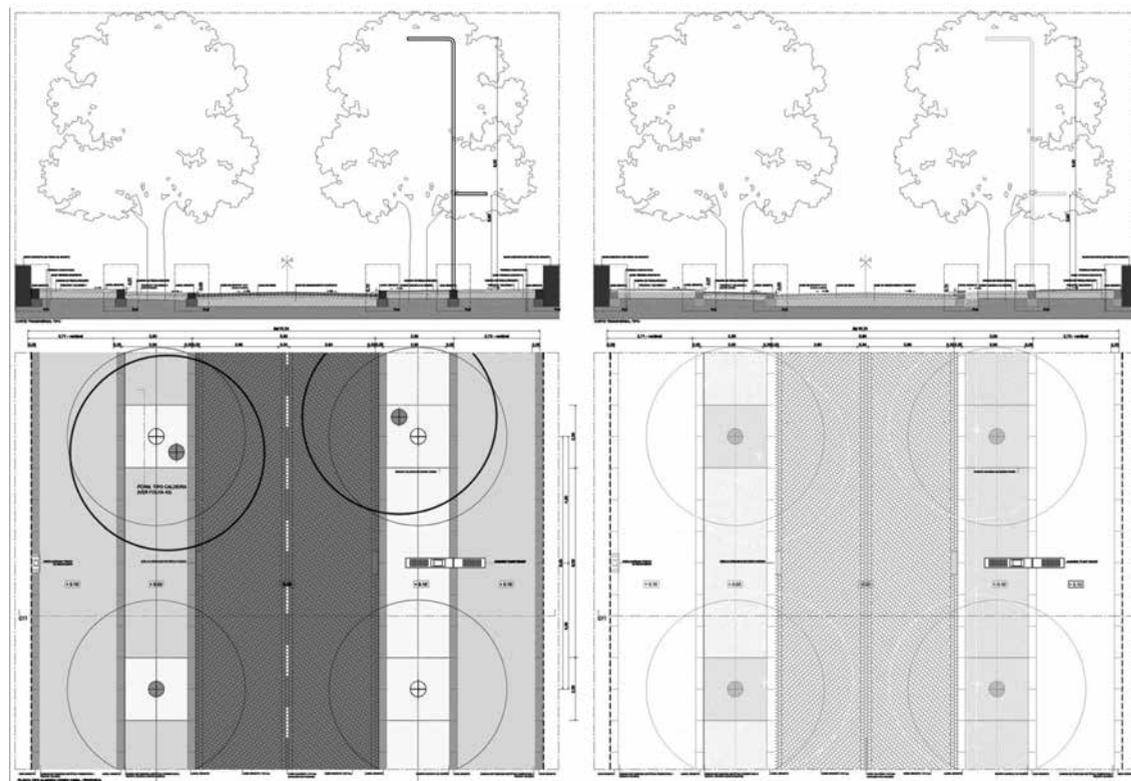
Alameda Conde Caria
- Secção-tipo
Planta geral - Ruas
© JPLarq

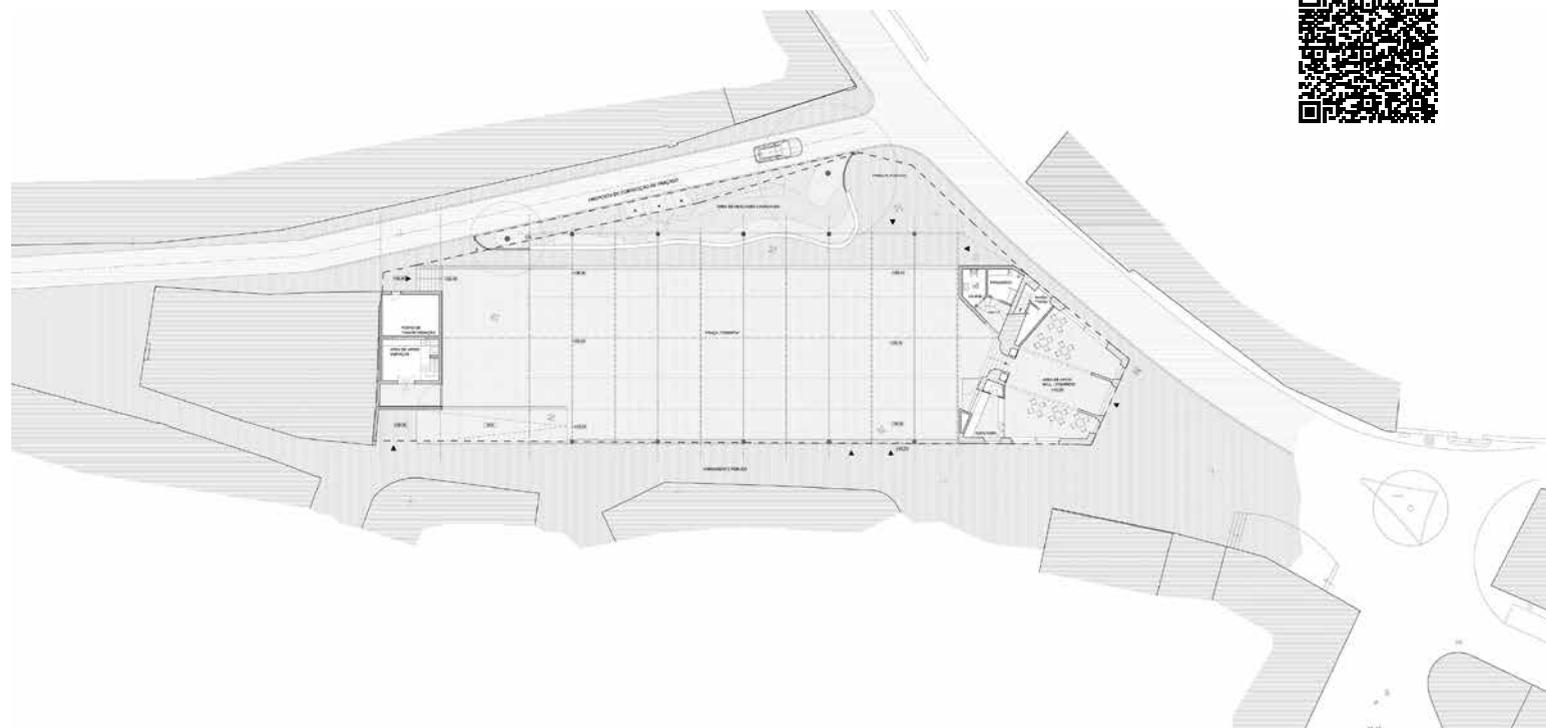
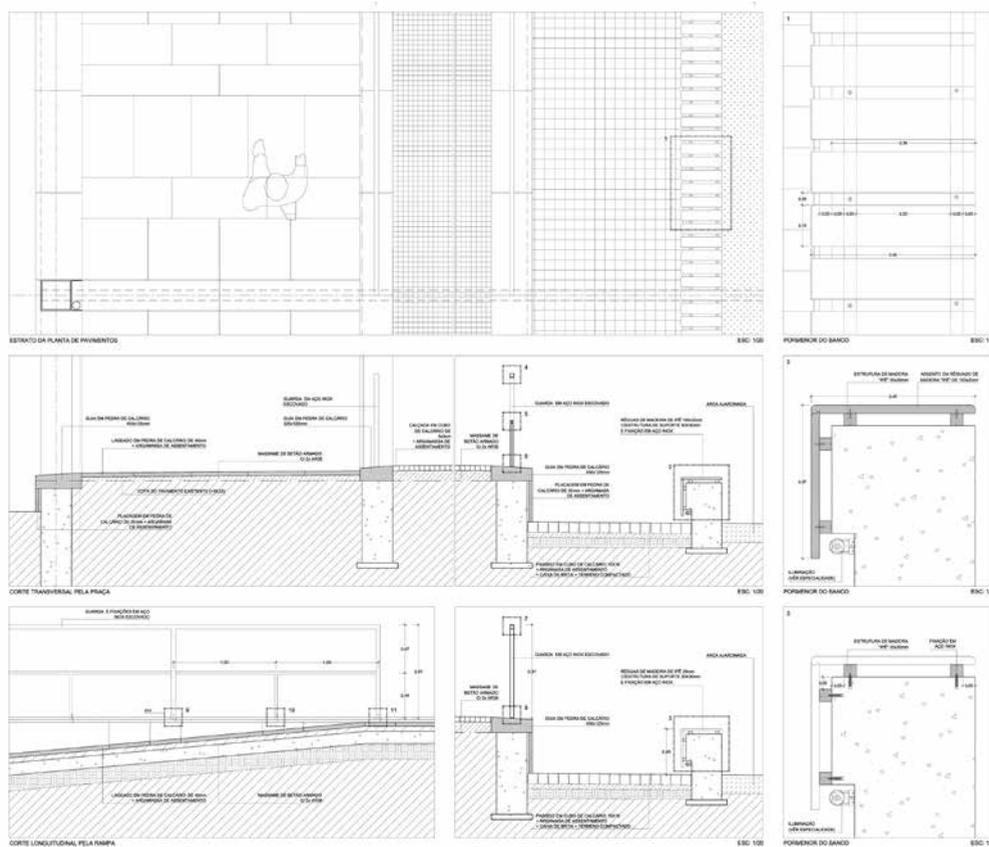
Fotografia

© JPLarq



O termalismo português viveu um período de grande desenvolvimento durante a primeira metade do século XX, associando-se o seu posterior declínio com a criação do Serviço Nacional de Saúde. Nos últimos anos verificou-se, no entanto, que as qualidades clínicas e o potencial de bem-estar associado às práticas termais são evidentes, constatando-se também que para além do seu potencial clínico, a sua valorização poderá ser determinante no desenvolvimento turístico destas regiões, nomeadamente como motor de uma reabilitação urbana e social das localidades, que detêm já uma tradição consolidada neste sector e um conjunto de nascentes de águas termais com características físico-químicas de grande qualidade, referenciadas internacionalmente. Tendo como principal objetivo e missão a promoção e o renascimento do funcionamento do termalismo na vila de Vidago, procedeu-se a um conjunto de intervenções de forma articulada, estabelecendo-se uma estratégia de desenho urbano regeneradora, compatibilizando projetos de promoção pública com projetos privados, destacando-se aqui a intervenção no principal hotel da região, o Vidago Palace, desenvolvida pelo arquiteto Álvaro Siza. Assim a proposta tem como área de intervenção um conjunto de ruas existentes no entorno ao Vidago Palace e a área integrante da antiga estação de comboios de Vidago (desativada) e procura garantir o acesso de todos os cidadãos aos tratamentos e benefícios do termalismo de Vidago, que poderia estar comprometido pelo facto do Vidago Palace estar vocacionado apenas para turistas de classes sociais privilegiadas.





RECONVERSÃO DA GARAGEM DOS CLARA & C.ª EM ESPAÇO PÚBLICO

GLCS – Arquitetos
2010-2016
Torres Novas

Autores

Gonçalo Louro
 com Tierrí Luis

Colaboradores

Paulo Costa, Rui Carmine

Especialidades

Estabilidade e Hidráulica:
 SE2P; Mecânica: GET;
 Eletricidade: PJP;
 Paisagismo: SEG, Eng.º
 António Correia, GEOPEIA

Promotor da obra

Câmara Municipal
 de Torres Novas

Tipo de encomenda

Concurso

Desenhos

Detalhes construtivos
 Implantação
 © GLCS Arquitetos

Fotografia

© João Morgado



Integrada na estratégia do Município de requalificar o espaço público do centro histórico da cidade, surgiu a oportunidade de reconverter o edifício da Antiga Garagem dos Clara & C.ª que se encontrava desativado. Com uma localização privilegiada e de características tão especiais, o edifício apresenta-se na cidade como uma referência da memória coletiva.

No processo de reconversão do edifício em espaço público, entendeu-se usar as suas características, em particular a cobertura da nave principal da garagem, para qualificar e diferenciar o espaço público na sua relação de complementaridade com os espaços adjacentes. Esta estratégia permitiu dotar o centro histórico de diferentes naturezas de espaço público, reservando-se a este a possibilidade de ser coberto. Reconhecendo a qualidade patrimonial e de referência para a cidade do edifício, optou-se por intervir de forma a valorizar cada um dos seus elementos:

- Estabilizar o pavimento existente e reconvertê-lo na plataforma do espaço público;
- Requalificar a estrutura da cobertura, propondo um novo sistema de revestimentos que permitiu a proteção da praça às intempéries, sem retirar a possibilidade da entrada da luz solar de forma "filtrada". Este efeito de luz será também uma presença noturna, assegurada pela instalação de um sistema de iluminação artificial que permite a realização de atividades noturnas;
- Conservar o edifício principal pareceu-nos importante, tanto para manter a escala urbana do largo, como a referência do conjunto da antiga Garagem Clara & C.ª, assim como servir de "apoio" às atividades da praça. O piso térreo foi "limpo" das atuais funções, abrindo-se os vãos exteriores à cidade, tornando este espaço a "porta" edificada da praça. O piso -1 foi reconvertido em instalações sanitárias de apoio;
- No topo poente, demoliu-se uma construção existente, originando um espaço descoberto que permite a instalação de equipamentos sem constrangimento de altura, como por exemplo um palco profissional.





REQUALIFICAÇÃO DO CENTRO HISTÓRICO DE VALENÇA

Eduardo Souto de Moura
2003-2017
Valença

Colaboradores

Ana Fortuna, Sérgio Kock, Elisa Lindade, Diogo Lima, Tiago Coelho, Manuel Vasconcelos, Sílvia Alves, Ana Patrícia Santo, Estela Cadenas

Especialidades

AFA CONSULT e Daniel Monteiro

Promotor da obra

Câmara Municipal de Valença

Tipo de encomenda

Adjudicação direta

Desenhos

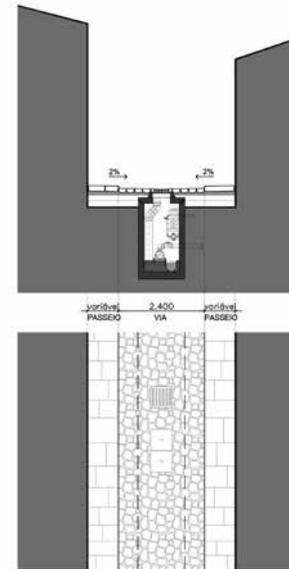
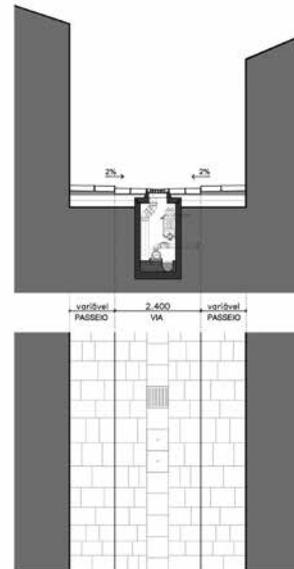
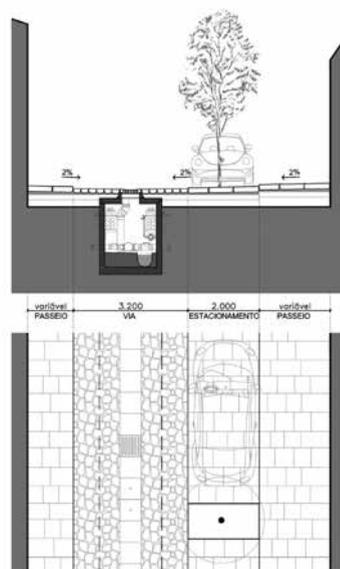
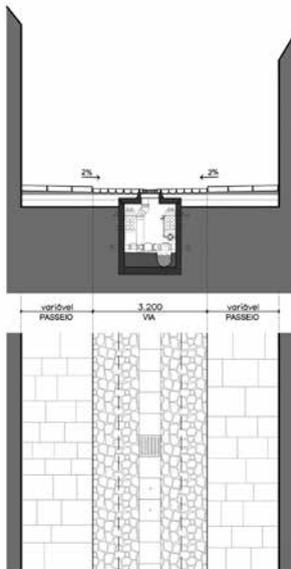
Arruamentos – Perfis
 © Souto Moura Arquitectos

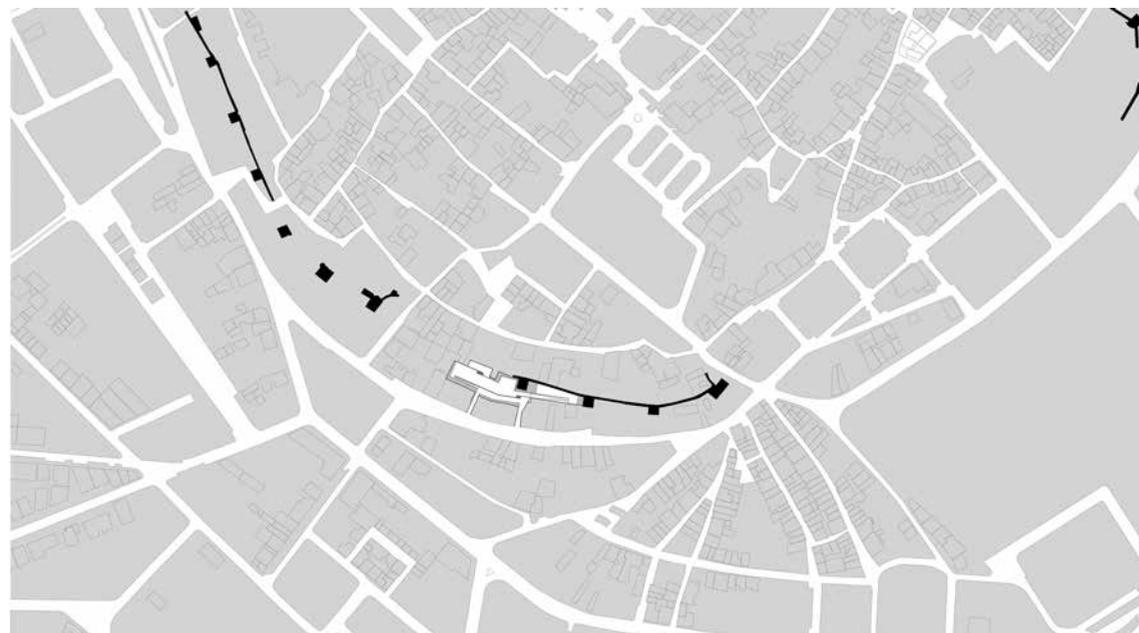
Fotografia

© Luís Ferreira Alves



Constituindo um dos mais importantes sistemas defensivos da raia do noroeste português, a praça-forte de Valença é objeto de trabalho para a requalificação do seu centro histórico. A evolução urbana de Valença caracteriza-se essencialmente por dois momentos mais importantes: o primeiro, no século XIV, corresponde à implantação de um núcleo medieval de acordo com algumas regras de implantação das *bastides* europeias e a segunda, no século XVII, corresponde à reestruturação das suas muralhas segundo os modelos teóricos de espaço urbano e funcionamento militar. Paralelamente a este sistema de fortificação, deparamo-nos com uma estrutura urbana onde foi acrescentado o espaço militar, confinando com esta e localizando-se na sua periferia. Com o aumento da população urbana, muitos dos edifícios militares serão reocupados com funções civis e os espaços vazios preenchidos com casas, resultando no corte das vias que ligavam às portas e na criação de novas ruas em detrimento da estrutura hierárquica do primitivo núcleo. A malha urbana construída encontra-se fragmentada em zonas desconexas: a muralha, espaços abertos, arruamentos, edifícios, árvores, fragmentos estes que têm de pertencer a um sistema. A proposta visa tentar integrar todos os elementos que compõem o tecido urbano: A clara definição da área de aglomerado urbano onde se concentram todas as funções sociais e as muralhas como perímetro exterior de mancha verde, percorridas por um arruamento que a delimita; A pavimentação como unificação e coesão da malha urbana, conferindo-lhe hierarquias e usos; A redefinição de espaços públicos com a introdução de áreas verdes; Percursos pedonais em saibro no perímetro da muralha, rematando com árvores em todo o seu desenvolvimento. Um dos elementos mais simples utilizados para a conexão e ligação dos vários elementos que constituem o tecido urbano é a pavimentação. Na nossa proposta, a pavimentação contribuiu para a unificação e coesão da malha, conferindo-lhe hierarquias e funções.





PARQUE VISTA ALEGRE

José Manuel Carvalho Araújo
2014-2017
Beja

Colaboradores

Joel Moniz, Alexandre Branco, Sandra Ferreira

Especialidades

Estruturas, Instalações, Equipamentos, Águas e Esgotos, Eletricidade, Ventilação e Exaustão: BO Associados; Iluminação: ALFILUX

Promotor da obra

Câmara Municipal de Beja

Tipo de encomenda

Adjudicação direta

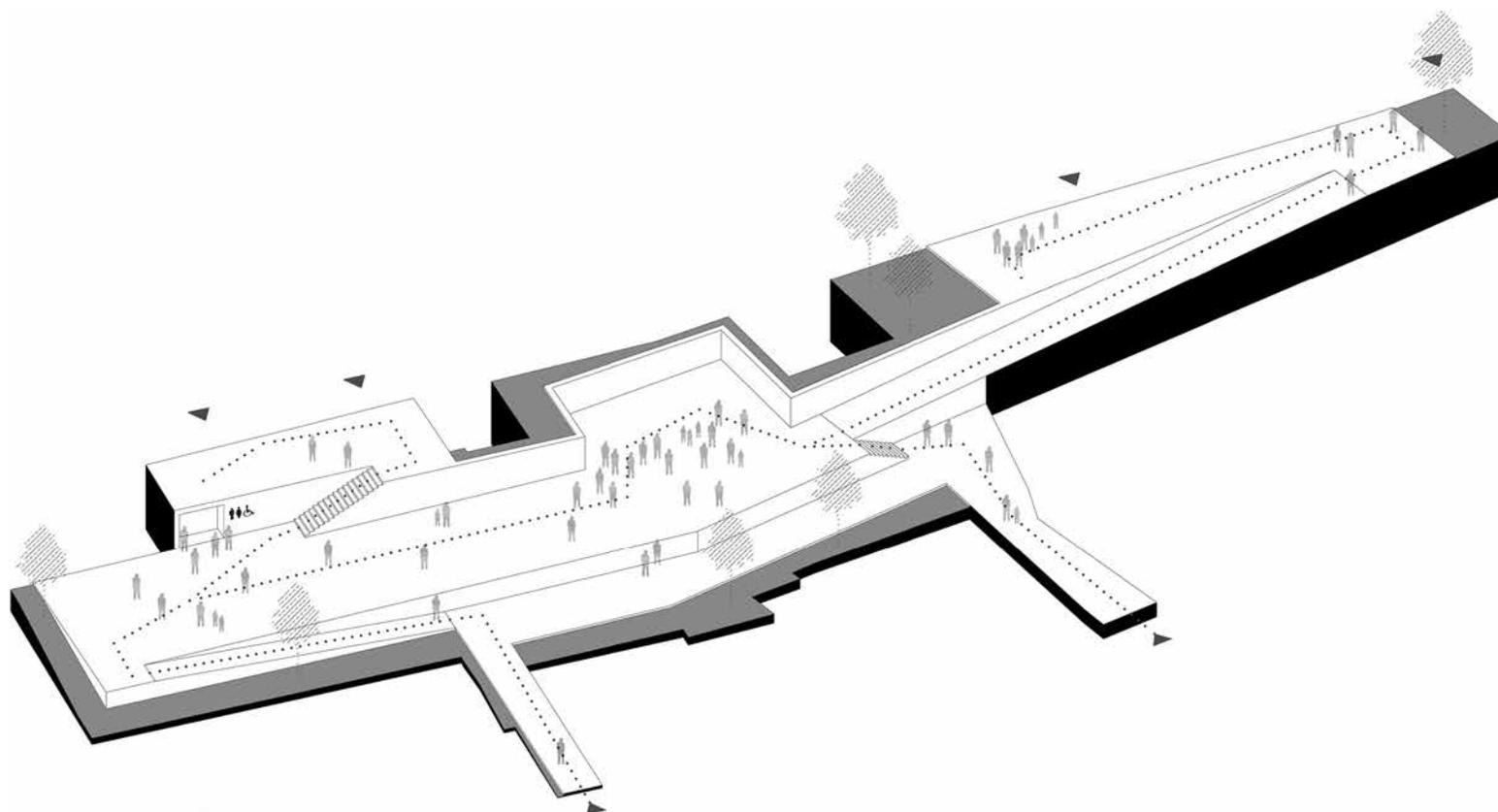
Desenhos

Planta de localização
Esquema de circulações
© J.M. Carvalho Araújo

Fotografia

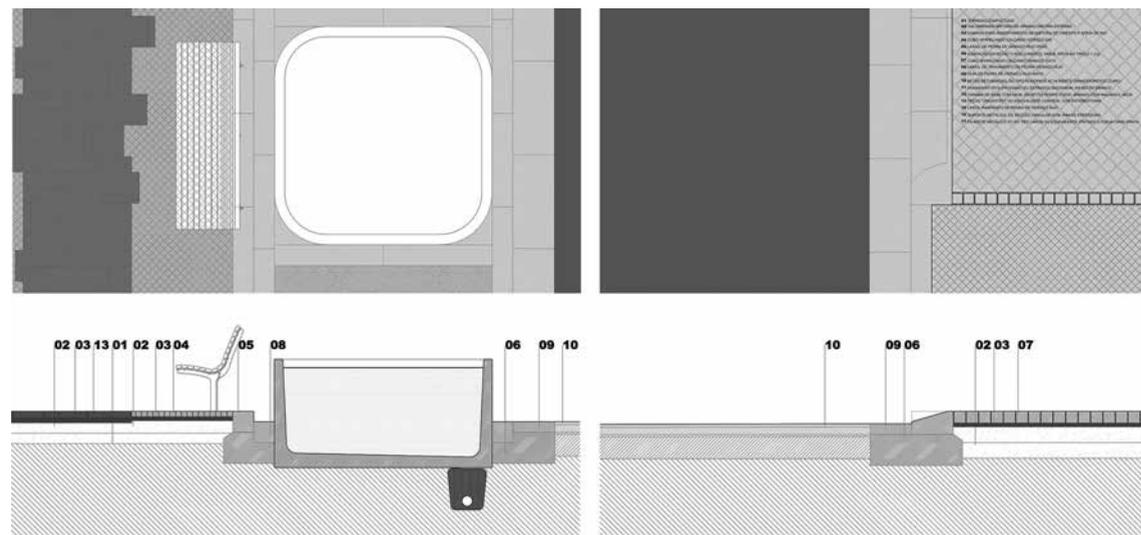
© NUDO

O Parque Vista Alegre caracteriza-se pela configuração invulgar e localização privilegiada no centro histórico da cidade de Beja, no limite da muralha. A degradação e a necessidade de reintegração na cidade justificaram a intervenção num espaço que era apenas um somatório de passagens e vielas, no espaço intersticial entre a muralha alta e o casario a uma cota mais baixa. De uma forma geral, a proposta consiste numa peça única de betão pigmentado à cor da muralha que "encaixa" no espaço, libertando-se dos elementos preexistentes – como a muralha, pavimentos e vestígios arqueológicos. Procurou-se uma simplificação formal da estrutura funcional existente, mantendo uma lógica de percurso fluído para os acessos já existentes, mas definindo pontos de acesso principais através de um jogo de rampas e escadas. Simultaneamente, definiram-se duas plataformas a níveis distintos, conferindo à praça uma maior polivalência, sustentada pelas infraestruturas de apoio criadas (bar e casas de banho de apoio).





ESPAÇOS
 E01 ADRO DA IGREJA DE SANTO
 E02 ARCADES COMERCIAIS
 E03 QUAIQUES DE FLORES
 E04 MIRADOURO
 E05 PARAGEM DE AUTOCARRO
 E06 PARAGEM DE TÁXI



REVITALIZAÇÃO DO CENTRO URBANO DE CAMARATE

José Adrião Arquitectos
 2015-2017
 Loures

Colaboradores

Chefe de projeto:
 Ana Grácio; Ana Isabel Santos, Carla Gonçalves, Gonçalo Ponces, João Albuquerque Matos, Paulo Palma, Ricardo Aboim Inglez, Tomás Forjaz

Especialidades

Arquitetura Paisagista:
 NPK; Tráfego e Drenagem:
 TIS; Design Gráfico: FANQ!
 CROSSMEDIA

Promotor da obra

Câmara Municipal de Loures

Tipo de encomenda

Concurso

Desenhos

Planta geral
 Pormenor-tipo
 © José Adrião Arquitectos

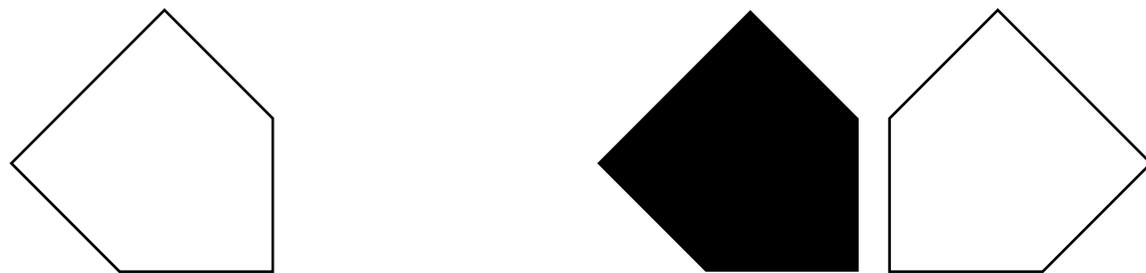
Fotografia

© Nuno Almendra



A intervenção no espaço público do Centro Urbano de Camarate parte de um concurso a convite da Câmara Municipal de Loures em junho de 2015. A proposta apresentada a concurso, e da qual decorre o projeto implementado, definiu-se a partir da seguinte estratégia: Potenciar uma centralidade em Camarate a partir do seu eixo principal de comércio – Rua Avelino Salgado de Oliveira e Rua Guilherme Gomes Fernandes – e da Praça 1.º de Maio onde se situa a Igreja de São Tiago Maior; Aumentar as áreas de circulação pedonal ao longo das ruas Avelino Salgado de Oliveira e Guilherme Gomes Fernandes, principalmente no passeio a norte, junto à galeria comercial, de modo a melhorar a acessibilidade a estes espaços; Reforçar o caráter do largo da Igreja de São Tiago Maior como centro histórico através da sua redefinição; Redefinir o canal viário e de estacionamento com a introdução de um sistema verde. O desenho do espaço público assentou na melhoria da acessibilidade pedonal em detrimento de uma pressão automóvel ao nível do estacionamento. No eixo principal da intervenção foi implementado um “percurso confortável” com uma largura variável, materializado num pavimento que assegura uma superfície mais estável e uniforme. O pavimento proposto, ao qual se chamou “Unicentro”, desenha-se através de um conjunto de peças de cinco dimensões distintas e dois tipos de acabamentos que se agrupam de modo variável. Procurou-se, com este pavimento, construído a partir de peças pré-fabricadas, criar uma superfície de pavimento heterogénea, que simultaneamente tivesse a capacidade de assimilar as variações existentes na zona consolidada ao nível de infraestruturas, tais como, tampas, postes de candeeiros, etc. A construção do pavimento confortável em “Unicentro” garantiu também a possibilidade de manutenção do espaço público, visto que as peças são facilmente substituíveis.





Recurso

Espaço público como bem comum

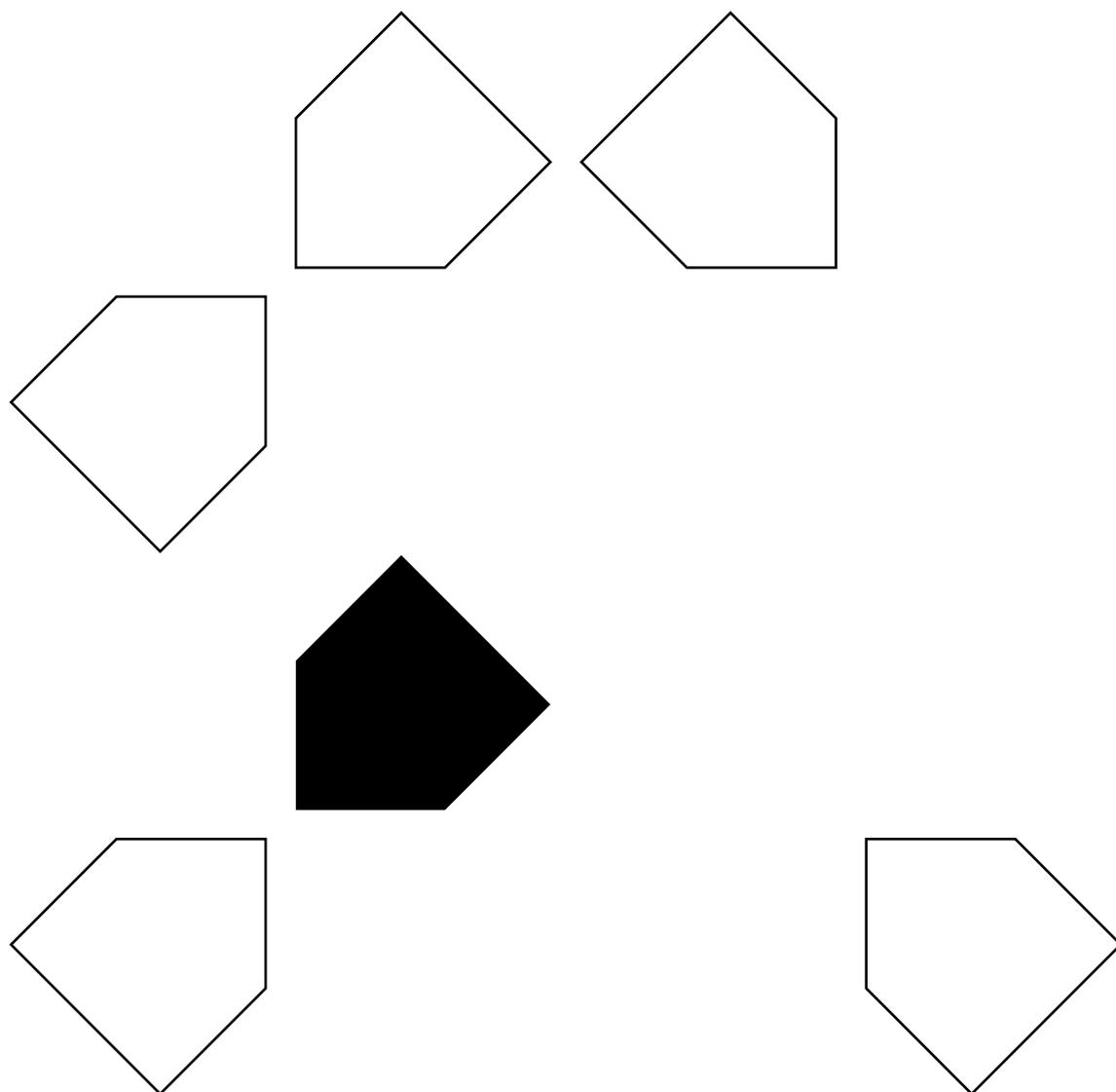
Mais do que qualquer outra das categorias, Recurso procura refletir sobre obras com capacidade de estruturar a longo prazo o desenvolvimento da cidade no sentido de procurar uma resignificação material e social do espaço e garantir a sua apropriação para usos coletivos e comunitários.

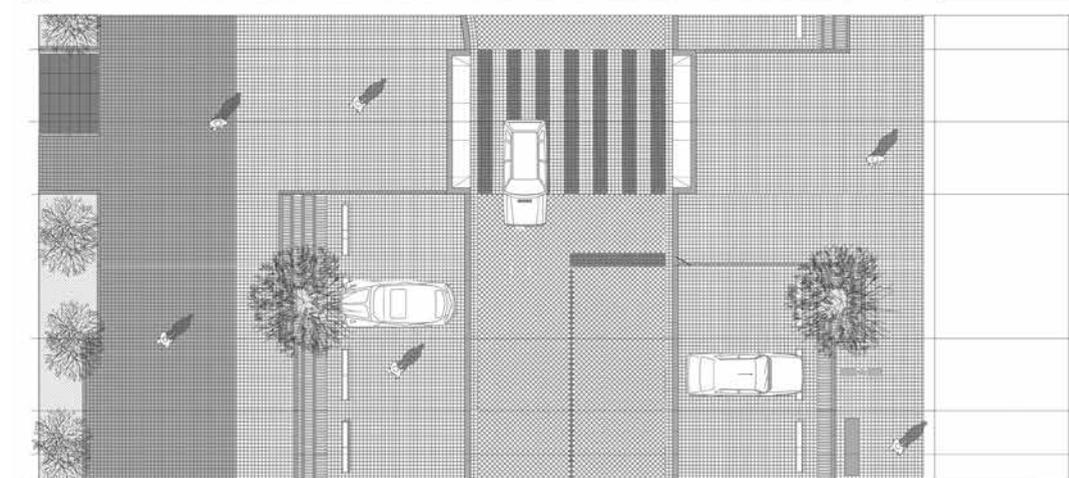
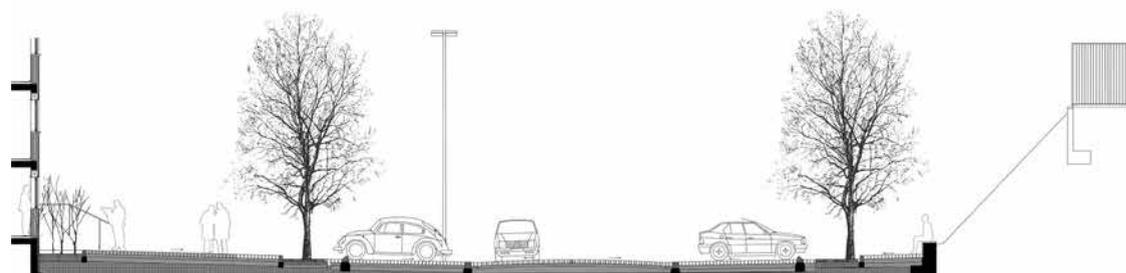
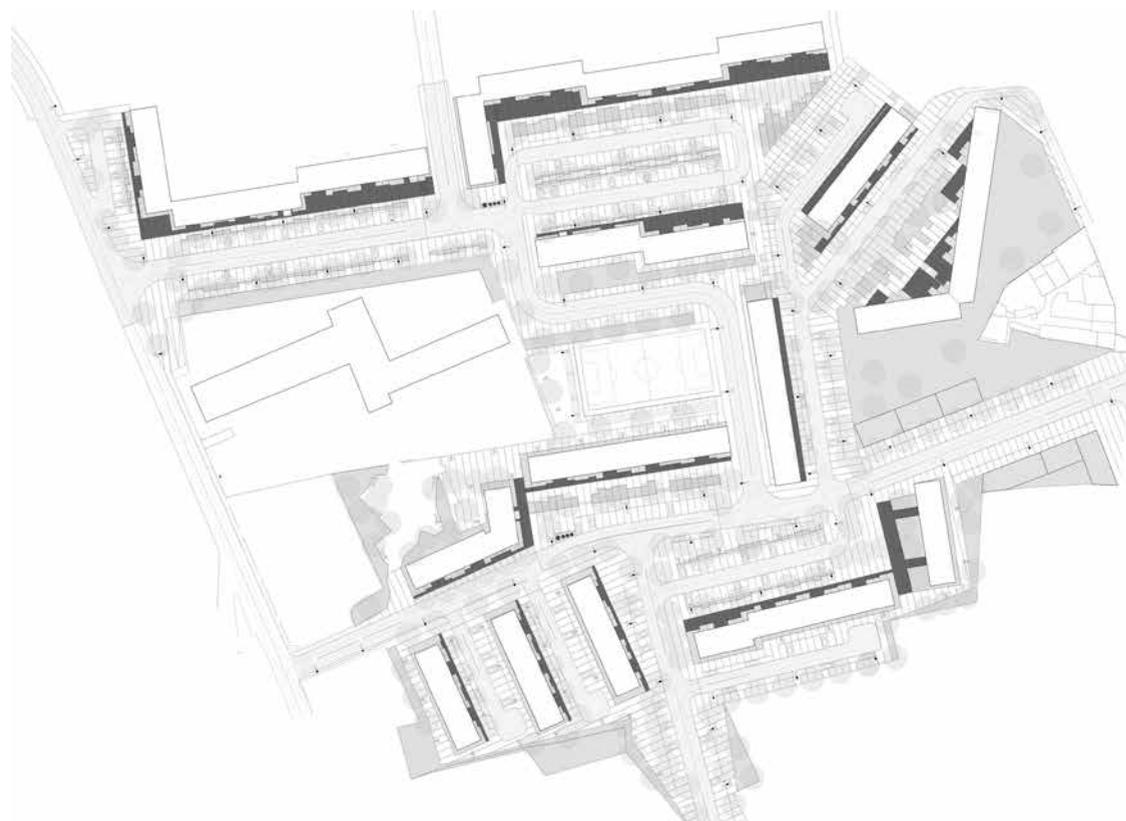
Numa primeira abordagem, interessou-nos sinalizar obras de iniciativa comunitária, elaboradas com a participação direta das associações de moradores locais; e obras realizadas num sistema de cooperação e autoconstrução com o envolvimento de escolas e estudantes de Arquitetura.

Respondendo a necessidades expressas pelos moradores, todos estes projetos exploram espaços livres ou devolutos na malha urbana para os transformarem em espaços de encontro para uma comunidade específica. Intervenções de pequena escala e baixos recursos com um enorme potencial transformador no quotidiano dessas comunidades.

Num sentido oposto – iniciativas "de cima para baixo" –, obras que podemos denominar de conexões urbanas e que têm também um efeito direto na vida quotidiana e bem-estar das comunidades, assegurando novas possibilidades de ligações urbanas e aumentando a proximidade entre zonas anteriormente desconetadas das cidades.

Por último, incluem-se neste grupo obras que requalificam o espaço exterior e refazem as ligações urbanas, criando, em simultâneo, as condições para o desenvolvimento da vida comunitária local e uma melhor articulação com a cidade envolvente.





REABILITAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO DO BAIRRO DO LAGARTEIRO

Paulo Tormenta Pinto
2008-2012
Porto

Colaboradores

Rosa Maria Bastos

Especialidades

Estruturas: Miguel Villar, BETAR; Águas e Esgotos: Andreia Cardoso, BETAR; Eletricidade: Luís Gonçalves, JOULE; Paisagismo: João Nunes, PROAP; Rede Viária: Pedro Reis, ENGINMIND

Promotor da obra

Domus Social, EM – Câmara Municipal do Porto

Tipo de encomenda

Concurso

Desenhos

Implantação
Espaço Público
– Perfil e planta
© Paulo Tormenta Pinto

Fotografia

© Inês d'Orey

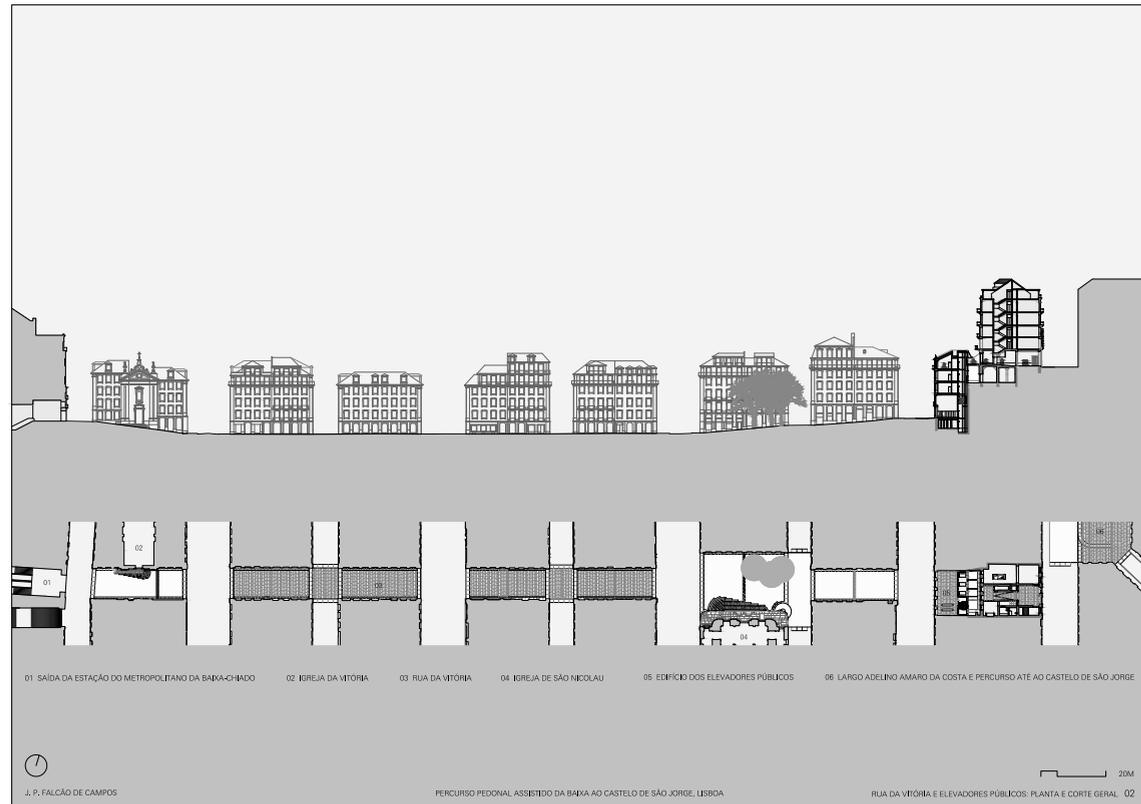


A reabilitação do Espaço Público do Bairro do Lagarteiro insere-se na Iniciativa Bairros Críticos (IBC), programa-piloto lançado pela administração pública para a regeneração de áreas urbanas prioritárias. A área de intervenção corresponde a cerca de 7,4ha. O novo projeto veio introduzir segurança e conforto urbano a um território segregado pelas políticas de habitação das últimas décadas do século XX. Os critérios de intervenção obedeceram a cinco princípios gerais:

- Manutenção dos alinhamentos das infraestruturas;
- Ajuste e redimensionamento das áreas verdes;
- Criação de fluxos de atravessamento no bairro e estabelecimento de conexões internas;
- Reestruturação da rede viária, garantindo-se a acessibilidade de pessoas com mobilidade condicionada, veículos de emergência e serviços de limpeza;
- Utilização de materiais qualificados e de fácil manutenção.

Do ponto de vista conceptual, procurou-se uma expressão intemporal, que é alcançada pelo tratamento dos muros em betão aparente, caracterizados pela cofragem "cinética", que tira partido da reflexão da luz. Os cubos de granito, cinza e amarelo, introduzem suaves vibrações cromáticas nos novos arruamentos. Os percursos pedonais são qualificados pela lisura dos cubos serrados e pelo acompanhamento das áreas verdes. A nova paisagem arbórea é também relevante, tirando-se partido do esplendor da folhagem de cor mel dos novos liquidâmbares. A operação pôde ainda beneficiar da intervenção de renovação das fachadas e partes comuns dos edifícios, o que contribuiu para a requalificação geral do bairro e para a consolidação dos alicerces de cidadania da população residente.





PERCURSO PEDONAL ASSISTIDO DA BAIXA AO CASTELO DE SÃO JORGE

João Pedro Falcão de Campos
2009-2013
Lisboa

Colaboradores

Filipa Mourão, Luísa Ramalho, Patrícia Cabaço, Cátia Venda, Francisco Vilaça, David Ferreira da Silva

Especialidades

Fundações, Estrutura, Segurança e Saúde; A2P Estudos e Projectos; Eletricidade, Segurança e Elevadores: JOULE; AVAC e Mecânica: José Galvão Teles; Hidráulica: CAMPO D'ÁGUA

Promotor da obra

Câmara Municipal de Lisboa

Tipo de encomenda

Adjudicação direta

Desenhos

Rua da Vitória e Elevadores Públicos – Planta e corte geral
© Falcão de Campos

Fotografia

© José Manuel Rodrigues



A ligação ao rio Tejo, através dos eixos ortogonais de direcção norte-sul, é predominante na organização da Baixa Pombalina. A poente, o elevador de Santa Justa garante uma ligação mecânica entre a cota mais alta do Chiado e a cota da Baixa Pombalina. Também a intervenção do Metro permitiu vencer de forma subterrânea o desnível existente, ficando por fazer uma ligação mecânica da Baixa à colina nascente. O Metro veio acentuar a importância da Rua da Vitória como atravessamento transversal da Baixa. É neste contexto que surge a intenção de estabelecer um "Percurso pedonal assistido da Baixa ao Castelo de São Jorge". O projeto tem como objetivo a articulação de diferentes cotas segundo uma estratégia integrada que, facilitando a subida, potencie a revitalização e requalificação da envolvente. A proposta compreende um conjunto de intervenções que incluem: A requalificação urbana da Rua da Vitória como eixo estruturante do percurso; a reconversão do edifício n.º 170-178 da Rua dos Fanqueiros onde se integram os elevadores públicos; a requalificação urbana do Largo Adelino Amaro da Costa, da zona envolvente ao Mercado do Chão do Loureiro e do percurso até ao Castelo de São Jorge. A continuidade funcional resulta da aplicação de um número reduzido de materiais, respeitando a lógica dos espaços urbanos atravessados, em termos de escala, arquitetura e usos do edificado, alcançando-se um percurso facilmente identificável onde o conforto e a acessibilidade do peão são uma prioridade.





PERCURSO PEDONAL ASSISTIDO DE MONTEMOR-O-VELHO

Miguel Figueira (DPU/CMMV)
2009-2013
Montemor-o-Velho

Colaboradores

Gonçalo Cristo, João Teles Alves, Ana Buco, Carina Carmo - Estágio

Especialidades

Estabilidade, Águas e Esgotos: Bruno Graça; Eletricidade: José Buco

Promotor da obra

Câmara Municipal de Montemor-o-Velho

Tipo de encomenda

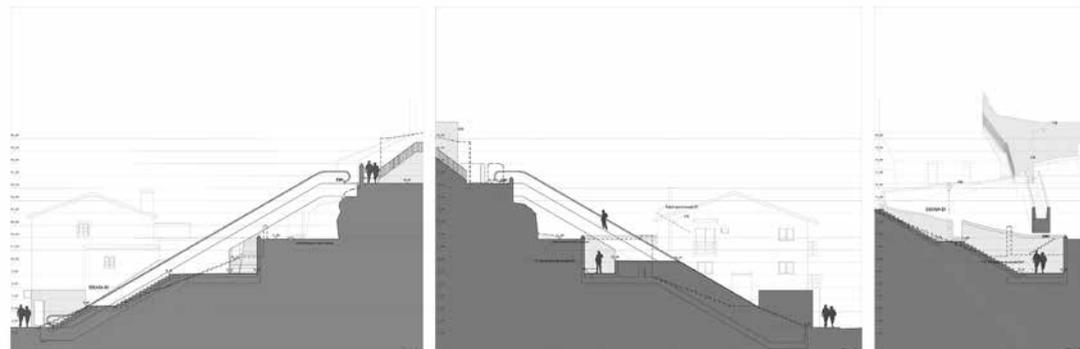
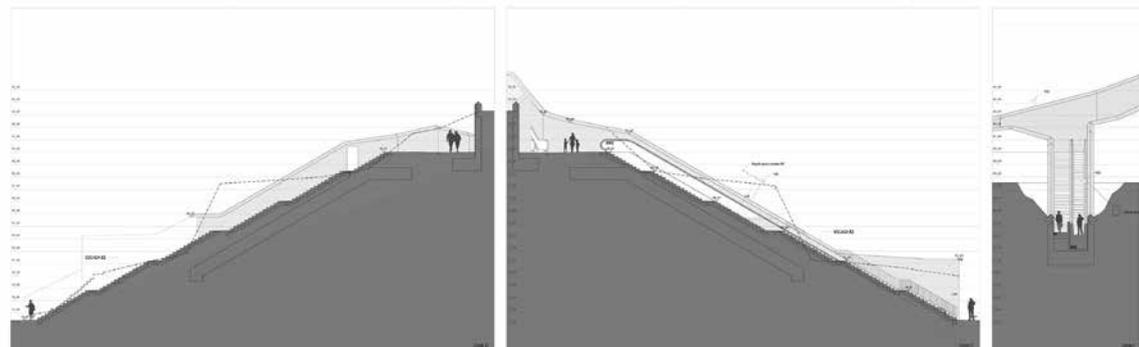
Adjudicação direta

Desenhos

Planta parcial
 Cortes: Bruno Graça
 © Miguel Figueira

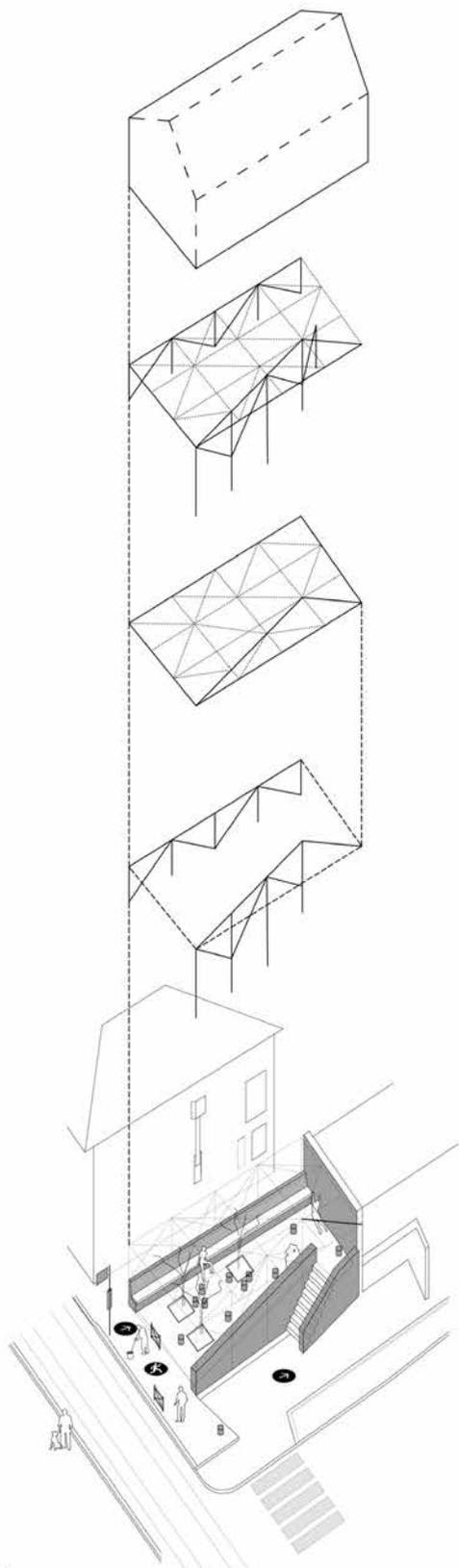
Fotografia

© Marcio Oliveira



O Percurso Pedonal Assistido de Montemor-o-Velho é constituído por três lanços de escadas rolantes que ligam a cota baixa da vila, perto da Praça dos Paços do Concelho, à cota alta do promontório onde passava o Caminho de Ronda do Castelo. As escadas rolantes vencem um desnível de mais de 30 metros e podem ser usadas para subir ou para descer. Ao lado destas, lanços de escadarias de pedra desembocam em vários patamares a cotas intermédias da encosta sul da colina. Esta segunda rede pedonal articula a infraestrutura mecânica com a malha do edificado em volta, criando uma nova teia de vizinhanças. Mais que uma novidade tecnológica para deslumbrar no "corte da fita", as escadas rolantes são uma "máquina urbana" para reanimar um tecido que já existe e que continua a ser ocupado por gente. Nas palavras de Miguel Figueira, "é um bypass: uma intervenção violenta face a um diagnóstico crítico. A vitalidade da vila e do seu centro dependem, em grande medida, do bom relacionamento com o seu castelo, e a viabilidade da habitação na sua encosta depende da qualidade do acesso. Não é só a ligação ao castelo, mas também a integração da encosta degradada que urge resolver". O projeto, desenvolvido pela Divisão de Projeto Urbano da Câmara de Montemor-o-Velho, insere-se num plano estratégico que tem como objetivo melhorar as condições de habitabilidade na encosta sul do Castelo. Mas não só. O projeto procura também, e acima de tudo, resgatar a centralidade do vale na estrutura territorial do vale do Mondego. Neste sentido, ao reposicionar a entrada principal do Castelo na Porta do Sol, junto à Capela de Santo António, o acesso deixará de se fazer unicamente pela estrada que desde os anos 1970 liga a Estrada Nacional 111 à Porta da Peste do Castelo. Ou seja, com a abertura da Porta do Sol, articulada com a recuperação do Caminho de Ronda e com a ligação mecânica entre a cota alta e a cota baixa, o Castelo deixará de estar de costas voltadas para a vila e para o vale do Mondego.





HOME IS NOT A HOUSE – REACTION LX

FORJArchitecture
2013
Lisboa

Colaboradores

Marta Sanches Afonso,
Cláudio Gonçalves,
Francisco Santos, Blaise
Galloy, Mesut Öztürk,
Oytun Gür Günel, Manuel
Van Hoben, Concha
García-Rodríguez, Sevasti
Gektidou, Emmanouil
Nikolaos Symiakakis,
Raphael Selby, Zsófia Berczi,
Maja Teraz, Dómhall
Nolan, Can Baysal, Becky
Wise

Promotor da obra

MEDS 2013 – REACTION LX

Tipo de encomenda

Concurso

Desenho

Axonometria
© FORJArchitecture

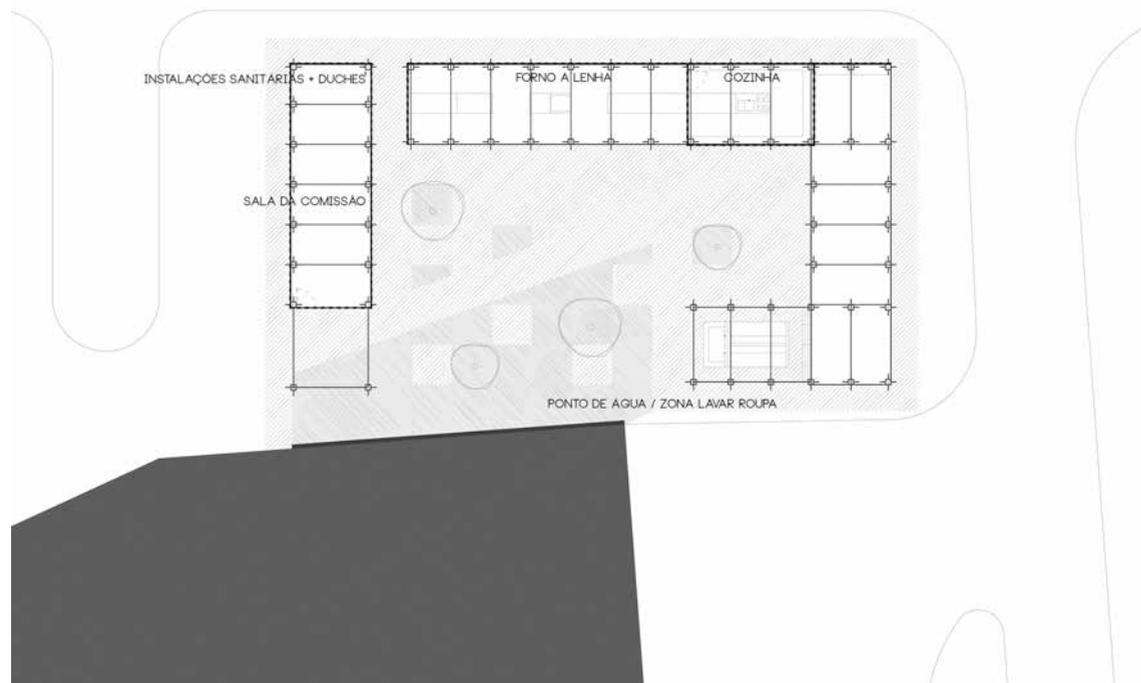
Fotografia

© FORJArchitecture



O Platô da Graça constitui-se como uma pequena “praça” muito intensa e urbana de passagem pedonal, situada no coração do bairro onde a circulação nos passeios (que não têm mais de 60cm de largura), apertados e desconfortáveis, se opõe à largueza de um platô que tem todos os ingredientes para ser um ponto de convergência, como uma bolsa de oxigénio que alivie momentaneamente o quotidiano urbano da Graça. Dada a estranheza da configuração do lote, ou seja, “não precisa passar por dentro do espaço para ir a algum lugar”, o espaço é ocupado apenas de maneira insatisfatória como lar de meia dúzia de almas, ou por quem não tem casa e ali encontra um espaço onde pode cair sem ser muito incomodado. A estratégia de recuperação tentou ser simples: limpar as superfícies dos muros de betão armado, recuperar as caldeiras das árvores, e pintar todos os elementos possíveis da cor amarela (igual aos elétricos que passam à frente). De seguida, foi erguida uma estrutura metálica como uma grande pérgula no espaço-praça, remanescente de como então o lote foi ocupado por forma a imprimir volume e substância ao platô. O espaço foi dotado de um ponto de informação aberto e informal, INFO POINT, uma planta de desenho do bairro com todos os locais a visitar incluindo o comércio local e outros de natureza social, o espaço servindo como livro aberto de informações turísticas, que consegue ser, em paralelo com o Largo da Graça, um segundo ponto de convergência para aqueles que vindo visitar o bairro se encontram com os habitantes locais. Construir rapidamente com recurso a um sistema de tubular de 4,8cm de diâmetro, tubos de ferro e sistema de braçadeira de andaimes, permitiu transformar quase de modo “automático” a utilização do espaço, que até acaba por acolher de forma permanente uma paragem da Carris afeta à circulação do elétrico 28. O projeto foi testado à escala real e autoconstruído por um conjunto de estudantes participantes do encontro MEDS 2013.





COZINHA COMUNITÁRIA DAS TERRAS DA COSTA

Ateliernob e Colectivo Warehouse
2012-2014
Costa da Caparica

Coautores

Licia Soldavini, Diana Pereira, Martinho Meneses Pifa, SaM Boche, João Peixe, Cindree, Maël Castellan, Inez Paiva, Severine Brug, Céline Lixon, Merrill Sinéus, Diogo Anjos, Emeline Romanat, Marion Levoir, Noémie Paperin, Ana Catarino, Catarina Matos Silva, Sofi Sousa, Anna Ibraev (Ana Alfacinha), Luís de Botton, Mariana Pires, Bernardo Lourenço, Ana Rita Mendonça, Zé Nuno, José, Madalena Garnier Marques, Diogo, Étienne, Mariana Vargues, Inês Martins, Ana, Du Carvalho, Braíma, Hugo, Victor, Ivan

Promotor da obra

Ateliernob, Colectivo Warehouse e Associação de Moradores

Tipo de encomenda

Adjudicação direta

Desenho

Planta
 © Ateliernob
 e Colectivo Warehouse

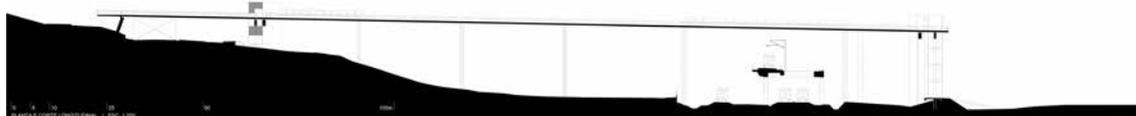
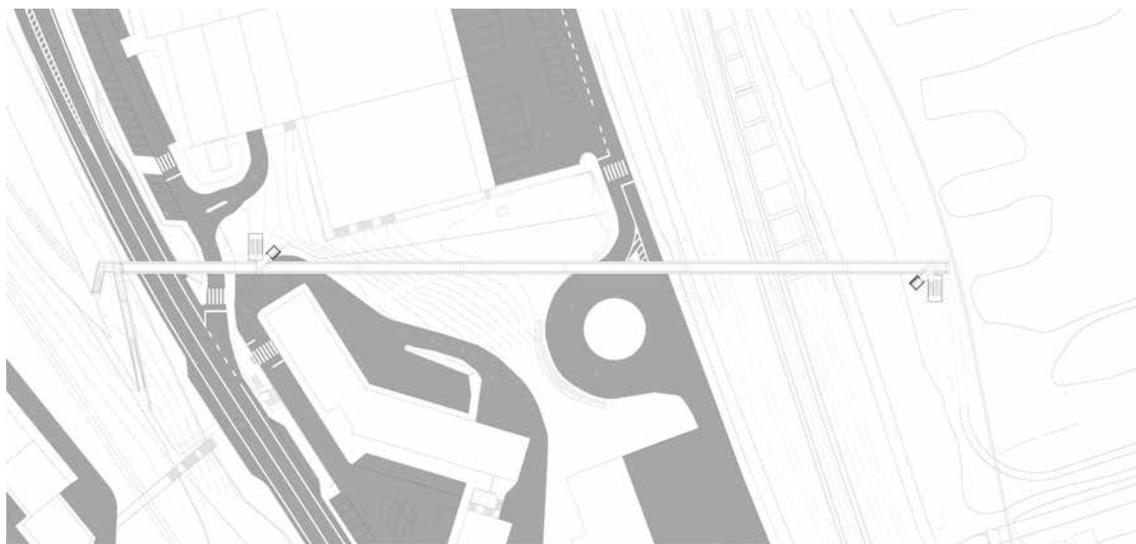
Fotografia

© Fernando Guerra | FG+SG



Sem água, saneamento e com casas precárias. Eram estas as condições de vida de quase 500 pessoas – aproximadamente 100 crianças – que habitavam (e habitam em parte) um bairro de génese ilegal na Costa da Caparica. Designado “Terras da Costa”, o bairro era, à data, maioritariamente ocupado por duas comunidades: de origem africana e cigana. Parte foi realojada em 2016, permanecem hoje cerca de 50 famílias, maioritariamente de Cabo-Verde, Guiné e São Tomé. Não existem dados oficiais relativos à génese do bairro mas sabe-se que terá começado a partir das casas de apoio agrícola, algures durante os finais de 1970. Em 2001, numa foto aérea conseguimos já identificar o bairro consolidado. O ateliernob começou a trabalhar com esta comunidade no workshop “Noutra Costa”, promovido pelo Universidade Autónoma de Lisboa. Logo após, reunindo-se com alguns moradores e membros do projeto Fronteiras Urbanas – um projeto académico focado na alfabetização, à época em desenvolvimento no bairro –, participou no processo de eleição da primeira comissão de bairro. Daqui surge a ideia da Cozinha e, junto com a Câmara Municipal de Almada, iniciam-se as reuniões entre o município e os moradores. A ideia principal foi a de encontrar o objeto que respondesse a duas questões: criar um espaço coletivo dentro do bairro e levar água até junto das casas, um bem essencial à vida de cada uma das famílias. A Cozinha é pensada pelos moradores e desenhada pelo ateliernob e Colectivo Warehouse. Com parte das madeiras doadas pela Casa do Vapor e apoio financeiro da Fundação Calouste Gulbenkian, propusemo-nos então desenvolver o projeto e construção da mesma durante o verão de 2014. À Câmara Municipal de Almada coube garantir a sua possibilidade construindo a infraestrutura de água até às torneiras. Assim, a Cozinha Comunitária das Terras da Costa (com os necessários pontos de água e saneamento) foi inaugurada em dezembro de 2014 em clima de festa.





PASSAGEM SUPERIOR PEDONAL EM FORTE DA CASA

MXT Studio

2012-2014

Vila Franca de Xira

Colaboradores

António Barquinha,
Pedro Miguel Santos

Especialidades

Estruturas: António Pimentel
Adão da Fonseca, ADF
Consultores; Consultoria
Paisagismo: João
Ceregeiro; Eletricidade:
António Romano,
SINCRONO; Hidráulica:
Marta Azevedo, CAMPO
D'ÁGUA; Segurança e
Saúde: Fernando Santo

Promotor da obra

Câmara Municipal
de Vila Franca de Xira

Tipo de encomenda

Concurso

Desenhos

Planta e corte geral
© MXT Studio

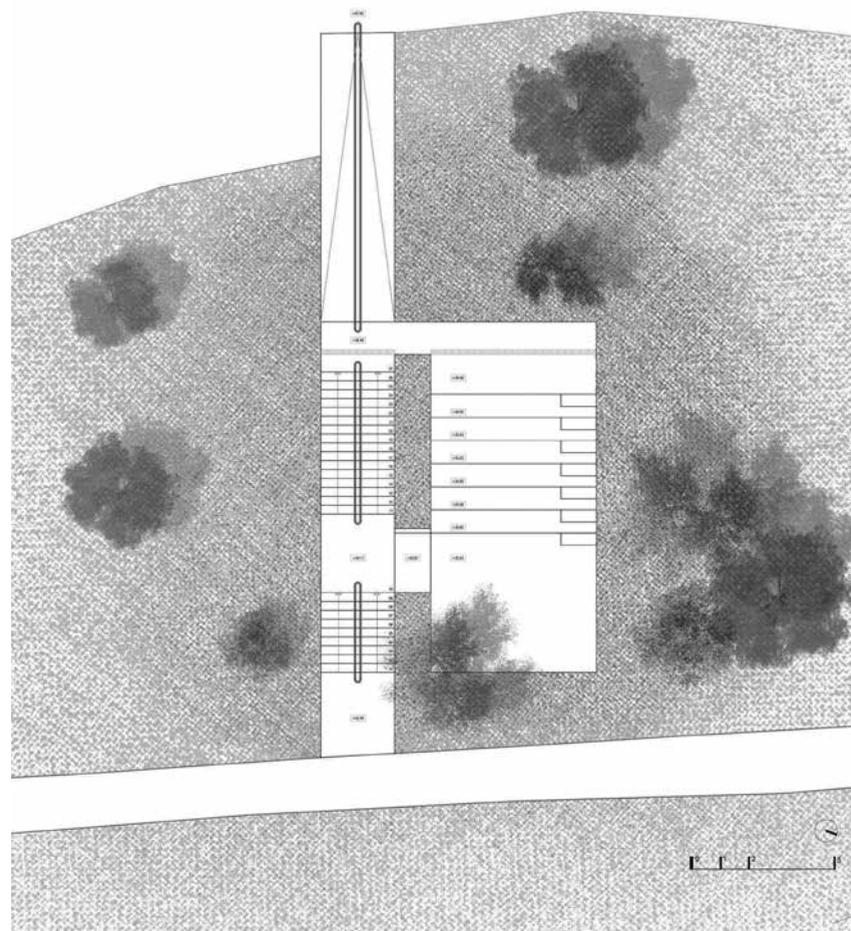
Fotografia

© João Carmo Simões



A sobreposição de várias restrições técnicas com o domínio público disponível resultou na definição de um estreito corredor óptimo sobre o canal ferroviário e uma área mais alargada sobre a estrada N10 como a zona mais adequada para a intervenção. As desadequadas condições do espaço de uso pedonal na faixa de território entre a ponte que deveria ser substituída e a localização proposta para a nova ponte sobre a linha férrea eram suficientes para questionar a localização da ponte sobre a estrada N10. Propôs-se uma nova localização, alinhada com o corredor óptimo sobre o canal ferroviário, efetivamente possibilitando a construção de uma única ponte ao invés das duas propostas no programa do concurso. Propôs-se com sucesso uma passagem superior, com pouco mais de 220m, interligando simultaneamente o pequeno jardim no núcleo urbano do Forte da Casa, a ponte da N10, os espaços comerciais e de armazéns a nascente da mesma, e, mais para nascente, com o território do Parque Linear do Estuário do Tejo, depois de atravessar a Linha do Norte. Procurando clareza num contexto urbano incoerente, a solução procurou construir apenas uma linha no ar, que a partir da sua quase horizontalidade reflete e contrasta com a topografia, a complexidade e densidade infraestrutural e até, paradoxalmente com a sua interligação, com a desconexão entre tecidos urbanos. Uma linha no ar, pintada de verde, referência abstrata aos dois parques que interliga. Uma linha no ar que, por estar no ar, acrescenta um miradouro sobre a paisagem da lezíria onde quer chegar. Uma linha no ar construída com vigas de betão pré-fabricadas correntes e uma viga de aço, desenhada e estudada especificamente para o vão de maior extensão sobre a linha férrea.





ESPAÇO PÚBLICO DOS BAIROS PRODAC SUL E NORTE

Ateliermob
2012-2016
Marvila

Coautores

Andreia Salavessa, Tiago Mota Saraiva, Rita Aguiar Rodrigues, Carine Pimenta, Marta Bruschy, Guida Marques, Mariana Simões, João Almeida, Inês Afonso, Carlos Silva, Paula Miranda, Joana Bastos, Carolina Batlle y Font, Mariana Robalo, António Pedro Faria, Mariella Gentile, Jannis Kühne, Inés Sebastian, Elisa Sartor, Federico Melandri, Félix Dietsch, Francesca Palmerini, Jorge Mosquera, Karl Breinesberger, Mareike Schmidt, Murat Sevgi, Nelly Vitiello

Promotor da obra

Associação dos Moradores

Tipo de encomenda

Adjudicação direta

Desenho

Planta do auditório
PRODAC Sul
© Ateliermob

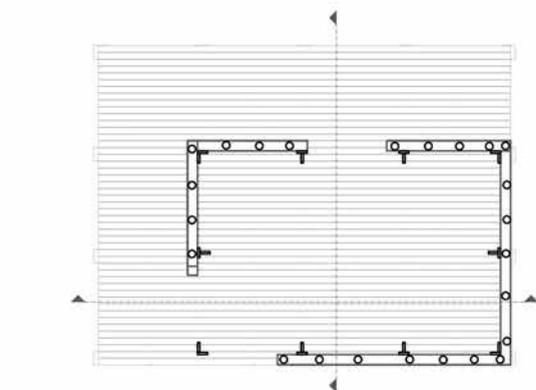
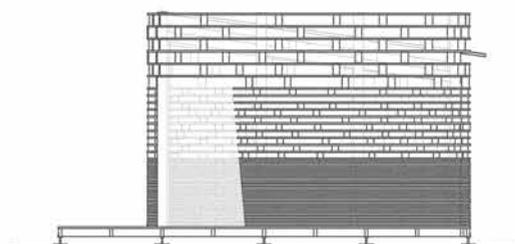
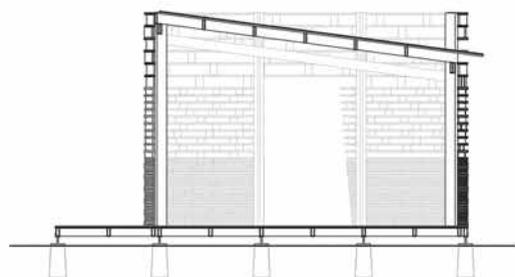
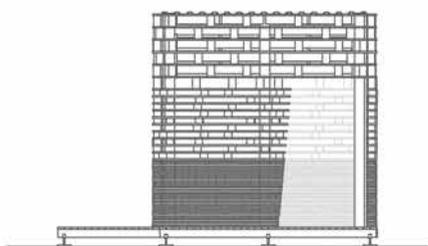
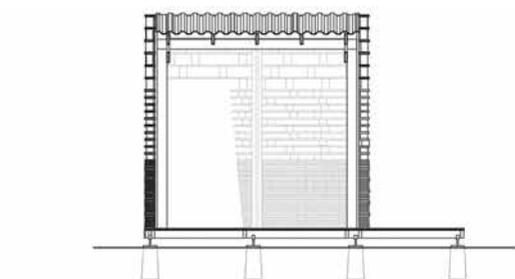
Fotografia

© Nelson d'Aires



O desenho do espaço público pode significar um conjunto diverso de acessos: à habitação, ao espaço público, à cidade. Desdobra-se na afirmação de uma vida condigna, da casa para todos e da vida coletiva. Os bairros Prodac Sul e Norte, em Lisboa, formam um processo desdobrado em diversas fases, partes de um trabalho contínuo, cujo aspecto mais visível é a intervenção no espaço público. Autoconstruídos pelos moradores nos anos 1970, sobre os referidos bairros pendia a ameaça de demolição desde o primeiro Plano Diretor Municipal dos anos 1990. Uma primeira fase de processo desenvolvido pelo ateliermob, em conjunto com as associações de moradores dos bairros, teve em vista a regularização da situação documental das habitações, em 2012. Na sequência da definição e priorização das ações a desenvolver no bairro pelos moradores, com o apoio técnico do ateliermob, o processo desdobrou-se numa segunda fase que resultou na melhoria dos espaços públicos destes bairros. Destacam-se a construção de espaços comuns de encontro e a reparação de muros e pavimentos. No bairro Prodac Sul, o ateliermob começou por desenvolver o projeto do anfiteatro, dos seus acessos e integração no jardim público, trabalhando todas as suas vertentes técnicas, até à conclusão da obra em 2016. Foram depois desenvolvidos os trabalhos de reparação de muros e escadas no interior do bairro, inicialmente realizados no bairro Prodac Norte. A reparação e pintura dos muros permitiram melhorar a imagem do bairro e aumentar visivelmente a luminosidade que se reflete no interior das habitações. Já a repavimentação das escadas veio oferecer segurança e conforto a uma população tendencialmente envelhecida. A par da formação assegurada por empresas de materiais que se associaram ao projeto, a execução remunerada destes trabalhos foi um complemento e um importante contributo para a condição financeira de diversas famílias que ali vivem.





415 DE PAVILJÖNG

**Colectivo Warehouse
2016
Gotemburgo (Suécia)**

Coautores

Alunos da Universidade de Chalmers

Colaboradores

ON/OFF + Moradores do Bairro de Siriusgatan

Promotor da obra

Chalmers University
– Masters Design for Sustainable Development
+ Familjebostäder + Hyresgästförening

Tipo de encomenda

Adjudicação direta

Desenhos

Planta, alçados e cortes
© Colectivo Warehouse

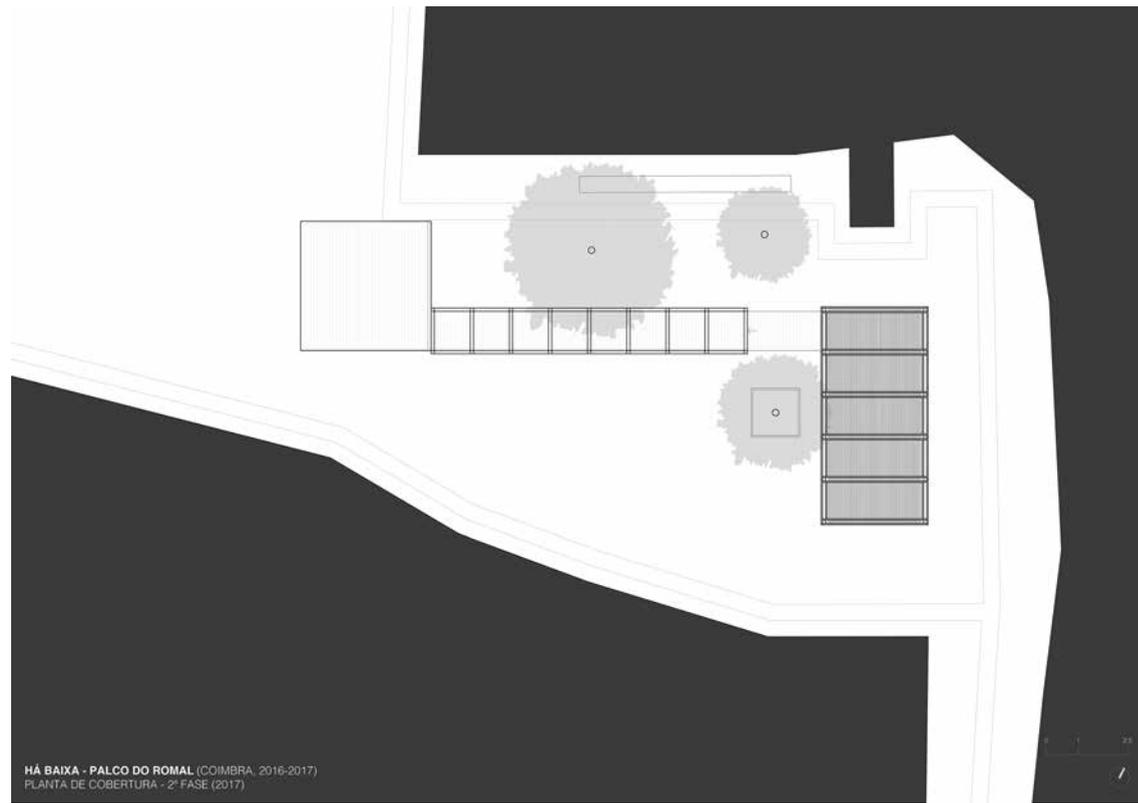
Fotografia

© Colectivo Warehouse



415 De Pavilljöng é um pequeno pavilhão multiusos construído no bairro Siriusgatan, em Gotemburgo, para servir a comunidade local. O projeto foi desenvolvido em parceria com o departamento de mestrado de *Design for Sustainable Development*, da Universidade de Chalmers, e com os moradores do bairro Siriusgatan. O 415 De Pavilljöng vem colmatar uma necessidade dos moradores e equipar o bairro com um espaço multiusos que pudesse acolher as diversas atividades desenvolvidas pela comunidade. A aproximação à comunidade e o trabalho de diagnóstico no terreno foi realizado por um grupo de alunos da Universidade de Chalmers. A presença dos alunos no terreno permitiu realizar um diagnóstico fidedigno e identificar as dinâmicas do bairro, sendo esta auscultação local a base de definição do programa arquitetónico. Além da finalidade utilitária enquanto ponto de encontro e apoio a eventos locais, este projeto tinha como objetivo envolver de forma ativa não só os alunos de desenho urbano como também os habitantes do bairro, sem qualquer experiência. Este envolvimento foi possível na construção através da adoção da técnica de empilhamento, intercalando tábuas de pinho e secções de troncos de abeto, fatiados com diferentes dimensões, na procura de transparência e ritmo nas fachadas. Uma técnica simples mas eficaz que permitiu a quem o quisesse construir este pavilhão, construindo assim parte do seu bairro. O novo pavilhão multiusos foi apelidado de 415 De Pavilljöng remetendo para o código postal do bairro. O espaço de base retangular foi deixado intencionalmente permeável, não contendo uma entrada pré-definida, nem portas para encerrá-lo. A cobertura, revestida por painéis acrílicos transparentes, enfatiza a permeabilidade visual do espaço e a sua abertura ao quarteirão que o envolve. As peças de mobiliário, feitas de restos da obra, foram construídas em regime de oficina para alunos e moradores, capacitando-os de modo a puderem criar mais peças no futuro.





HÁ BAIXA - PALCO DO ROMAL (COIMBRA, 2016-2017)
PLANTA DE COBERTURA - 2ª FASE (2017)



PALCO-EFÊMERO NO LARGO DO ROMAL

Pedro Maurício Borges e Associação Há Baixa
2016-2017
Coimbra

Coautores

Carlos Brito, Carlos Fraga,
Francisco Almeida,
Francisco Paixão, João
Nogueira, João Peralta,
João Sousa, Jorge Tomo
Júnior, Rui Cardoso

Promotor da obra

Associação Há Baixa

Tipo de encomenda

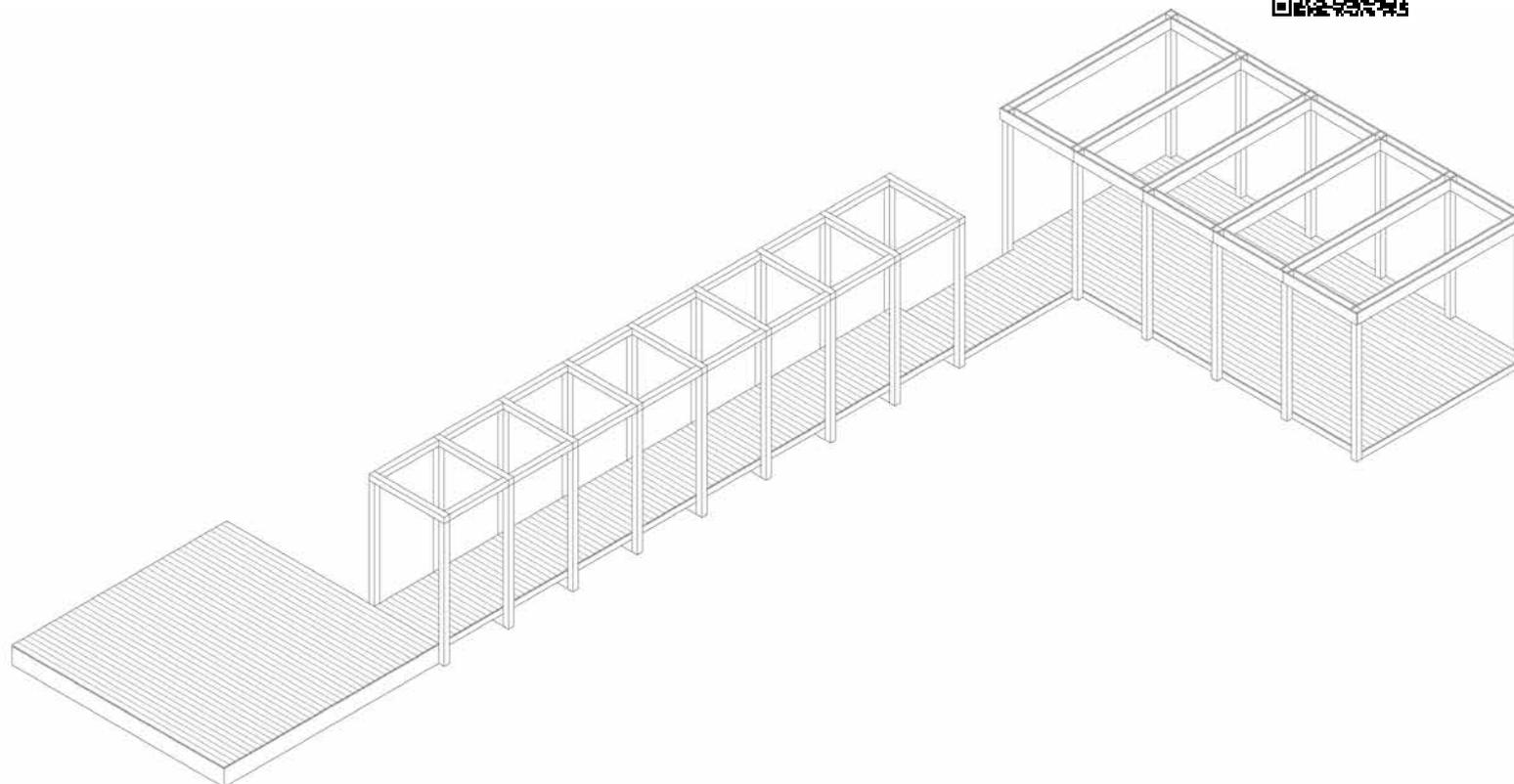
Adjudicação direta

Desenhos

Planta
Axonometria
© Associação HAB

Fotografia

© Associação HAB



Integrada no projeto Há Baixa – desenvolvido na Baixa de Coimbra, entre 2016 e 2017, por um grupo de estudantes de arquitetura empenhados em aproximar o ensino teórico da prática, contribuindo também para uma revalorização social desta área da cidade –, a intenção central desta intervenção consistiu na criação de uma nova centralidade num dos largos mais descaracterizados da baixinha da cidade, como ponto principal de contacto entre os estudantes e a população. Conceitualmente a ideia passou por desenvolver uma estrutura efémera no Largo do Romal, cujo principal objetivo era receber atividades culturais de vários tipos (como concertos, sessões de cinema, teatro, debates ou exposições), bem como ser o ponto central da atividade do grupo enquanto grande sala de aula/oficina ao ar livre, durante o período de construção das restantes obras. Construída pelos elementos do grupo, esta acabaria por se tornar a primeira obra do projeto, a primeira pedra do que seriam dois anos de intervenções em diversos espaços da Baixa de Coimbra. Na primeira edição (2016), o desenho geral baseava-se na construção de uma peça que servisse de palco, colocada na zona central do largo, à qual era anexado um conjunto de pórticos que receberia as pessoas que chegassem ao largo pelo acesso principal, podendo albergar exposições bem como pequenas atividades culturais. Na segunda edição (2017), tendo em conta a experiência do ano anterior e a consequente necessidade de um espaço sombreado, deu-se a construção de uma “sala exterior” capaz de acolher atividades culturais ou servir como espaço de trabalho, sendo o sombreado feito através de corda entrelaçada entre os pórticos. Uma das premissas da implantação desta obra era manter intacta a integridade física do lugar da intervenção. Como tal, ao nível de composição, optou-se por se construir uma estrutura em madeira, o que tornou mais rápida a sua montagem e desmontagem, devido à leveza do material e à simplicidade do método construtivo.





BICHO, TEATRINHO E FOGO – PLAYGROUND NO BAIRRO DAS CAMPINAS

COR Arquitectos e Ivo Poças Martins com Nicolò Galeazzi
2017
Porto

Participantes

Adam Hill Agnese
Nascimben, Ana Francisco,
André Ferreira, Cláudia
Rosete, Daniela Pereira,
Diogo Ferreira, Diogo
Velooso, Eduardo Carqueja,
Eina Shin, Élie Ghattas,
Gonçalo Maçães, João
Costa, Jordan Craddock,
Lílian Matsuda, Manuel
Carvalho, Marc Samrani,
Mariana Almeida,
Stephanie Lima, Vera
Mendo, Vicky Berl

Especialidades

Estrutura: Hélder Sousa

Promotor da obra

Casa da Arquitectura

Tipo de encomenda

Adjudicação direta

Desenho

Colagem
© COR Arquitectos + Ivo
Poças Martins

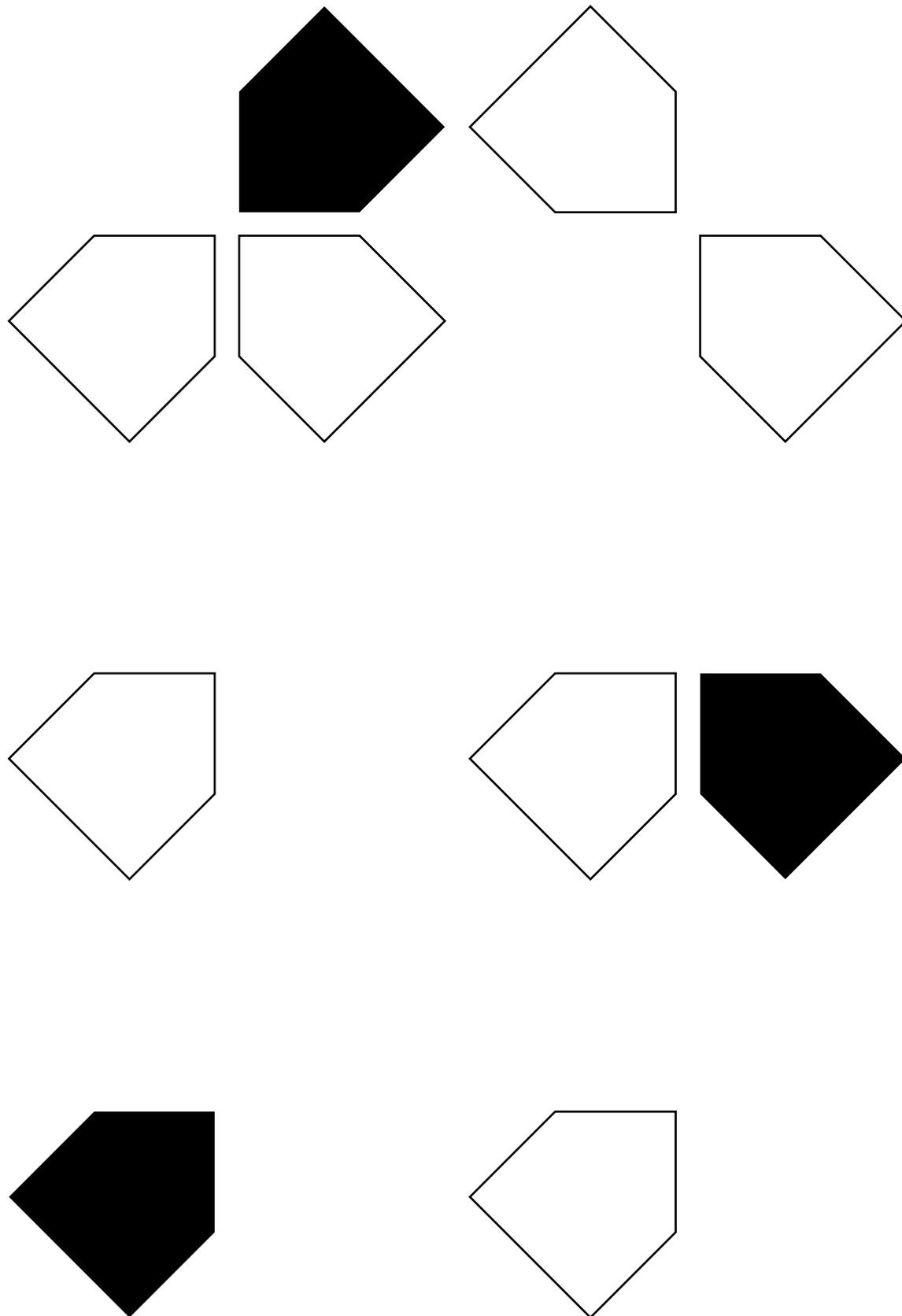
Fotografia

© Nicolò Galeazzi



O Bairro das Campinas é um bairro de habitação social localizado na área norte da cidade do Porto (Portugal) construído em 1965. O lugar escolhido para intervir (entre quatro blocos do bairro) é utilizado pelos residentes sobretudo durante as festividades de São João. É um lugar que tem "caminhos desenhados" pelos moradores, marcas do tempo que foram o ponto de partida para a definição do programa e da implantação de três equipamentos pensados sobretudo para as crianças e para apoio à organização de festas na rua. Durante duas semanas, uma equipa de 23 jovens entre arquitetos e estudantes de arquitetura vindos de vários países do mundo (Coreia do Sul, Austrália, Espanha, Itália, Líbano, Brasil, Inglaterra e Portugal) trabalharam com Roberto Cremascoli (COR Arquitectos), Ivo Poças Martins e Nicolò Galeazzi. Projetou-se e construiu-se (autoconstrução) com a colaboração dos residentes um parque de infantil no terreno segundo uma composição de diversão abstrata, com três momentos e três formas primárias pintadas a amarelo, azul e vermelho. #obichoamarelo é uma "linha" amarela, com 27m de comprimento, que cerca as árvores do parque das Campinas. Consiste em três níveis alternados (banco, cadeira de deck e mesa), brincando com três alturas diferentes. #oteatrinhoazul é um pequeno "coreto", quadrado e azul, para festas populares. #ofogovermelho é um jogo circular, colocado à volta do local onde a tradicional fogueira de São João é realizada todos os anos para celebrar o santo. Este projeto foi promovido pela Casa da Arquitectura no âmbito do programa #pleaseshare!, comissariado por Roberto Cremascoli e documentado diariamente pela revista online *Archdaily Brasil*. Bicho, Teatrinho & Fogo foram os novos "brinquedos" das crianças no Bairro das Campinas no Porto, apresentados aos residentes numa festa onde não faltou música, danças, refrigerantes e pipocas.





Produto

Espaço público como comunicação

Na categoria Produto reúnem-se as obras de dimensão identitária e as cenografias da sociabilização que normalmente associamos ao desenho de instalações temporárias ou celebrativas de um determinado evento. Com uma forte representação visual, são obras de exceção na construção de um imaginário urbano, no sentido em que não respondem à necessidade de durabilidade do espaço público, à tradicional responsabilidade dos lugares públicos de oferecerem uma estrutura duradoura e significativa na cidade. Ainda assim, estes pavilhões, instalações e cenografias, são de uma enorme generosidade e trazem possibilidades, ainda que pontuais, de redescobrir espaços com capacidade coletiva que anteriormente estavam ocultos ou sem uso. Apenas três das obras que compõem este grupo não foram obras efémeras.

São intervenções caracterizadas pela integração de peças de mobiliário urbano – palas de sombreamento, bancos, iluminação – que criam uma nova condição para a utilização e permanência de um espaço público já existente; instalações de paisagem, mirantes e *landmarks*, que assinalam novos pontos de observação, paragem e, indissociavelmente, de relação com o espaço envolvente; e cenografias que, associando um carácter lúdico e funcional, se compõem por meio de repetições de elementos, ou módulos, que imprimem um novo dinamismo ao contexto que, provisoriamente, habitam. Numa perspetiva oposta, incluem-se, também, obras que permitiram a utilização coletiva de um espaço usualmente de acesso condicionado, conferindo-lhe, momentaneamente, as características de espaço público.

Outras obras tiram partido da sua condição híbrida, entre uma caracterização como pavilhões – espaços delimitados que distinguem interior e exterior –, ou como percursos ou ligações – espaços que articulam e relacionam outros espaços –, mas sempre com uma enorme sensibilidade em relação ao lugar onde se inserem, dinamizando-o e criando, assim também, novas oportunidades de experiência e uso coletivo.



PERCURSO – BIENAL DE VENEZA

Álvaro Siza
2012
Veneza (Itália)

Colaboradores
 Agustin Fernandez Viñas

Promotor da obra
 La Biennale di Venezia

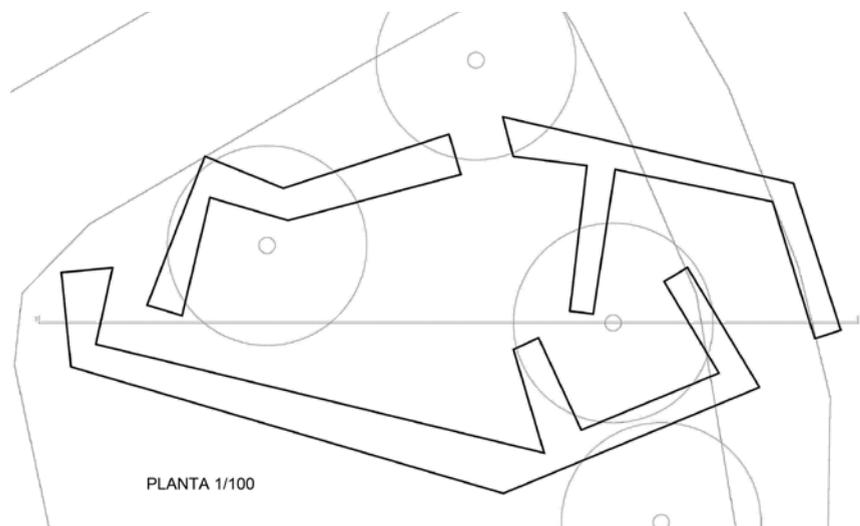
Tipo de encomenda
 Adjudicação direta

Desenho
 Planta e cortes
 © Álvaro Siza

Fotografia
 © Fernando Guerra | FG+SG



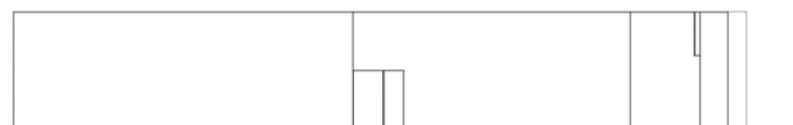
Bienal de Veneza 2012. A instalação de Souto de Moura reflete o evoluir do relacionamento entre interior e exterior, a progressiva abertura de opções e sua dependência e influência na linguagem arquitetónica. A construção que proponho inclui-se num percurso que integra as intervenções de Souto de Moura e Peter Zumthor. O espaço delimitado evoca os alargamentos a partir das estreitas ruas de Veneza, espaços que articulam tecidos compactos da cidade, em reação à morfologia do território quando atravessado por largos canais. **Álvaro Siza, Porto, 15 de junho de 2012**

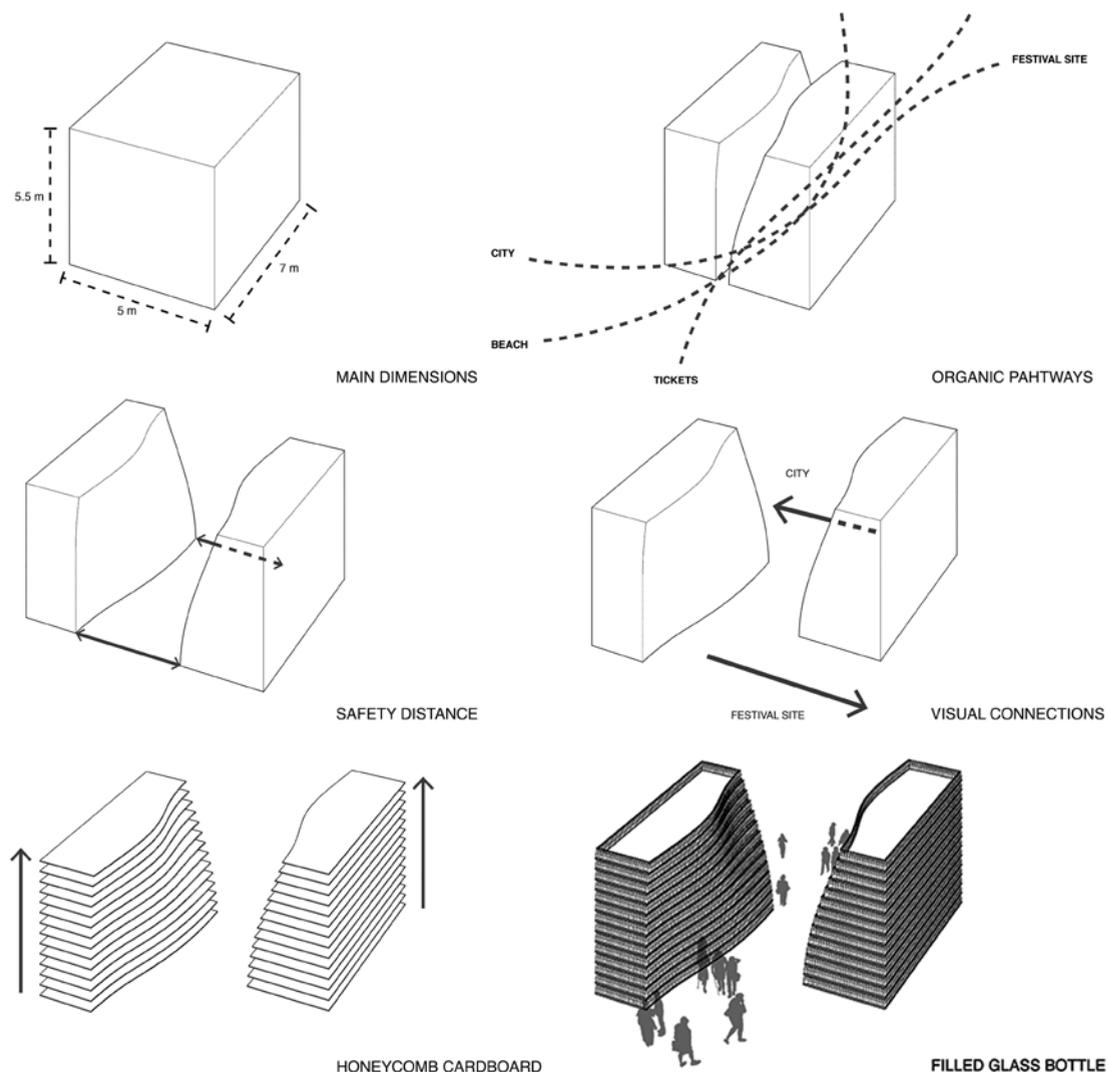


PLANTA 1/100



CORTE 1/100





GLASSBERG

FAHR 021.3
2013
Figueira da Foz

Colaboradores

António Ribeiro,
 Joana Negrão

Promotor da obra

Fusing

Tipo de encomenda

Adjudicação direta

Desenho

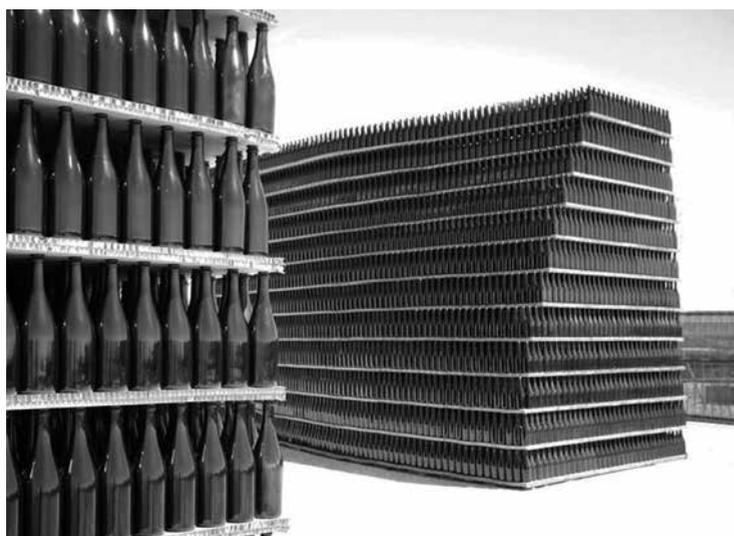
Esquema de montagem
 © FAHR 021.3

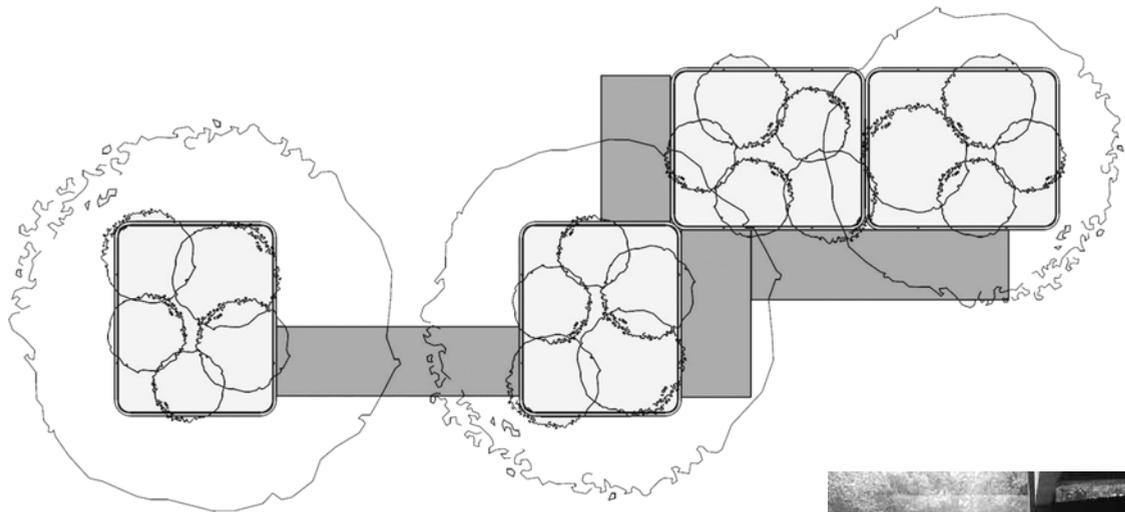
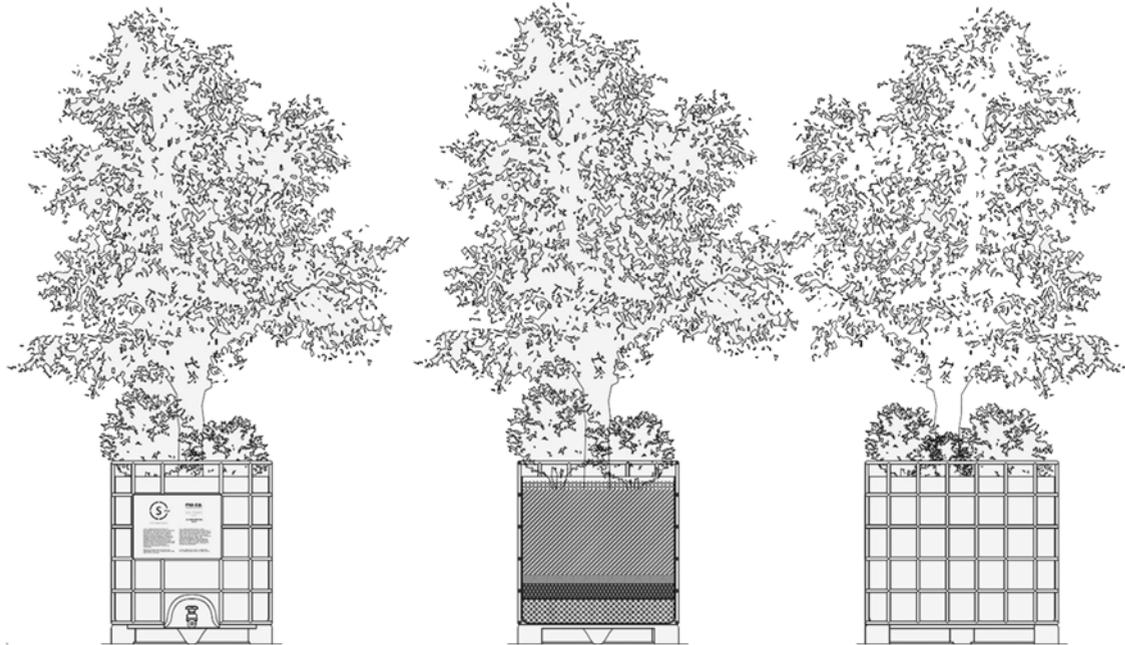
Fotografia

© FAHR 021.3



O desenvolvimento do pórtico para o *Fusion Festival* na Figueira da Foz parte de uma transformação do conceito tradicional do mesmo, elemento de atravessamento que marca o limbo entre interior-exterior. A peça proposta assenta a sua figuração em duas torres que se namoram a uma distância relativa e cujas proporções afundam o visitante num percurso de cerca de 10m antes de se encontrar dentro do recinto. Como dois icebergues à deriva que se destacaram de um bloco único, revela-se a imponência da peça que serve de marco e objeto atrativo do momento que antecede o apogeu do festival. A materialidade da peça é algo extremamente importante na sua relação com o espaço urbano que a rodeia. Os reflexos multiplicados traduzem uma peça "pixelizada" onde o *pixel* é a garrafa e o reflexo a distorção da envolvente. No momento de atravessamento esta reproduz milhares de pequenos movimentos gerados por cada pessoa e dissolve-se no céu através das formas pontiagudas de cada garrafa e diversos padrões de formas orgânicas que parecem cruzar-se à medida que os níveis se elevam. A repetição da forma com o apontamento horizontal demarcado pelo cartão favo de abelha enfatiza também as colunatas e frisos que marcavam os grandes monumentos clássicos e nos quais era de extrema relevância o pórtico de acesso. O *Glassberg* – montanha de vidro – é também uma experiência sensorial para o observador, uma anfítese gerada entre a massividade de cada parede representada pelo seu volume e peso, contrastada pela subtilidade e fragilidade aparente da garrafa de vidro que a sustenta. Pela sua presença no espaço público até ao mais detalhado reflexo, este pórtico é a ruptura com os convencionais acessos a espaços de festival, trazendo criatividade e o tema do festival ao momento de recepção.





BOMBARDA

STILL Urban Design
2014
Porto

Colaboradores

Jorge Sá, MO.CA –
mobiliário de cartão

Especialidades

Biologia: António Carvalho
da Silva

Promotor da obra

Porto Lazer – Câmara
Municipal do Porto

Tipo de encomenda

Adjudicação direta

Desenhos

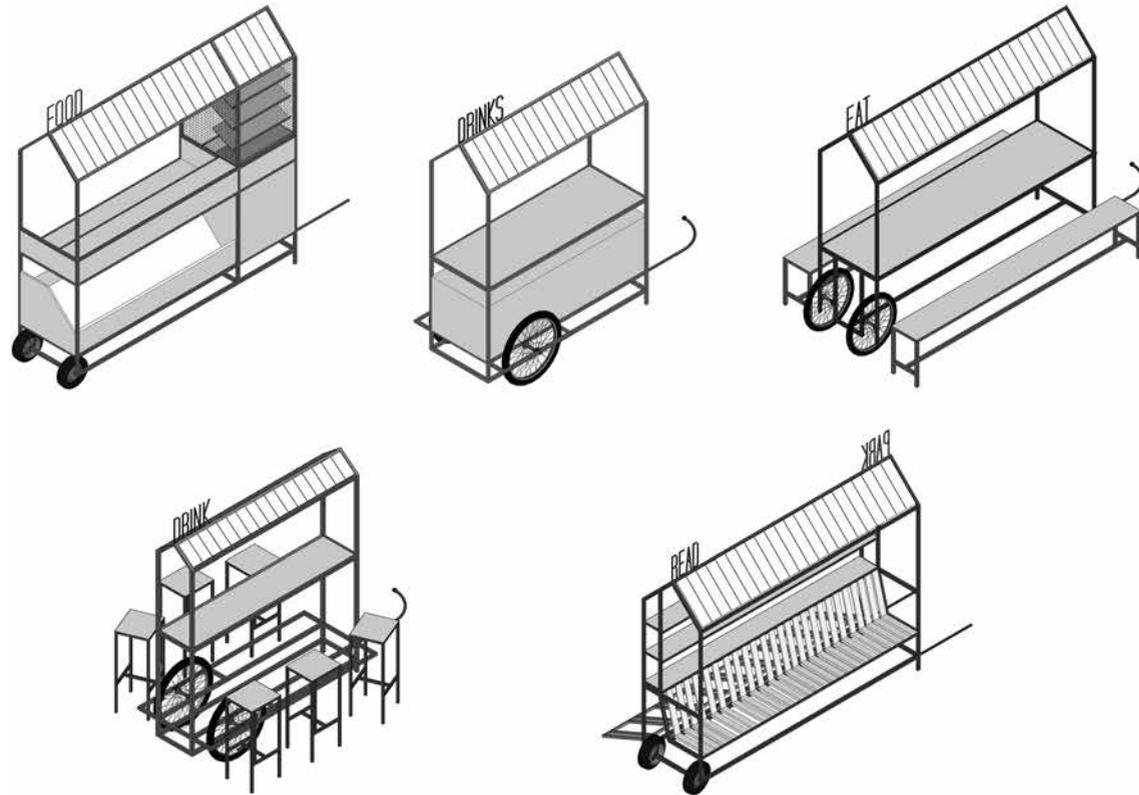
Planta, alçados e secção
© STILL Urban Design

Fotografia

© STILL Urban Design



De que forma determinadas premissas bioclimáticas podem ser combinadas num espaço, enquanto experiência perceptível e sensorial? O espaço público como estaleiro e laboratório vivo de ideias e vivências. Esta primeira intervenção da Still [urban design] pretendia criar um espaço de estar de conceção bioclimática – uma conceção focada na mediação entre homem, clima e ambiente – no troço pedonal do topo oeste da Rua Miguel Bombarda. O objetivo foi o de dotar a rua de um momento de paragem onde, durante o evento, os transeuntes pudessem usufruir da sombra e proteção face ao vento. Esta intervenção aliou estas massas vegetais em unidades modulares móveis com elementos de mobiliário urbano e surge do trabalho conjunto de várias disciplinas. O módulo-base é composto por três partes: um contentor de água de 1 000 litros, um nível de arbustos e uma árvore. Ao módulo-base juntam-se três variações do mesmo: “Árvore” [módulo-base], “Sebe” [contentor + arbustos adultos], “Pomar” [contentor + arbustos + árvore de fruto], e “Vela” [contentor + arbustos + dispositivo de sombreamento artificial ou trepadeira sobre estrutura metálica]. Os módulos per se não são o objetivo mas sim o meio para o atingir – diferentes configurações espaciais, baseadas em premissas bioclimáticas, onde, de um modo simples e eficaz, se pretende contribuir para a consciencialização da comunidade quanto à importância que o conforto térmico em espaço público tem para o seu bem-estar. Garantir o conforto térmico em espaços exteriores é fundamental para assegurar o uso e significado dos espaços públicos, reduzir custos de manutenção, dinamizar economias locais e contribuir para a sustentabilidade de toda a cidade.



MEZZO MERCATO

**Mezzo Atelier
2014
Milão (Itália)**

Promotor da obra
Mezzo Atelier, La Buttiga, Esterni

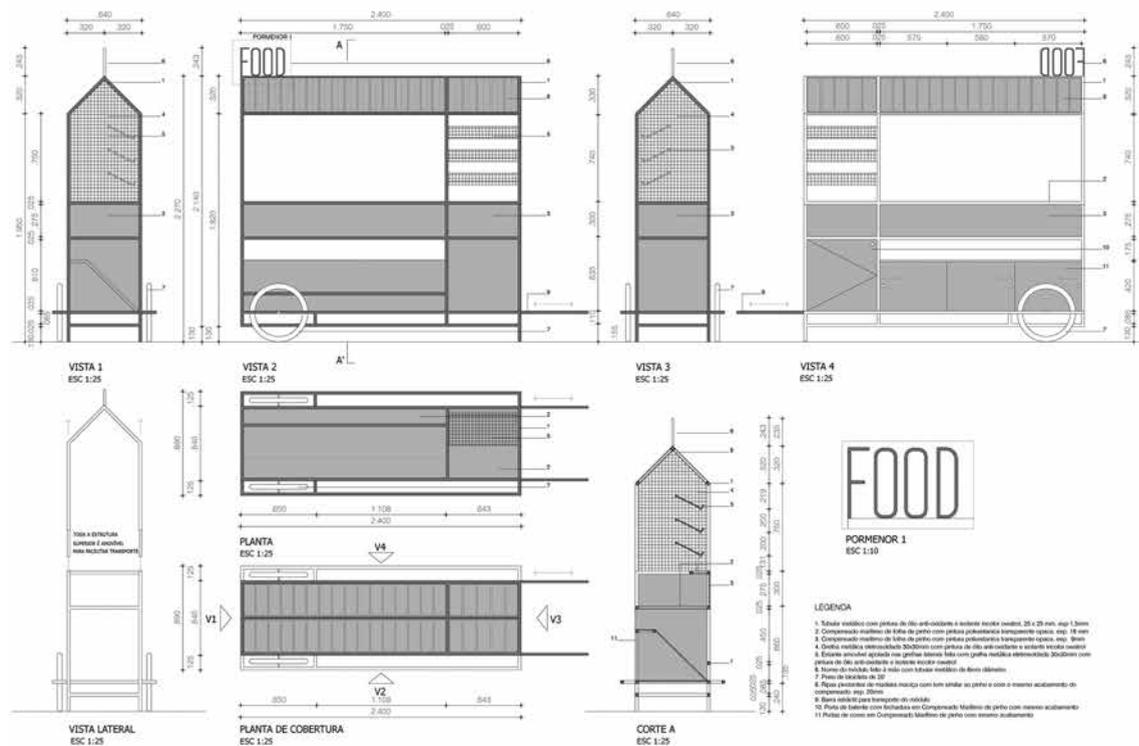
Tipo de encomenda
Concurso

Desenhos
Axonometria
Módulo Food – Execução
© Mezzo Atelier

Fotografia
© Mezzo Atelier



O conjunto de mobiliário urbano *Mezzo Mercato* foi criado e auto-produzido em resposta a um concurso que visava selecionar projetos que relacionassem a cultura gastronómica à fruição do espaço público e ao *design* urbano. Dos mais de 350 candidatos internacionais, o *Mezzo Mercato* e outros 11 projetos foram selecionados para habitar uma praça em Milão dando forma ao *Public Design Festival* durante a *Design Week* de 2014. O projeto, uma reavistação das tradicionais bancas de mercado, é um conjunto de unidades móveis que permitem diversas ocupações espaciais e combinam a venda e o consumo de produtos com o lazer em espaços públicos. As peças podem ser vistas como um protótipo de um espaço funcional e recreativo que pode ser replicado em maior número. Cada módulo acarreta uma função específica: banca de venda de produtos; mesas para refeições ou apoio de bar e ainda um banco coberto, com dupla função de estacionamento de bicicletas. Juntos, eles são capazes de potenciar a dinâmica entre as pessoas através dos múltiplos espaços criados. O número e o tipo de módulos podem adaptar-se facilmente a diferentes condições e necessidades e são leves o suficiente para serem transportados por uma pessoa ou transportados de bicicleta. Após o sucesso do evento e da resposta positiva do público ao projeto, o *Mezzo Atelier* tem vindo a ser contratado para projetar e produzir vários módulos customizados do *Mezzo Mercato* para diferentes tipos de situações. Entre os clientes contam-se o projeto de *street food* da cadeia de produtos gourmet "Eataly"; a cadeia de supermercado holandês "Albert Heijn"; a associação *Save the Children* ou a *Expo Milano 2015*, onde uma praça de apoio à restauração foi ocupada com vários módulos.





POVERA

Atelier JQTS
2014-2015
Almada

Colaboradores

Alexandre Sequeira, Ana Carvalho, Eduardo Bote, Francisca Guimarães, João Carlos Lopes, João Pedro Faria, Pedro Grilo

Especialidades

Estabilidade: Daniel Maio

Promotor da obra

Companhia de Teatro de Almada

Tipo de encomenda

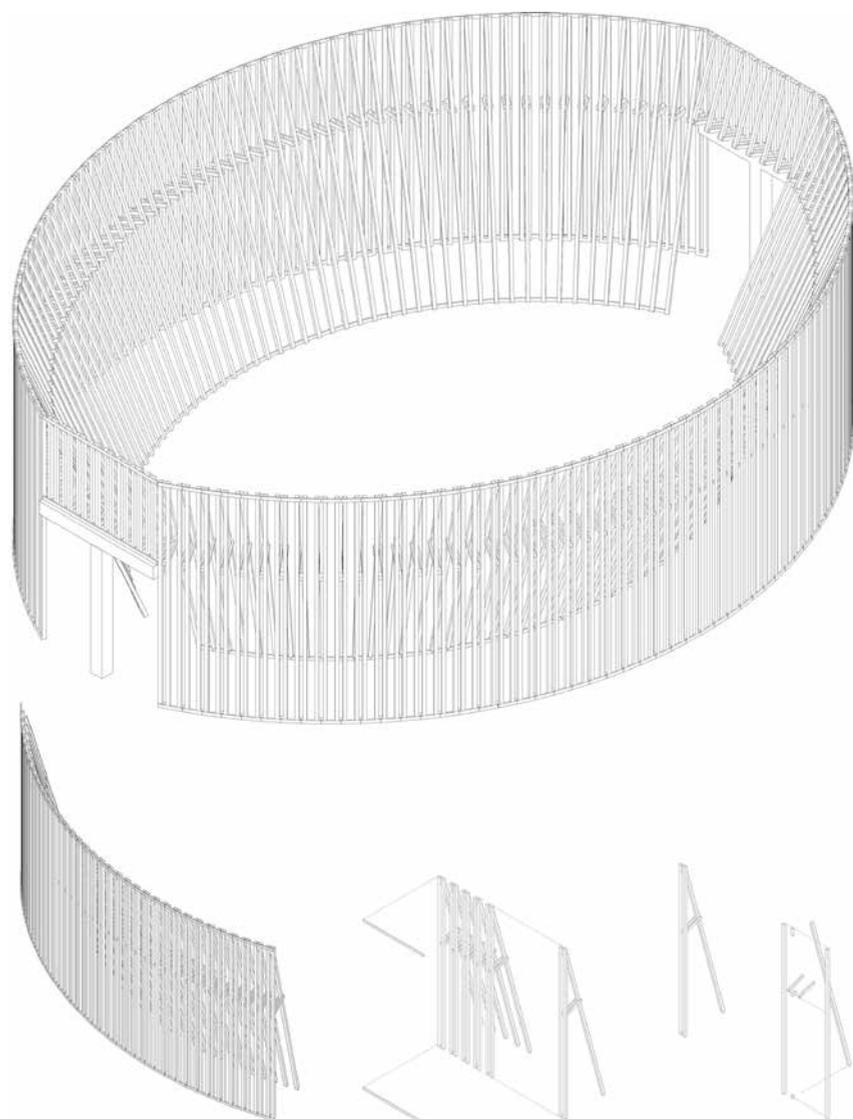
Adjudicação direta

Desenhos

Axonometria
Detalhe construtivo
© Atelier JQTS

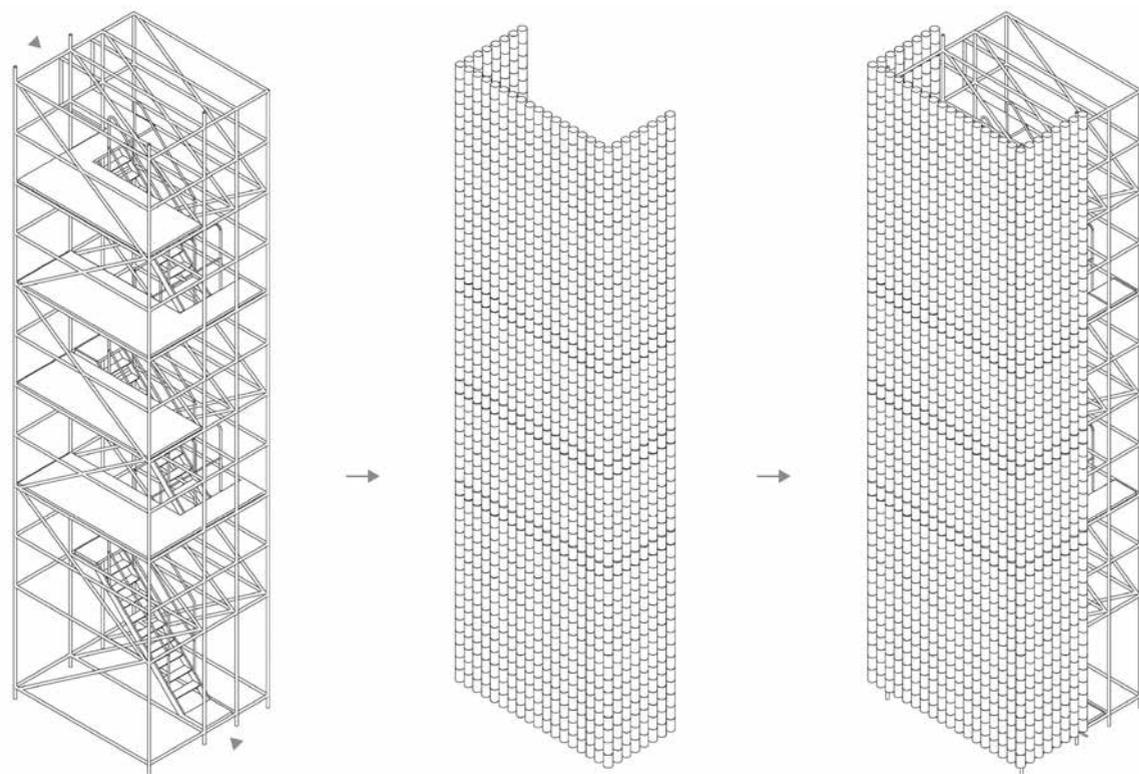
Fotografia

© Diana Quintela



Povera foi concebido para assinalar o 10.º aniversário do Teatro Azul. Uma estrutura em madeira que humildemente expõe a sua condição artesanal e preserva a essência enquanto estrutura espacial. O espaço é concebido a partir da repetição de um módulo individual, frágil, que necessita dos restantes para gradualmente se ir convertendo estável. Os pontos que simbolicamente assinalam o momento de entrada, através de elementos construtivos e estaticamente resistentes, um pilar e uma viga, adquirem um carácter quase figurativo devido à forma e à tonalidade. A estabilidade do conjunto apenas é alcançada quando todos os elementos se unem e simultaneamente definem o espaço. Recuperando a ideia de centralidade presente em algumas representações medievais, *Povera* remete também para o anfiteatro romano, inicialmente concebido a partir da sobreposição formal dos teatros clássicos. Situado entre o Teatro Municipal Joaquim Benite e o Fórum Romeu Correia, este anfiteatro efémero resgata alguns dos padrões espaciais desta tipologia, no entanto é propositiva quanto à sua democratização: o palco e a plateia são um e o mesmo espaço, não há focos de ação pré-definidos. O público vive a condição de ator, participa de modo ativo. O ator vive a condição de espectador, observa e analisa a ação. É parte integrante. A ação constrói-se ali mesmo, numa área definida, mas não encerrada, permeável. Apontam-se premissas e sugerem-se ações. Gonçalo M. Tavares fala-nos da construção de situações em dois tipos: os movimentos recetores da existência e os movimentos emissores da existência. Nesta simbiose entre o espaço arquitetónico e a peça de teatro, o público é convidado a assistir à ação e a ser parte integrante. Torna-se receptor e emissor de movimentos de existência dentro do palco, que afinal é a própria vida, uma rotina, um ritual, o quotidiano. Para confirmar as palavras de Aldo Rossi de que "o Teatro é lugar onde acaba a Arquitetura e começa o mundo da imaginação e do insensato".





VIRA-LATA

**Moradavaga
2015
Porto**

Colaboradores
Rossana Ribeiro

Especialidades
Projeto, Estabilidade
e Logística: Catari

Promotor da obra
Projecto Locomotiva /
Porto Lazer – Câmara
Municipal do Porto

Tipo de encomenda
Adjudicação direta

Desenho
Esquema construtivo
© Moradavaga

Fotografia
© Moradavaga



“Vira-Lata” nasceu de um convite endereçado em janeiro de 2015 pela Câmara Municipal do Porto à Moradavaga, através da Porto Lazer, EM, para conceber uma obra que integrasse o projeto de uma nova praça pública temporária, no então cessante parque de estacionamento do lado norte da Estação de São Bento, no âmbito do Projecto Locomotiva o qual visava a reabilitação e animação dos espaços públicos em torno da gare. Da interpretação crítica do território em questão, nas suas várias vertentes, surgiu desde logo a ideia de implantar, no extremo nascente do mesmo, um elemento vertical – uma caixa de escadas –, simultaneamente lúdico e funcional, que servisse de remate visual à nova praça e permitisse vencer a diferença de cotas entre esta e a contígua Rua da Madeira, eliminando assim o efeito *cul-de-sac* existente e dinamizando desse modo os fluxos de circulação pedonal. Cruzando referências do ato de viajar e em particular do universo dos caminhos-de-ferro, o conceito para as fachadas interativas desta “torre de comunicação” – uma espécie de ecrã tridimensional gigante, de pixels analógicos –, é remanescente dos sistemas utilizados nos painéis informativos que indicam as chegadas e as partidas. Assim, utilizando uma abordagem comum no nosso método de trabalho, converteu-se um objeto industrial *standard* (neste caso a lata metálica habitualmente utilizada como recipiente) num componente/módulo construtivo, combinando-o com um sistema universal de andaime (tendo em linha de conta a natureza efémera da construção), adoptando um sistema binário colorido – o amarelo encontrado nas carruagens dos comboios suburbanos e a folha de flandres natural das latas – de modo a oferecer-se aos transeuntes a possibilidade de criarem as suas próprias mensagens, padrões e desenhos, à imagem de um *speakers’ corner* pictórico, contribuindo para a constante mutação da imagem e ambiente daquele novo espaço público e fomentando a liberdade de expressão dos cidadãos.





COBERTURA DA PRAÇA DA REPÚBLICA

Atelier Cais
2014-2016
Portimão

Especialidades

Estrutura: David Camões

Promotor da obra

Privado

Tipo de encomenda

Adjudicação direta

Desenhos

Axonometria

Planta

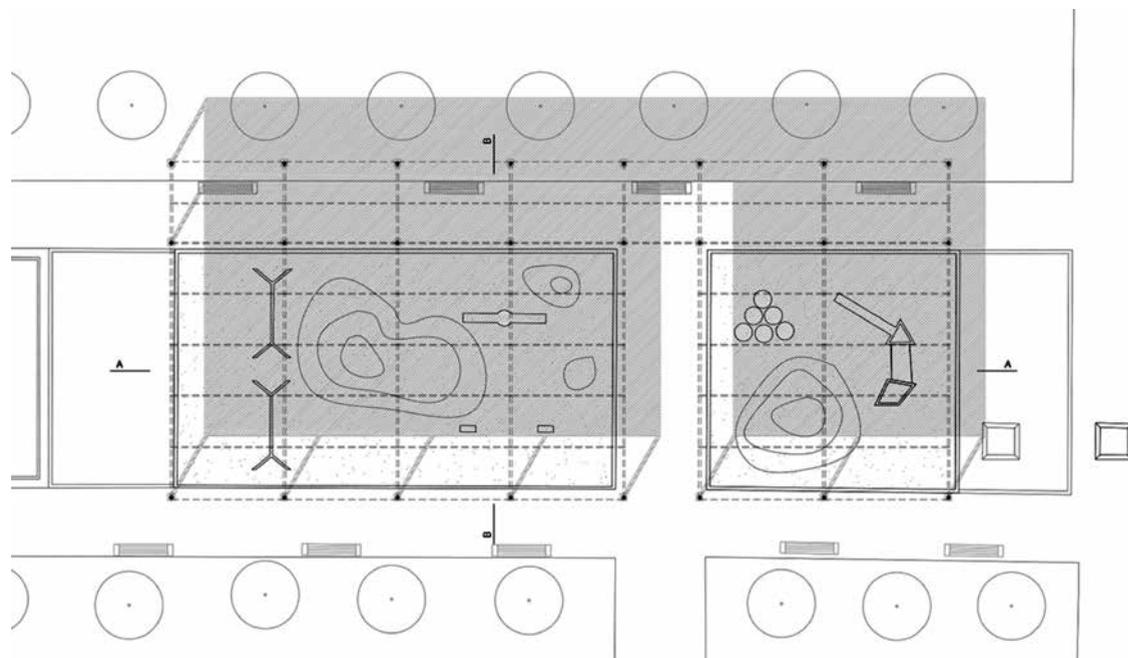
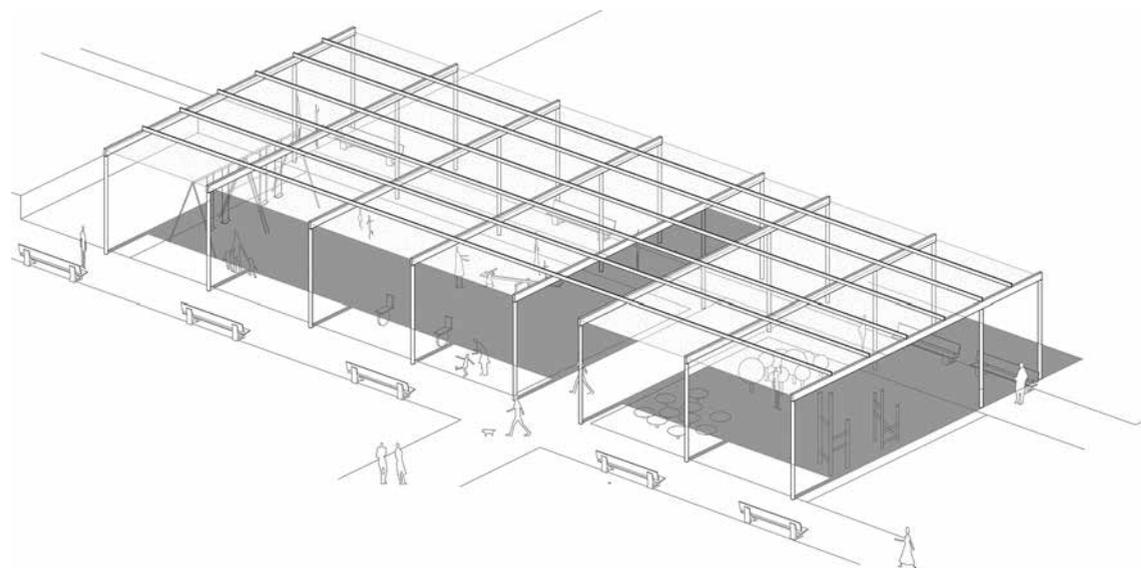
© Atelier Cais

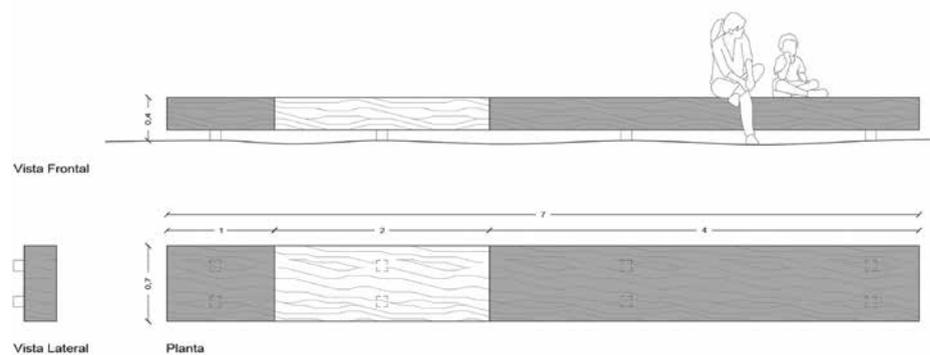
Fotografia

© Francisco Nogueira



Do lugar de intervenção fazia parte um parque infantil com dois recintos pavimentados e vários equipamentos de recreio. O projeto teve como principal premissa a requalificação do parque infantil e do espaço público envolvente, dotando-os de uma área significativa de sombra, tão essencial à utilização e permanência das crianças e pais no parque nos meses quentes de verão. A estrutura desenvolve-se no sentido longitudinal da praça e é composta por oito pórticos, entre os quais é fixa uma tela micro-perfurada. As cores utilizadas, branco e caramelo, são as cores predominantes dos edifícios de referência da envolvente.





LANDSCALE

**Mezzo Atelier
2016
São Miguel**

Promotor da obra
LAPA – Land Art Project
Azores

Tipo de encomenda
Adjudicação direta

Desenhos
Planta e vistas
Implantação
© Mezzo Atelier

Fotografia
© Mezzo Atelier
© Filipe Tavares



A peça *Landscape* foi criada em resposta ao convite para apresentar uma proposta para o projeto LAPA – *Land Art Project* Azores, na margem da Lagoa Azul das Sete Cidades, na ilha de São Miguel. Um instrumento de medida, uma escala gráfica de 7m de comprimento, que convida os passantes a contemplar e a confrontar-se com a monumental paisagem vulcânica. O banco, produzido em parceria com carpinteiros locais, realizou-se com longas travessas de madeira local, a criptoméria japónica. A forte linha gráfica foi então dividida em seções de 1, 2 e 4 metros, usando o contraste entre a madeira no seu estado natural e áreas que foram especialmente carbonizadas. Para esse fim, foi utilizado o processo japonês *Shou Sugi Ban*, criado para este tipo de madeira de modo a conceder-lhe maior resistência e impermeabilidade, continuando assim um ciclo que foi iniciado no passado com a importação destas árvores do Japão para os Açores.





TWO MANIFOLDS

Nuno Pimenta
2016
São Miguel

Colaboradores
Miguel C. Tavares

Promotor da obra
Walk&Talk

Tipo de encomenda
Adjudicação direta

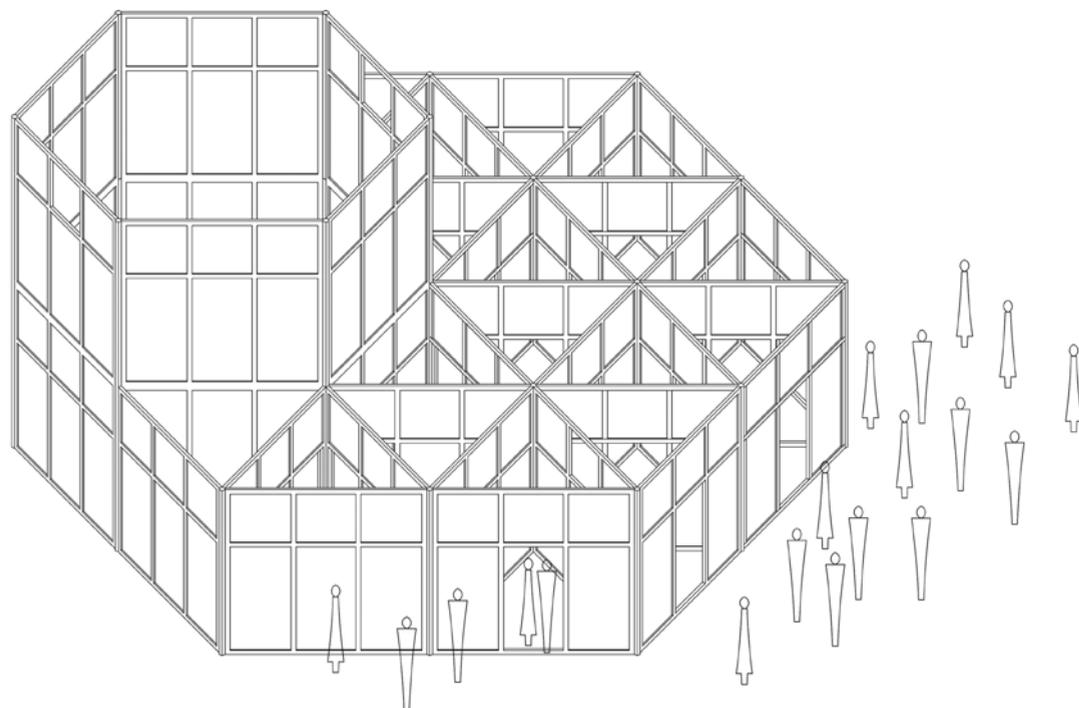
Desenho
Esquema de Montagem
© Nuno Pimenta

Fotografia
© Nuno Pimenta



A peça surge num dos locais mais periféricos de Ponta Delgada, a freguesia de Santa Clara. Embora seja uma zona desprivilegiada, esta freguesia é marcada pela sua importância na construção do Porto desta cidade, que hoje constitui uma das maiores portas de entrada e saída de bens e pessoas entre o arquipélago e o mundo. *Two Manifolds* cria um *landmark*, um ponto de paragem e observação, que liga o local ao seu universo próximo e à condição político-geográfica dos Açores numa espécie de cruzamento de diferentes vetores. A peça distribui-se em dois níveis – um nível superior de observação, outro inferior de descanso e permanência – e três direções predominantes que estabelecem relações com diferentes graus de proximidade ao local de implantação. Cada um destes níveis possui materiais e características de resistência e temporalidade distintas, construídos através de processos de autoconstrução e colaboração com artesãos e voluntários locais. Tendo em conta a localização inóspita desta construção, o nível inferior consiste num conjunto de três bancos de betão – inspirados nos grandes *tetrapods* que protegem aquela zona do mar – que garantem um registo permanente da peça. O nível superior foi construído em madeira de criptoméria (ou Sugi, árvore endémica do Japão também abundante na ilha de São Miguel), com carácter temporário e de fácil desmontagem para armazenamento e manutenção. Esta caixa tripartida em madeira, que remonta às caixas de transporte de mercadorias, assinala três direções intimamente ligadas ao contexto local e contexto geográfico do arquipélago: uma primeira direção, a de entrada, aponta para a freguesia e convida os seus habitantes à visita, à subida ao miradouro; uma segunda, já balançada em direção ao mar, encaminha o olhar para o Porto de Ponta Delgada, polo de entrada e saída da ilha; a terceira dirige-nos para a direção contrária do centro político europeu incentivando-nos a expandir esta ultraperiferia com o nosso olhar.





GALLERY

**Atelier JQT
2016-2017
São Miguel**

Colaboradores

Curadoria: KWY Studio;
Construção: André Santos,
Belén Goñalons, Carolina
Costa, Daniel Borges, Inês
Almeida Peixoto, João
Rebello Costa, Leonor
Peixoto, Luís Brum, Mariana
Santos

Especialidades

Estabilidade: Daniel Maio

Promotor da obra

Walk&Talk

Tipo de encomenda

Adjudicação direta

Desenho

Axonometria
© Atelier JQTS

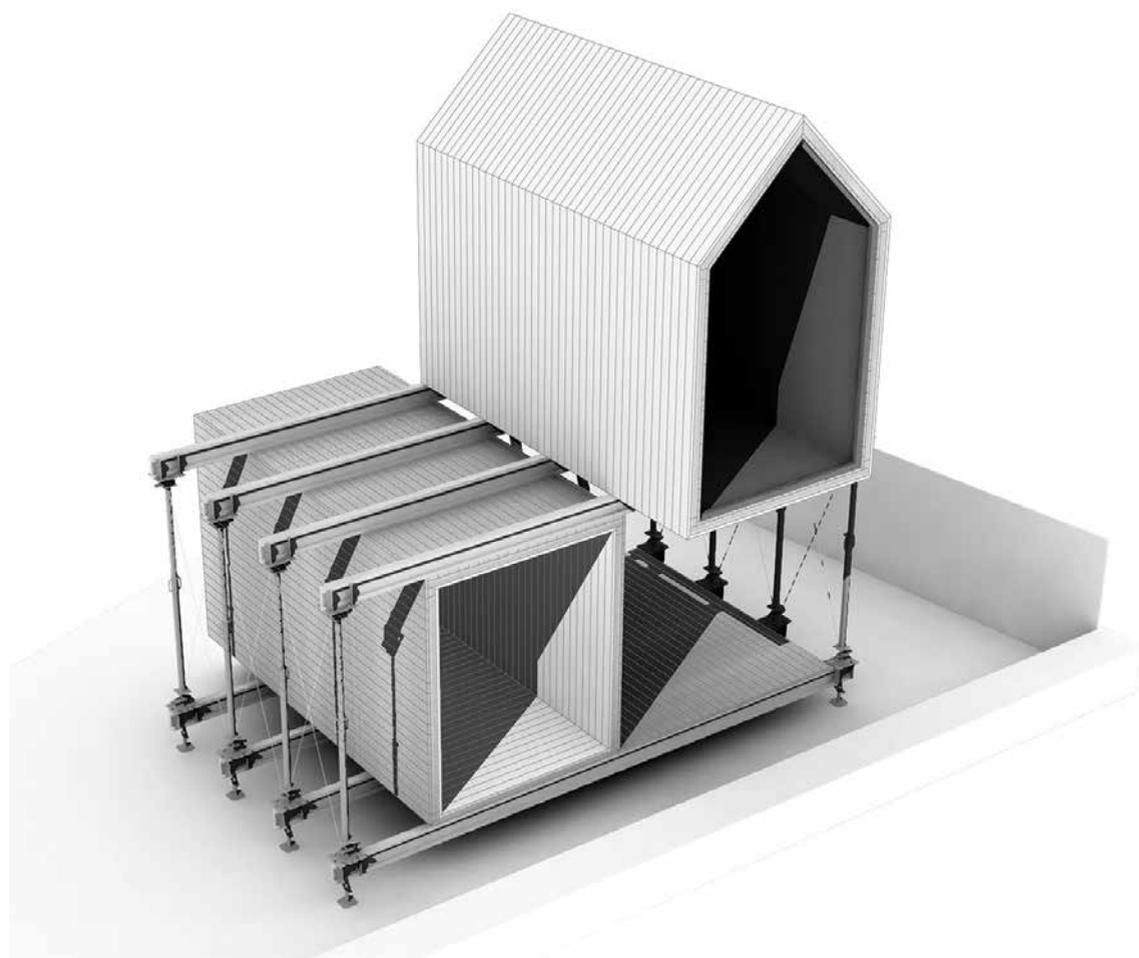
Fotografia

© Diana Quintela



Gallery localiza-se precisamente em frente ao edifício que recebeu as anteriores edições do *Walk&Talk*. Recentemente o edifício foi vendido e o festival foi forçado a mudar de localização. Por este motivo, o nome *Gallery* faz uma homenagem à história do *Walk&Talk* e ao trabalho que o festival tem vindo a desenvolver para comunidade de São Miguel. O elemento-base do projeto é uma moldura com três aberturas, tal como as portas da cidade de Ponta Delgada. Este elemento não tem estabilidade suficiente para se sustentar por si só; no entanto, através do uso de uma geometria triangular criada pela união de três módulos é possível definir uma unidade básica através do qual o projeto pode crescer num sistema infinito. A sua repetição permite criar espaços, edifícios ou novas realidades. *Gallery* é um projeto sobre a experiência física e sensorial. Está construído com criptoméria, a madeira local, através de um acabamento imperfeito que nos convida a entender a sua textura. O chão é integralmente em bagacina, a pedra vulcânica extraída de uma pedreira local, que cria sons e ritmos enquanto se descobre o espaço. Utiliza uma rede negra que cria diferentes jogos de transparências e opacidades. Tem um conjunto de 18 salas triangulares (com dimensões idênticas, mas relações internas distintas) que apela a uma *promenade* labiríntica até à grande sala hexagonal de maior altura através do qual podemos observar o oceano Atlântico. *Gallery* é uma pequena estrutura, um novo marco temporário que explora novas possibilidades de interpretar o território de uma maneira não impositiva. Estabelece relação com a tipologia de um forte, colocado no ponto mais alto, e cria um novo eixo diagonal na praça em direção ao oceano, estimulando a relação entre a torre do teatro e a antiga galeria do festival *Walk&Talk*. A geometria rígida permite uma flexibilidade de usos no interior. Para além de exposições e *performances*, esta é também uma galeria para andar, para conversar, para se sentar e contemplar.





UNTITLED (THE UNKNOWN)

Nuno Pimenta
2016-2017
Torre de Moncorvo

Colaboradores

Frederico Martins, Miguel C. Tavares, Ricardo Leal, Rui M. Vieira

Promotor da obra

Fundação EDP e Câmara Municipal de Torre de Moncorvo

Tipo de encomenda

Adjudicação direta

Desenho

Perspetiva
© Nuno Pimenta

Fotografia

© Nuno Pimenta



Untitled (The Unknown) é uma escultura autoconstruída com função e programa que alberga no seu núcleo dois níveis de conhecimento específico sobre Torre de Moncorvo. Um primeiro nível liga-nos diretamente à terra, às suas gentes e estórias, numa abordagem museológica informal. O segundo, um miradouro, remete-nos ao etéreo e à Natureza, ao conhecimento que advém da observação introspetiva da peculiar paisagem desta vila, marcada por um envolvente e incerto horizonte. Esta peça foi resultado de uma residência artística de grande proximidade à comunidade de Torre de Moncorvo. Foi construída inteiramente no local, numa pequena praça em frente ao cine-teatro da vila e, além de ponto de encontro de jovens, albergaria também exposições e instalações de outros artistas envolvidos neste programa de arte pública. *Untitled (The Unknown)* foi acima de tudo uma *performance* arquitetónica, uma plataforma para diferentes processos artísticos, um processo construtivo constante.





AURANTES

Diogo Aguiar Studio
2017
Abrantes

Colaboradores
 Alicia Cano, Daniel Mudrák

Especialidades
 RDC, Ovar

Promotor da obra
 Canal 180

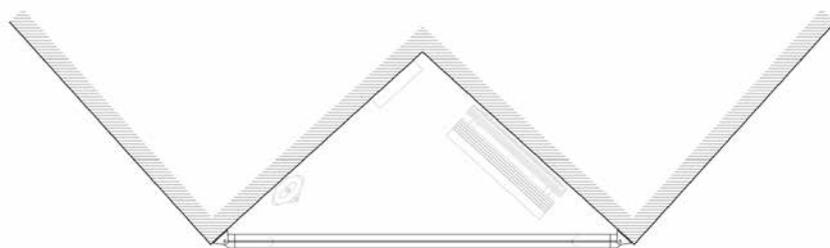
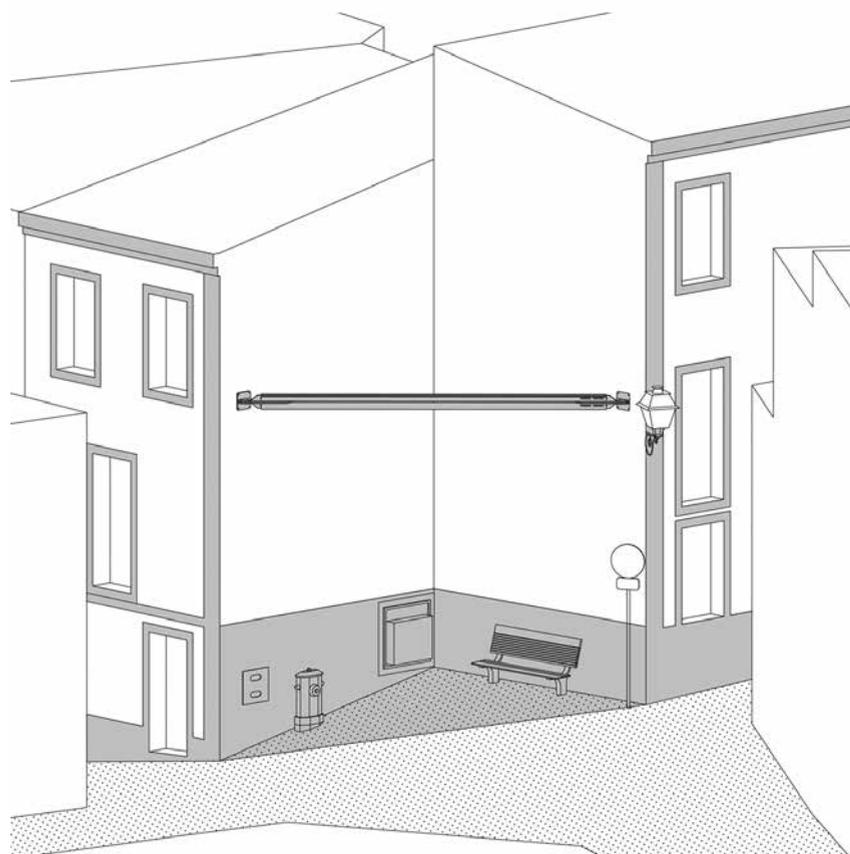
Tipo de encomenda
 Adjudicação direta

Desenhos
 Axonometria
 Planta
 © Diogo Aguiar Studio

Fotografia
 © Francisco Nogueira

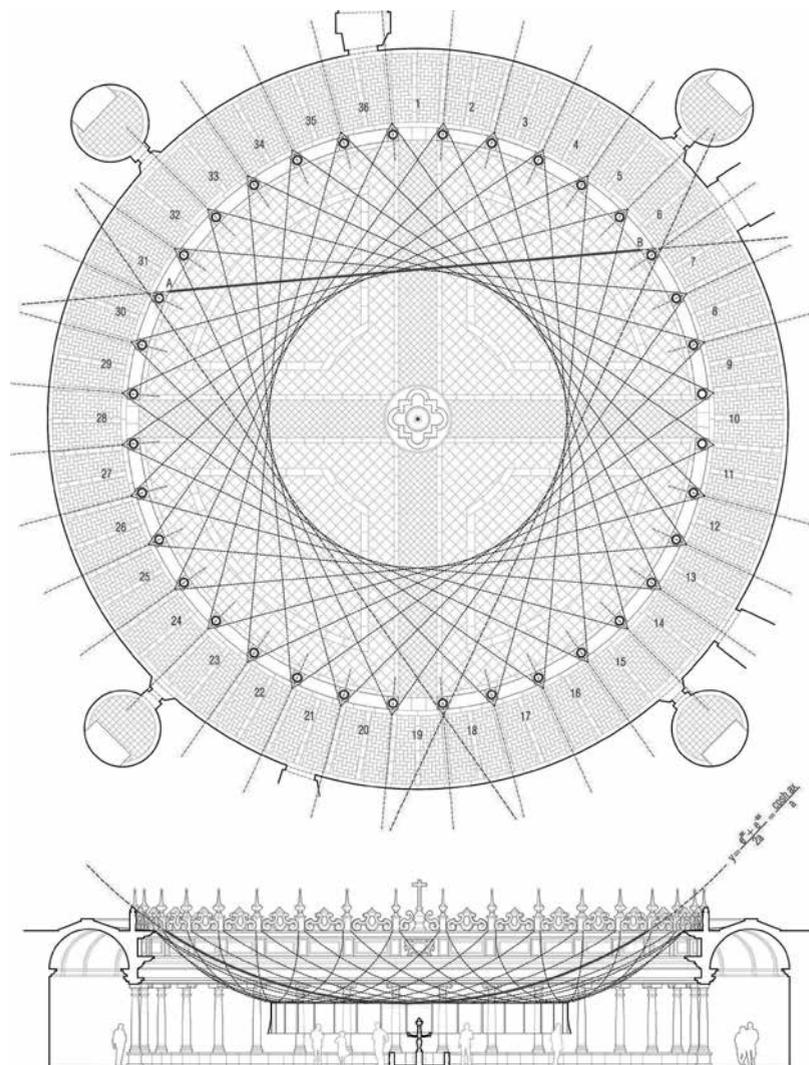


Aurantes é um projeto artístico sobre a revitalização do espaço público. O não-lugar encontrado no centro da cidade de Abrantes foi convertido num novo local de encontro, mas sobretudo num tributo espacial à história e à memória da cidade. As linhas rígidas geométricas que dividem o espaço reproduzem os desenhos familiares da cidade (o típico embasamento caído e os estabilizadores das fachadas interiores), enquanto a cor de ouro refletora que magnifica o esquecido vazio urbano – e que cobre as paredes, o pavimento, o equipamento urbano e o banco agora restaurado – refere-se aos tempos gloriosos quando o ouro era extraído do rio Tejo que atravessa a cidade.



0m 1m 2m





CARNET C10 - INSTALAÇÃO NO MOSTEIRO DA SERRA DO PILAR

Pedro Matos Gameiro, Marta Sequeira e Carlos Machado e Moura
2017
Vila Nova de Gaia

Colaboradores

Paulo Dias, João Varela

Consultoria

Fernando Rodrigues, ARA

Promotor da obra

Centro de Estudos de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Porto (CEAU-FAUP) e *Fondation Le Corbusier*

Tipo de encomenda

Adjudicação direta

Desenho

Planta e secção
© Pedro Matos Gameiro, Marta Sequeira e Carlos Machado e Moura

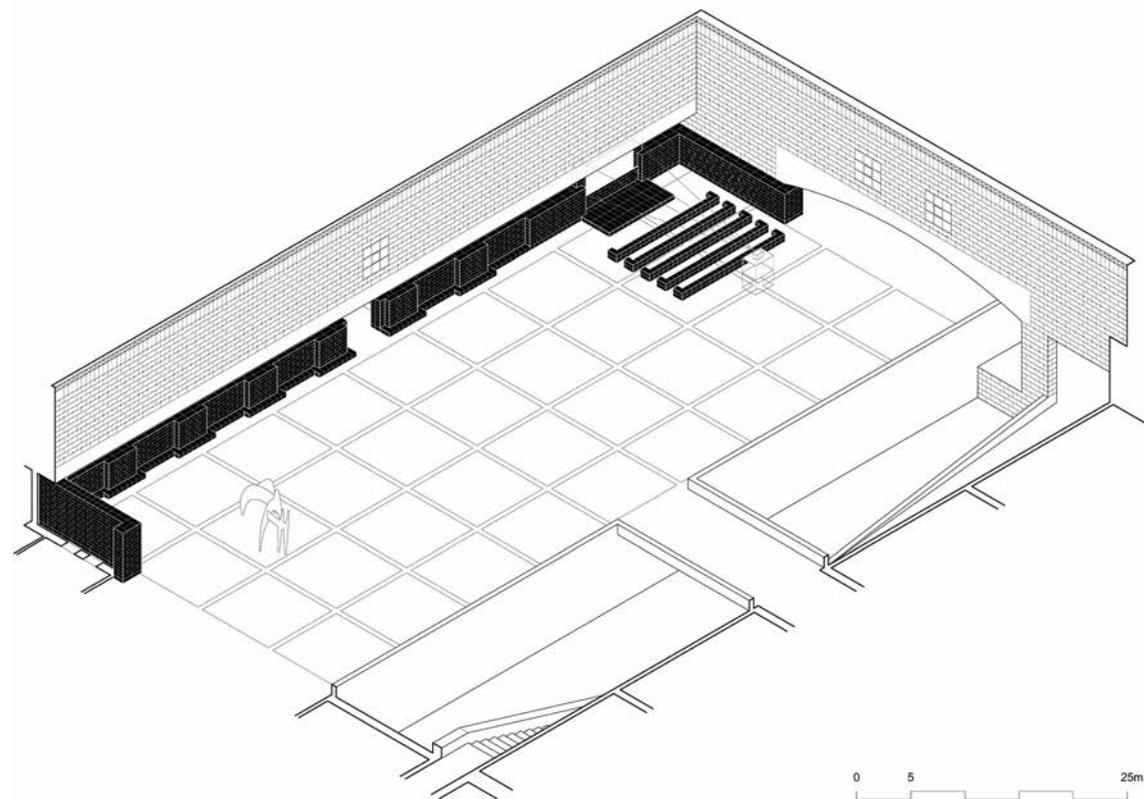
Fotografia

© Carlos Machado e Moura
© Paulo Catrica



Le Corbusier visitou Maiorca em 1932 e registou as suas impressões no *Carnet C10*, cujas páginas foram mote para a conferência "Dibujos en un Cuaderno", de Xavier Monteyts, integrada no ciclo "Aulas de Autor – Le Corbusier e o Desenho", promovido pelo CEAU-FAUP e a *Fondation Le Corbusier*. O conjunto desses desenhos inicia e encerra com duas vistas de Barcelona a partir de um barco, pelo que Monteyts sugere estarmos perante uma viagem sem princípio nem fim: um panorama, instrumento tão recorrente em Le Corbusier. A partir desta ideia montou-se uma instalação para experimentar esta estrutura em grande escala no claustro do Mosteiro da Serra do Pilar, tirando partido da sua conformação circular e da coincidência do número de intercolúnios com o número de páginas a reproduzir em grande formato. Recorreu-se a quase 1 000m lineares de cabos brancos, recordando o universal jogo "cama de gato", que todos jogámos em crianças. Estes cabos configuram, em planta, uma estrela falsa, formada por 12 triângulos a partir da geometria oferecida pelas colunas e pelos pináculos. Lançados da cobertura, os cabos cosem uma esbelta barra de alumínio, formando uma circunferência concêntrica, que suspende os desenhos aumentados à altura do olhar, para ser vistos desde o interior. A estrutura foi aferida de tal modo que a catenária dos cabos não fosse afetada, compensando a gravidade e outorgando uma sensação de leveza. Após a aula, os desenhos foram recolhidos, permanecendo os cabos. Esta estrutura linear, vestígio e memória do evento, ganha então uma nova vida, uma nova amplitude e universalidade. É expressão de um rito. Do ambulatório do claustro, passamos para um espaço com uma cobertura apenas sugerida pelos cabos – um umbral, transição entre exterior coberto e exterior descoberto – até finalmente atingir o céu aberto. Prolonga-se a gradação característica da estrutura tipológica claustural e expande-se centripetamente a sua geometria, a estrutura profunda da sua forma.





UMA PRAÇA NO VERÃO - CCB

José Neves
2017
Lisboa

Colaboradores

Diogo Amaro

Promotor da obra

Centro Cultural de Belém

Tipo de encomenda

Adjudicação direta

Desenho

Axonometria

© José Neves – Gabinete de Arquitectura

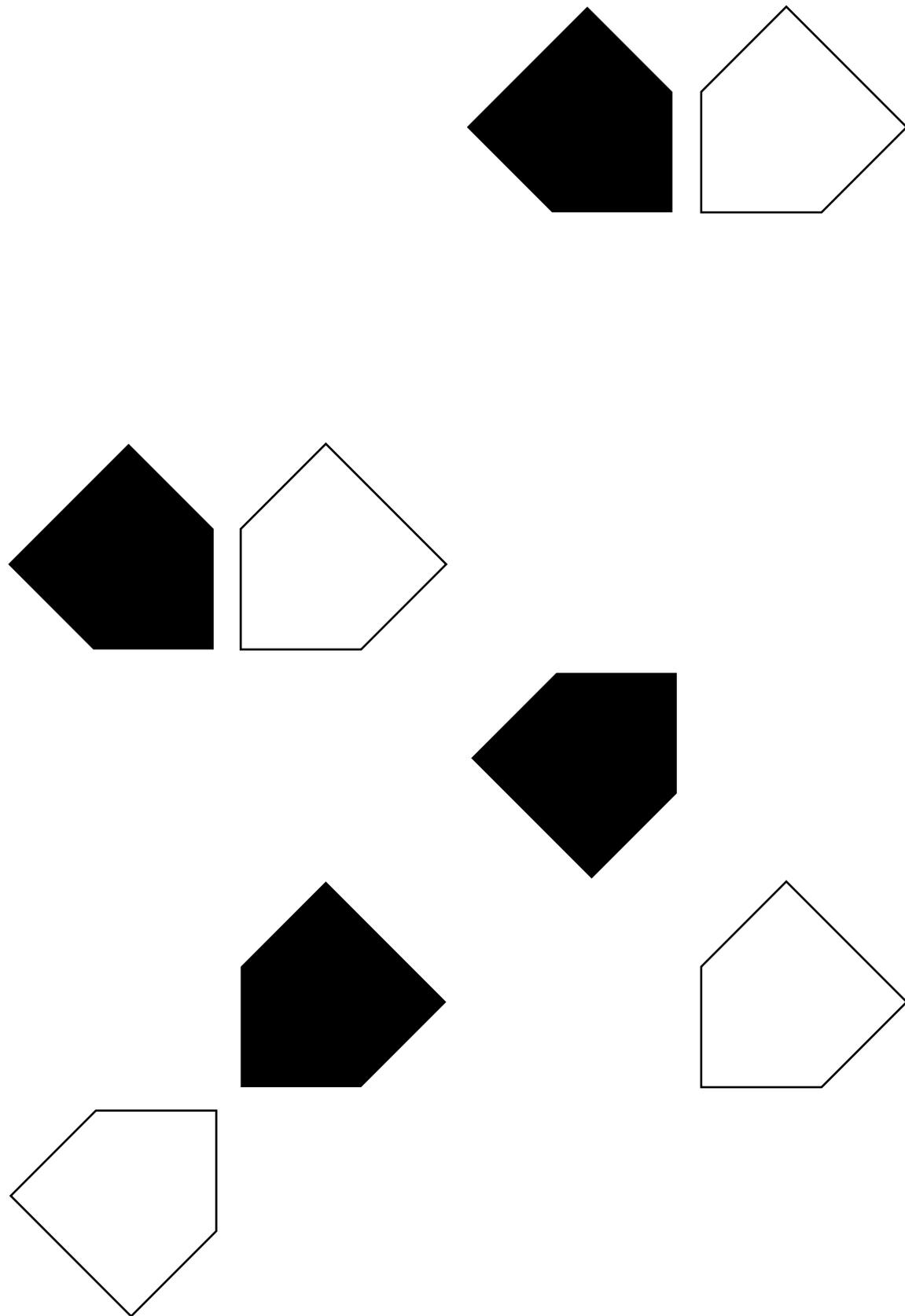
Fotografia

© Francisco Nogueira



A construção de um objeto que funcionasse para exibir filmes sobre arquitetura e música ao ar livre foi o pretexto para transformar a Praça do Centro Cultural de Belém (Manuel Salgado e Vittorio Gregotti, 1992) num espaço de estadia para os milhares de pessoas que visitam o CCB durante o verão. O projeto desenvolveu-se a partir de três circunstâncias: 1) A Praça é um espaço amplo de atravessamento, servindo de acesso ao Museu, ao restaurante e ao jardim suspenso de onde se vê o Tejo; 2) A arquitetura do edifício é regida por uma métrica, evidenciada na Praça pela quadrícula do pavimento, pela estereotomia da pedra lioz que reveste as paredes e pela organização dos vãos; 3) A cortiça foi o material de construção definido *a priori* pelo cliente. Construiu-se uma parede de blocos de aglomerado negro de cortiça, adossada ao longo da parede sul, em sombra quase todo o dia, incorporando um assento, fresco e confortável, que permitisse contemplar o espetáculo urbano do movimento constante de gente na Praça. A sua altura, definida pela base do arco existente de betão, e o ritmo da sua modulação, contraposta à métrica do CCB, conferiram uma escala nova a todo o espaço. Na extremidade poente, a parede dobrou-se para fechar a passagem aí existente, criando um recanto para ver os filmes ao abrigo do vento, à noite. A cor da parede em cortiça – composta por mil negros que mudam com o passar do tempo –, a sua textura – rude, macia e quente – e o seu cheiro fizeram com que a transformação da Praça não passasse apenas pela percepção da sua escala, mas também pela experiência da sua materialidade. Não deve ter havido uma pessoa que, ao atravessar a praça, não se aproximasse para tocar na cortiça com as mãos. Recusando a criação de um objeto, tratou-se de projetar uma situação que tivesse a capacidade de transformar a praça do CCB n'uma Praça no Verão.





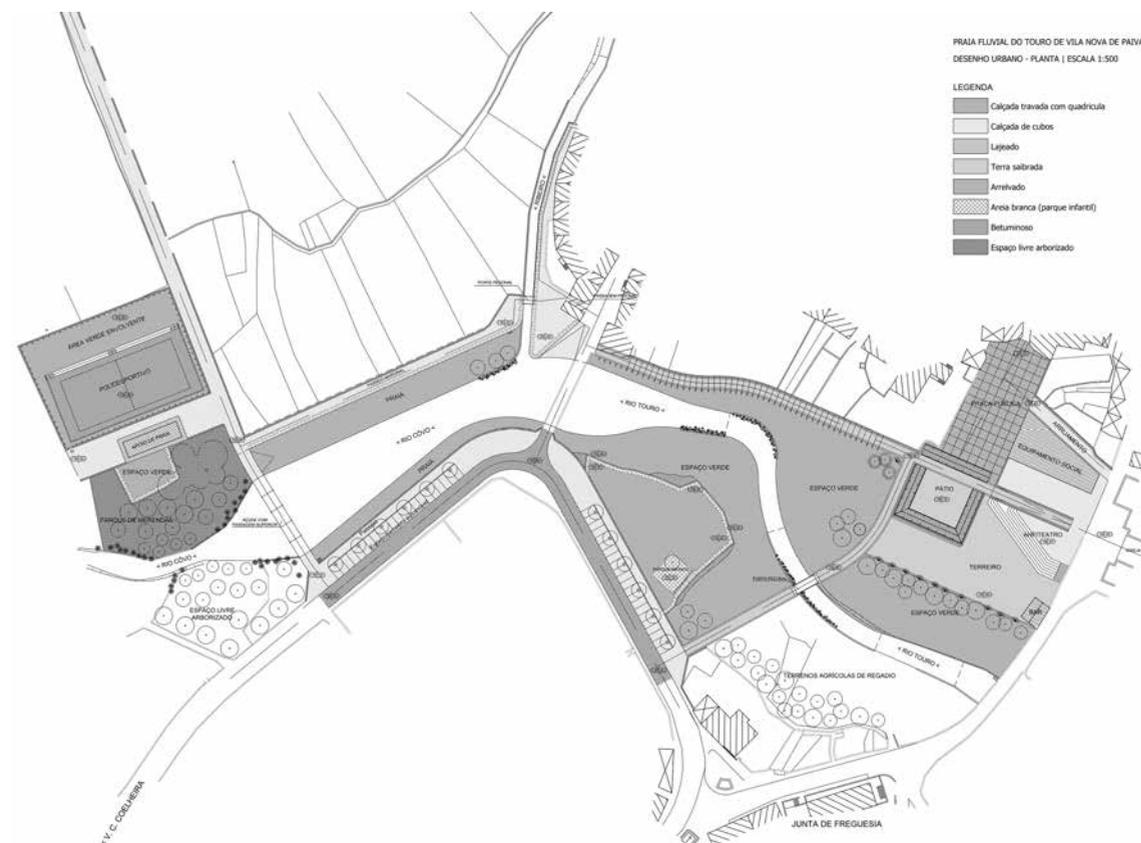
Prática

Espaço público como desenho

A par das intervenções de reabilitação do espaço público dos centros históricos, as obras de desenho de arranjos exteriores que caracterizam a Prática têm sido, nos últimos anos, o palco por excelência do investimento público em intervenções no espaço coletivo. Têm, também, registado o maior número de encomendas através de concurso público, abrindo aos arquitetos novas oportunidades de pensar e desenhar a cidade a partir do “vazio”, do “negativo”, do “espaço entre” e, nesse sentido, alargando o espectro da sua prática profissional corrente.

São obras de inovação e experimentação formal enquanto instrumentos de caracterização do lugar, exercícios de funcionalidade e espontaneidade na criação de novas topografias e cenografias ambientais. Aqui se inclui o desenho de parques urbanos e intervenções em locais de forte valor paisagístico. Sinal de um renovado interesse pelo acesso e usufruto do elemento água, surgem as requalificações de margens fluviais e marítimas do domínio público e, ainda neste contexto, as novas áreas de apoio ribeirinhas – terminais, cais e *decks* –, que promovem uma aproximação e interação com a envolvente natural, domesticando esse diálogo.

A categoria Prática abrange, também, intervenções de regeneração urbana e de desenho de espaços exteriores, de certo modo, mais “clássicas”. Obras que, simultaneamente, reclamam o uso do espaço público para o peão e para as novas formas de mobilidade leve. Que propõem e desenham novas formas de estar e de atuar no exterior. E que trabalham o “verde” como matéria de projeto, manipulando-o e integrando-o na construção das novas paisagens urbanas.



PARQUE URBANO DE TOURO

Carlos Almeida Marques
2008-2012
Vila Nova de Paiva

Colaboradores
 Luís Pombo

Especialidades
 Estabilidade: José Manuel Oliveira; Iluminação, Eletricidade e Mecânica: António Saraiva; Estudos Hidrológicos: João Paulo Loureiro; Plantações e Gestão dos Ecossistemas: Serafim Rien.

Promotor da obra
 Câmara Municipal de Vila Nova de Paiva

Tipo de encomenda
 Concurso

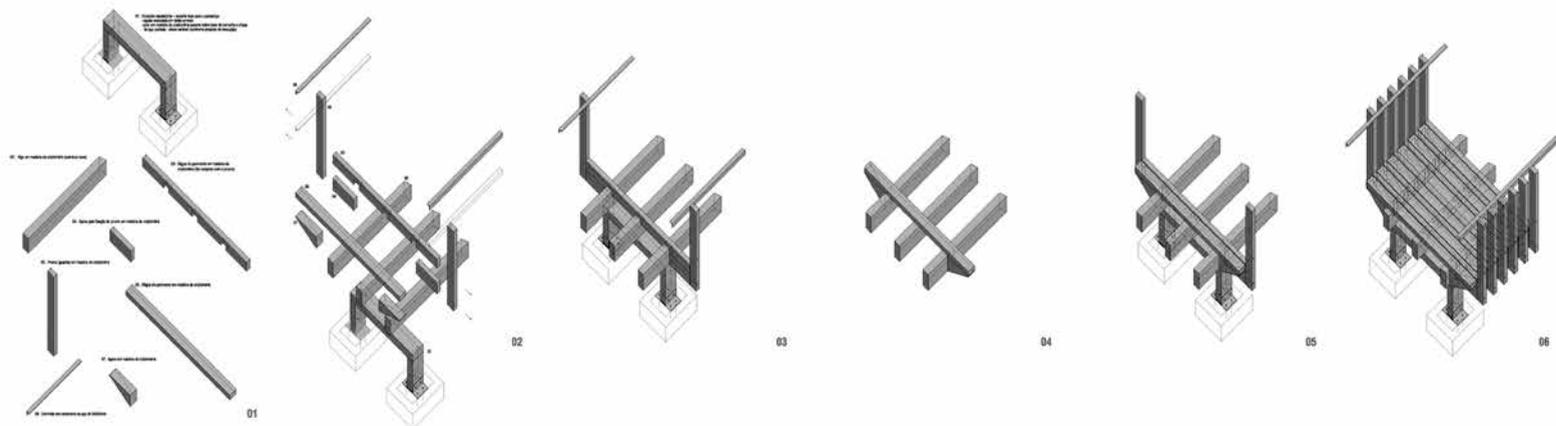
Desenho
 Planta geral
 © Carlos Almeida Marques

Fotografia
 © José Campos



A área de intervenção do Parque Urbano de Touro, com aproximadamente 30 755m², localiza-se na sede de Freguesia de Touro, concelho de Vila Nova de Paiva, junto às margens do rio que lhe dá o nome e do rio Covo. A área de intervenção desenvolve-se longitudinalmente numa faixa sinuosa que acompanha as duas margens dos rios Touro e Covo e considerou-se lógico tomar essa axialidade como a principal determinante da presente proposta de zonamento. Como consequência da morfologia da área de intervenção e das condições de conforto climático do local, verificou-se que o espaço de maior apetência para uma zona balnear propriamente dita seria o que se situa já no rio Covo, a jusante da ponte da Rua da Encosta. As restantes atividades de recreio e lazer ligadas à praia fluvial poderão ser situadas no espaço de ambas as margens do rio Touro entre as pontes, criando aqui uma zona de parque urbano, resultante da sua maior inserção no tecido construído desta localidade. O espaço balnear resultará da construção de um açude de regularização dos rios Touro e Covo, permitindo criar um plano de água com aproximadamente 3 500m² de área. A zona seca adjacente será constituída por um espaço verde relvado com uma área estimada de 7 000m². Nesta zona prevê-se a instalação de alguns dos apoios de praia, interligados com um campo polidesportivo. Toda a área do Parque Urbano foi organizada em três espaços com funções específicas complementares, a saber: um espaço de praça e anfiteatro, com cerca de 1 800m², circundado por passeios pedonais com lugares de estadia que enquadram lógicas perspéticas com a do Adro da Igreja e definem espaços públicos com forte valor simbólico e de representação; um espaço de jardim público com uma área prevista de aproximadamente 5 800m², cujo desenho se fixa à morfologia das margens dos rios.





REQUALIFICAÇÃO PAISAGÍSTICA DA PEDREIRA DO CAMPO

M-Arquitectos
2009-2012
Santa Maria

Colaboradores

Diana Policarpo, Pedro Furtado, Carolina Oliveira, Maria Bento

Especialidades

Ricardo Pacheco

Promotor da obra

Governo Regional dos Açores

Tipo de encomenda

Adjudicação direta

Desenhos

Planta
Corte
Pormenor da montagem do passadiço
© M-Arquitectos

Fotografia

© Paulo Goulart



Neste cenário ímpar no contexto geológico açoriano, de evidente importância científica, geopatrimonial e pedagógica, foi-nos proposto desenvolver um projeto de requalificação do lugar da Pedreira do Campo, atualmente considerado monumento natural regional. Perante este cenário, considerámos imperiosa a necessidade de implementar uma solução paisagística que permitisse uma utilização conscienciosa do lugar, sem pôr em risco a sua identidade. Assim, consideramos dois percursos diferenciados mas complementares, sendo um, projetado por nós, destinado à interpretação do fenómeno geológico "Pedreira do Campo" e, o outro, integrado num percurso pedestre existente que intercepta a área de intervenção. No primeiro caso, o percurso far-se-á sobre um passadiço sobre-elevado em relação ao terreno irregular e rochoso, construído em elementos de madeira maciça, evitando uma ocupação indiscriminada do local, reduzindo ao máximo a impermeabilização do terreno. Pretende-se que o percurso proposto, pautado pela leveza que o caracteriza, possa constituir um motivo adicional de interesse, bem como pela diversidade de abordagens visuais que nos proporciona a forma orgânica da sua estrutura, culminado num ponto de observação sobre o mar, localizado a sul da área de intervenção. Prevê-se ainda, ao longo do passadiço, a construção de guardas laterais executadas também em madeira, de modo a salvaguardar a segurança física dos visitantes, sobre as quais se fixará pontualmente um conjunto de painéis informativos sobre a temática em causa, de acordo com orientações científicas específicas. A madeira maciça adoptada na construção do passadiço permite-nos ainda, pelas suas características específicas, garantir uma boa integração no cenário envolvente, evitando assim uma intervenção impositiva sobre o monumento natural que se pretende enaltecer. O estudo urbanístico proposto foi desenvolvido sob o objetivo de dotar a área de intervenção em causa das condições essenciais para que fosse promovida a utilização qualificada do espaço público, numa perspetiva integrada de valorização do património geológico presente e que, em simultâneo, tirasse partido do potencial paisagístico da envolvente.





FRENTE RIBEIRINHA DE LAGOS – PROGRAMA POLIS

**António Leitão Barbosa com Pier Paolo Rotondo,
Luís Ferreira Rodrigues e Alberto Lage
2004-2013, Lagos**

Colaboradores

Rui Gonçalves, José Miguel Magalhães, Paulo Marinheiro

Especialidades

Paisagismo: Marta Cudell; Estruturas: António Monteiro, A400; Urbanismo: José Cardão; Eletrotécnica: Raul Serafim; Hidráulica: Tânia Matos, A400; Mecânica: Raul Bessa, GET; Eletricidade e Segurança: António Romano, SÍNCRONO; História e Arqueologia: Ricardo Teixeira e Vítor Fonseca; Design: Miguel Neiva

Promotor da obra

Futurlagos – Câmara Municipal de Lagos

Tipo de encomenda

Concurso

Desenho

Planta geral
© António Leitão Barbosa

Fotografia

© António Leitão Barbosa



A Reabilitação da Frente Ribeirinha subdivide-se em três principais acções de intervenção, nomeadamente:

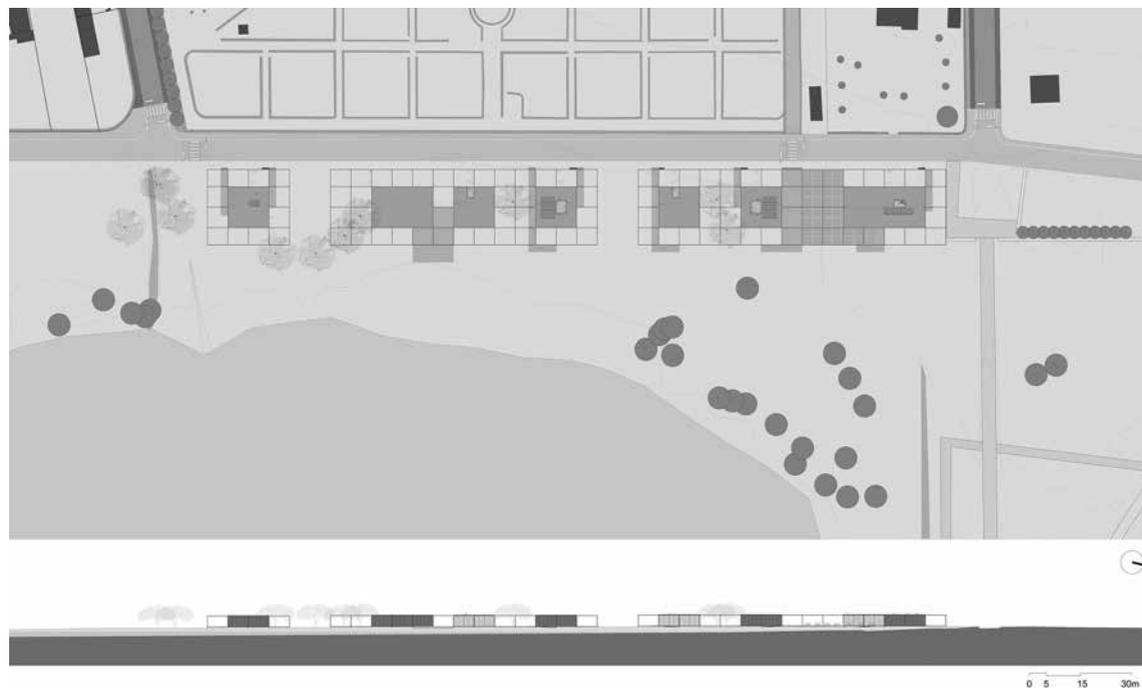
1. A reabilitação do espaço público e viário existente – Programa Polis.
2. A construção do novo parque de estacionamento subterrâneo.
3. A construção da Esplanada da Ribeira.

A área de intervenção abrange uma extensão de cerca de 3ha. Este território apresenta-se como a principal porta de entrada ao centro histórico da cidade. O sistema de espaço público encontrava-se descontinuo, desordenado e não potenciava o valor de fruição e contato com a paisagem marítima. A frente ribeirinha estava urbanística e paisagisticamente subaproveitada, tendo sido vítima da intervenção realizada no final da década de 1950 que privilegiou a acessibilidade automóvel em detrimento da identidade.

No sentido de promover a qualificação da área de intervenção foi proposto:

1. Revalorizar os marcos históricos relatados nos tecidos urbanos, salientando traços perdidos no tempo, sem recorrer a composições nostálgicas ou historicistas.
2. Relacionar a paisagem marítima envolvente com a malha urbana, assegurando o equilíbrio ecológico da estrutura verde principal que circunda a cidade.
3. Diversificar a oferta de usos quotidianos, atenuando os desequilíbrios provocados pelo turismo sazonal, garantindo deste modo a vivência equilibrada ao longo do ano.
4. Considerar a mobilidade viária e as bolsas de estacionamento, como vetor dinamizador da criação de espaços de uso público polivalente.
5. Valorizar o posicionamento estratégico da área de intervenção, fortalecendo a identidade deste lugar social, como sítio agregador das populações locais e sazonais.





COMPLEXO AMBIENTAL DA LAGOA DAS SETE CIDADES

Eduardo Souto de Moura com Adriano Pimenta
2007-2013
São Miguel

Colaboradores

Ana Ferreira, André Campos, Carolina Salcedo, João Jesus, Maria Vasconcelos, Paulo Morgado, Tiago Coelho

Especialidades

Paisagismo: ARQT.OF;
 Estruturas, Eletricidade, Mecânica, Águas e Esgotos, Arruamentos: AFA CONSULT

Promotor da obra

AZORINA, Sociedade de Gestão Ambiental e Conservação da Natureza SA – Secretaria Regional do Ambiente e do Mar

Tipo de encomenda

Adjudicação direta

Desenho

Implantação

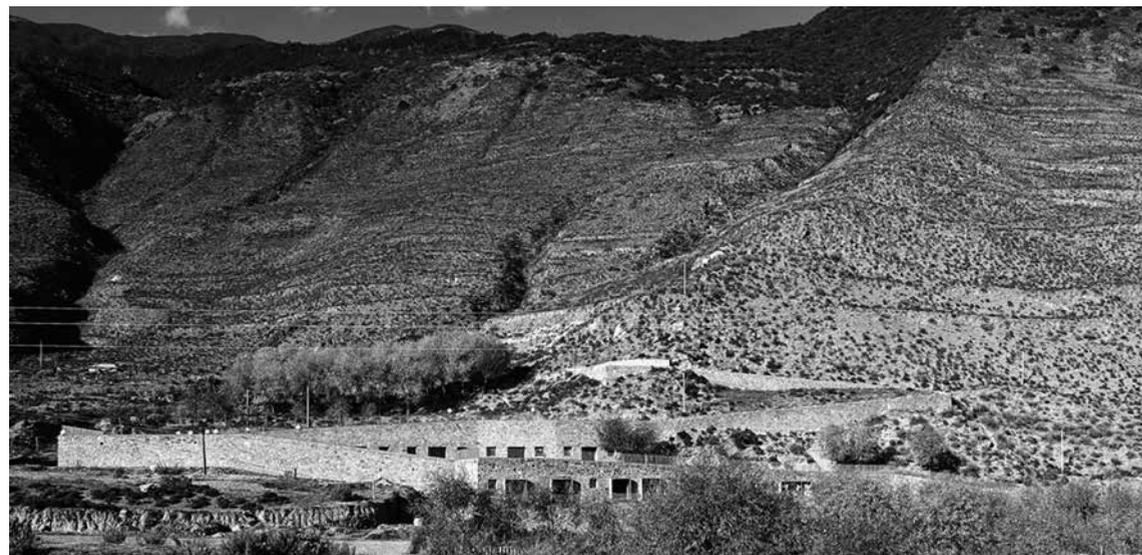
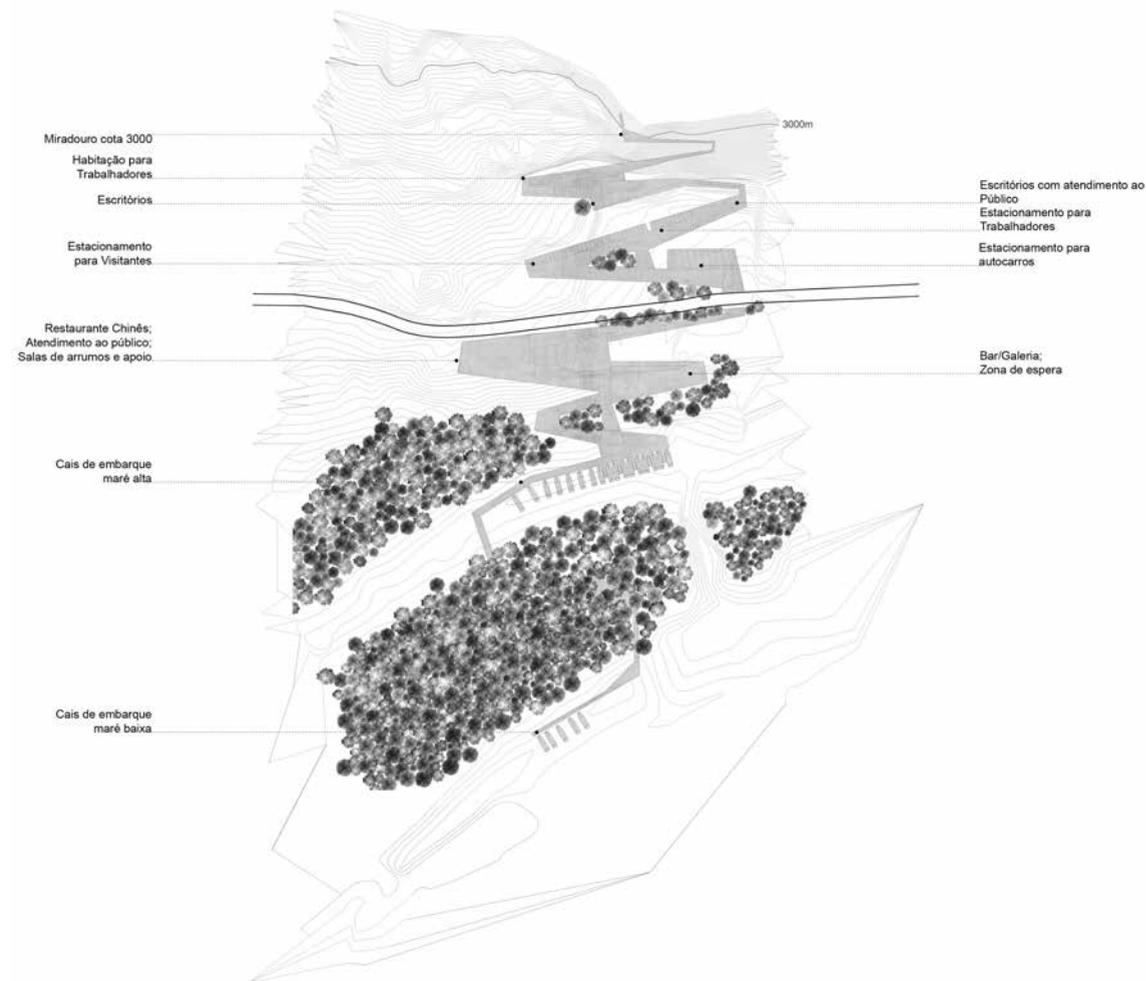
Fotografia

© Luís Ferreira Alves



No tratamento das margens das lagoas trabalhou-se com as seguintes premissas e objetivos: a implantação, o desenho urbano, a construção de zonas de concentração de infraestruturas e de equipamentos de uso recreativo e respetivo enquadramento paisagístico de modo a permitir a fruição dos espaços criados. Sendo a Lagoa das Sete Cidades um local em que existem vários "momentos", a proposta adapta-se ao contexto da envolvente. Os edifícios são compostos por uma estrutura metálica modular com múltiplos de 6x6m e 6x5m. Deste modo adequa-se o número de módulos necessários para cada equipamento. Qualquer um destes equipamentos tem como regra geral a estrutura metálica que o suporta e modula, sendo que em alguns é preenchida por painéis opacos e noutros com painéis envidraçados. Os equipamentos de utilização reservada (Hangar de Barcos, Balneários e Serviços de Apoio) são edifícios totalmente fechados. Os restantes edifícios (Clube de Vela e Café-Snack) são compostos por uma metade do edifício fechado com apainelados e outra metade com envidraçados, virada para a Lagoa e para o eixo viário marginal. As entradas para os edifícios realizam-se lateralmente. Quando necessário, os equipamentos dispõem de um pátio interior anexo a uma área técnica, para colocação de equipamentos de térmica e ventilação.





TERMINAL NIANG'OU

**Embaixada Arquitectura com ZAO/Standardarchitecture
2007-2013
Tibete (China)**

Colaboradores

Gai Xudong, Sun Qingfeng,
Dai Haifei, Ana Teresa
Hagatong, Guida Marques

Especialidades

China Academy of Building
Research, Pequim

Promotor da obra

Kevin Ouyang,
TIBET TOURISM CO.

Tipo de encomenda

Adjudicação direta

Desenho

Planta
© Embaixada
Arquitectura e ZAO/
Standardarchitecture

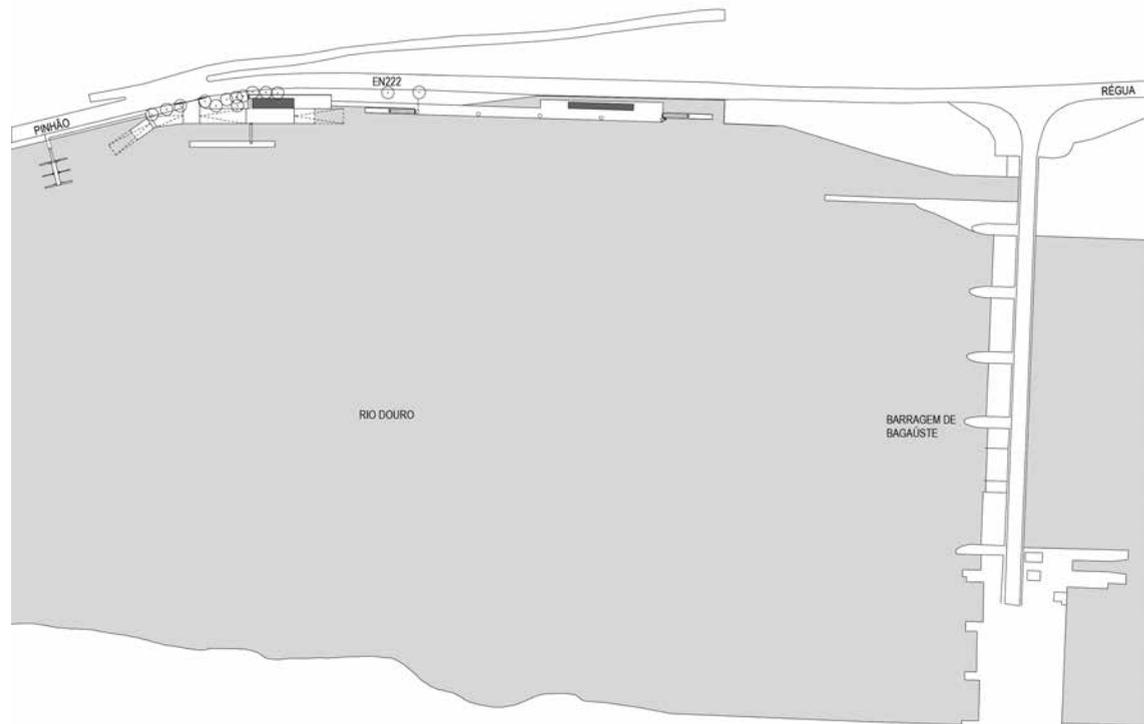
Fotografia

© Chen Su



Em junho de 2007 a Embaixada é convidada, pelos Standardarchitecture e pela Arq.^a Paisagista Cláudia Taborda, a participar no projeto do *Yarlung Tsangpo River Canyon Development*. Este é um projeto de grande amplitude, para o desenvolvimento do complexo turístico nas margens do rio Yarlung Tsangpo ao longo de 85km no Tibete Oriental, onde um crescente número de turistas se desloca para ver a montanha Namcha Barwa, o ponto mais alto do mundo relativamente à cota do rio. No âmbito deste convite a Embaixada participou na discussão geral do plano de intervenção, tendo posteriormente ficado responsável pela concepção de um dos pontos de intervenção, o cais do Niang'ou. O local de implantação é o ponto de confluência do rio Niang'ou com o rio Yarlung Tsangpo, um local com uma paisagem esmagadora e praticamente intacta. O programa para o cais implicava um aumento significativo da carga construída e da pegada humana sobre o território, prevendo a ampliação e modernização das infraestruturas existentes. Estava prevista a criação de uma interface com a reconstrução e duplicação do cais de turismo, a implantação de dois restaurantes de grandes dimensões, uma loja/café, áreas de escritórios, residências para trabalhadores e um parque de estacionamento para autocarros de turismo. O projeto proposto parte da premissa de que é necessário estabelecer um diálogo contextual à escala da paisagem, e só depois articular processos construtivos. Nesse sentido o programa é organizado sob uma *passerelle* descendente, numa narrativa linear que depois se complexifica, desde a cota alta de intervenção (3 000m) para onde se propõe um miradouro, até à cota baixa do leito do rio (2 971m). Este percurso organiza e estrutura a ocupação, hierarquizando o programa e definindo as relações inter-programáticas, sendo a partir dele que se estabelecem os tabuleiros de ocupação e as áreas interiores. Cada espaço encontra assim um sentido na relação com o todo e com a paisagem, intermediando o corpo.





CAIS DE BAGAÚSTE

António Belém Lima
2009-2013
Lamego

Colaboradores

Ana Coutinho, Cláudia Lopes

Especialidades

Manuel João Borges,
 NORVIA – Consultores de
 Engenharia Coordenação

Promotor da obra

Câmara Municipal
 de Lamego

Tipo de encomenda

Adjudicação direta

Desenho

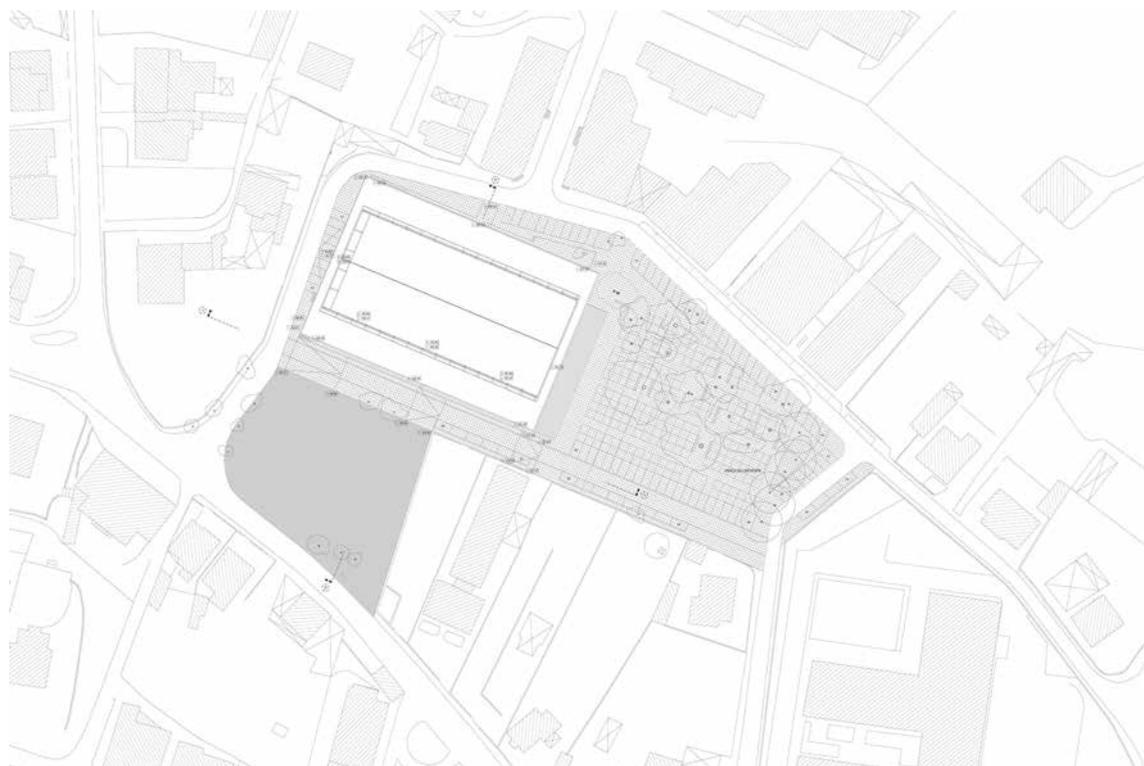
Planta de localização
 © Belém Lima

Fotografia

© Fernando Guerra | FG+SG

O Cais do Bagaúste é um lugar de sombra antiga, mais um que afirma o sublime estar à beira-rio-Douro. Esta atmosfera toma-se como relevante para a requalificação que se quer agora acrescentar ao Douro-Turismo. Um deck alto e extenso e os ancoradouros flutuantes configuram-se como uma porta terrestre para turismo-fluvial da região e o concelho de Lamego. Por entre as escarpas de vinha e a água larga da Barragem de Bagaúste, o bulício da canoagem e do remo acolhe-se em duas casas perfeitas. A cafetaria e o armazém de embarcações são simultaneamente casas platónicas e um enigma, devolvendo o reflexo do sol poente, no seu forro *unicum* em alumínio.





ENVOLVENTE DO MERCADO MUNICIPAL DE MIRANDA DO CORVO

Atelier do Corvo

2010-2013

Miranda do Corvo

Colaboradores

Carla Lopes, Catarina Leal,
José Oliveira, Mafalda
Moreira, Alexandre Pedro,
Pedro Martins, Pedro Gama

Especialidades

CENA – Consultores,
Engenharia & Ambiente, Lda

Promotor da obra

Câmara Municipal
de Miranda do Corvo

Tipo de encomenda

Adjudicação direta

Desenho

Planta de implantação
© Atelier do Corvo

Fotografia

© Jorge Simões



O projeto de arranjos exteriores da Praça da Liberdade foi desenvolvido no âmbito do projeto de reabilitação do Mercado Municipal de Miranda do Corvo. Trata-se de uma operação urbanística que se propôs conferir dignidade a um lugar que se tem vindo a tornar central na vila pela presença do mercado municipal e programas comerciais periféricos. Ele ocupa o espaço interior de uma quinta burguesa entretanto loteada, cuja casa-mãe está a ser objeto de uma forte intervenção de reabilitação também projetada por este *atelier*. As soluções propostas são apenas compreensíveis integradas nesse projeto maior, que implica a resolução de cotas (o mercado funciona a dois níveis desfasados de cerca de um metro) para aumento da fluidez entre o interior e exterior, disciplina dos sistemas de circulação viária e de estacionamento. A preexistência (recinto central da praça) é o lugar onde acontece semanalmente um mercado de levante, coincidindo com o funcionamento também semanal do Mercado Municipal. As soluções altimétricas resolveram a possibilidade de existência de esplanadas dos três estabelecimentos comerciais existentes no local. A complexidade do projeto foi resolvida através da utilização de um elemento único, cubo de granito de 10x10x10cm para a generalidade das soluções – circulação automóvel, passeios e muros – e granito de 10x10x20cm para os degraus e lancis, isto é, para os elementos de maior solicitação mecânica. É uma solução que confere uma forte unidade material e visual ao conjunto. A sua cor, cinza, definiu a cor, também cinza, utilizada na pintura dos novos elementos metálicos que fazem a extensão do edifício do mercado municipal – pilares, vigas e chapa ondulada perfurada da fachada do novo piso superior. Na extensão da pavimentação da praça, realizada numa 2.ª fase da obra foi utilizada um cubo 5x5x5 criando uma marcação para a área mais fortemente identificada com o mercado de levante.





ESTAÇÃO DE CANOAGEM DE ALVEGA

Ateliermob
2010-2014
Abrantes

Colaboradores

Vera João, Ana Luísa Cunha, Rita Aguiar Rodrigues, Carine Pimenta, João Afonso Almeida, Mariana Simões, João Torres, Sophia Walk

Especialidades

Estabilidade: José Pedro Venâncio e Maria do Carmo Vieira, BETAR; Hidráulica: Andreia Cardoso, BETAR; Eletricidade e ITED: João Pedro Osório; Térmica: Sílvia Dias; Acústica: Leila Anselmo

Promotor da obra

Câmara Municipal de Abrantes

Tipo de encomenda

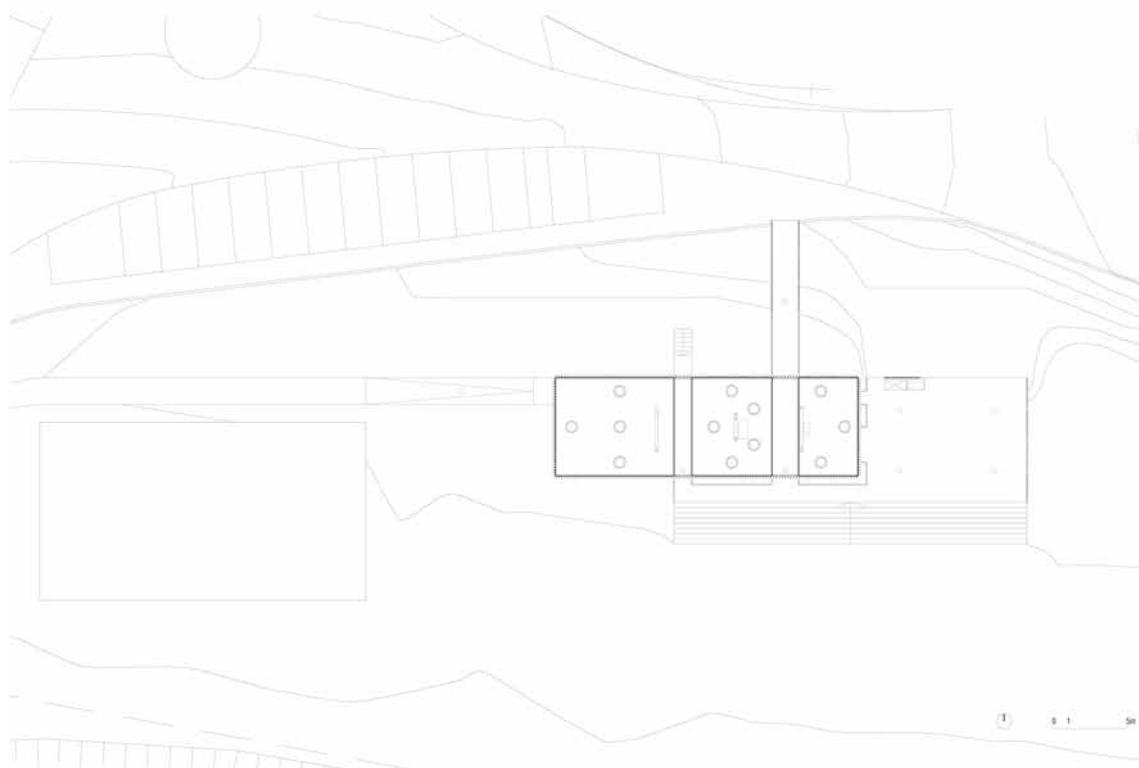
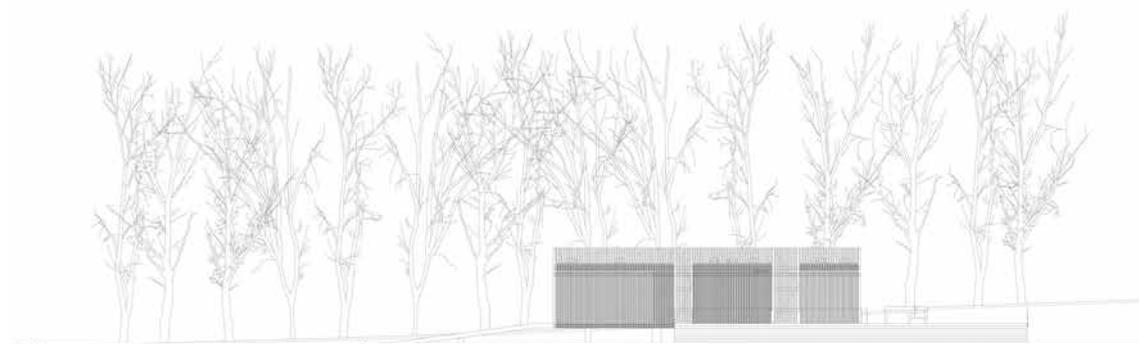
Concurso

Desenhos

Alçado norte
Implantação
© Ateliermob

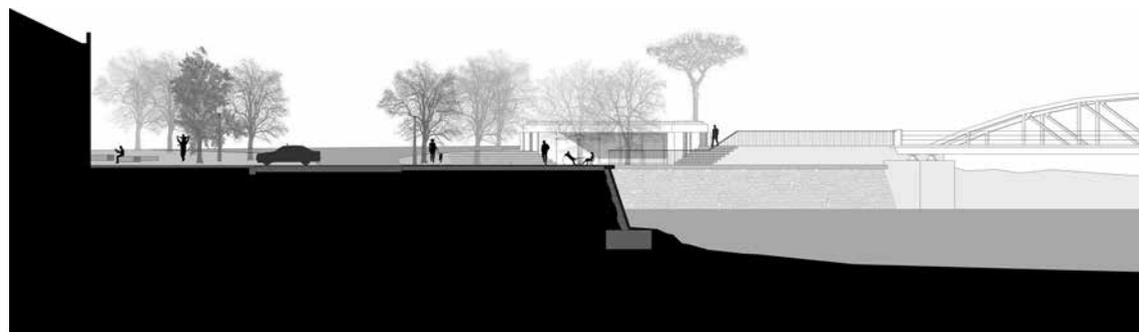
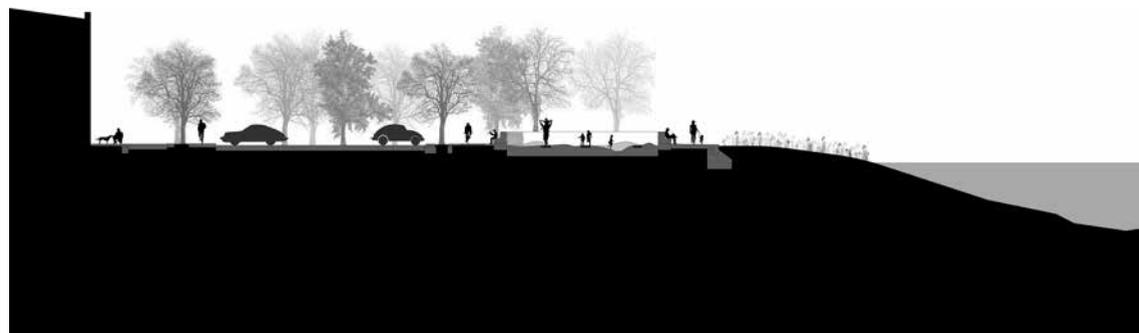
Fotografia

© Francisco Nogueira



Na praia fluvial de Alvega, com a mesma área e volume da anterior construção, localiza-se o novo edifício da estação de canoagem. A sua proximidade ao rio Tejo, numa zona regularmente inundada durante o inverno, determinou a sua posição no terreno, elevado do chão – aumentando a permeabilidade do terreno – e o revestimento das suas paredes, com uma solução de perfis de plástico reciclado negro, com bom desempenho ao choque de objetos que possam ser transportados pelo rio e, simultaneamente, permeável à força da água. Internamente dividido em três corpos, que poderão ter gestão diferenciada, o volume é constituído por uma cafetaria, área de depósito de embarcações e balneários de apoio à praia. A área de esplanada, churrasco e a escadaria, potencialmente utilizável como anfiteatro, constituem espaços de apoio à utilização de carácter comunitário que já ocorria no local.





FRENTE RIBEIRINHA DE ALCÁCER DO SAL

Promontório
2010-2014
Alcácer do Sal

Colaboradores

Nuno Rodrigues, Paulo Pereira, Joana Cancela, Rita Diniz, Raquel Tuna

Especialidades

Estruturas e Águas: BETAR;
Eletricidade: ProM&E; Vias:
ENGIMIND; Rega: Luís Alves Santos

Promotor da obra

Câmara Municipal
de Alcácer do Sal

Tipo de encomenda

Concurso

Desenhos

Cortes transversais
© Promontório

Fotografia

© Promontório



A Câmara Municipal de Alcácer do Sal, em reunião pública do executivo, adjudicou ao *atelier* Promontório a execução dos projetos para a requalificação urbana do espaço público da Margem Norte do rio Sado e da zona intramuros e acessos ao Castelo de Alcácer do Sal. O Promontório foi o primeiro classificado em ambos os concursos públicos para a elaboração dos projetos de requalificação das referidas áreas da cidade. Para a Zona Ribeirinha de Alcácer do Sal, a proposta aponta para soluções simples, austeras e capazes de resistir ao tempo, valorizando o centro histórico adjacente e as características que o tornam único. O calcário e a madeira são o material de eleição, respetivamente para os pavimentos e para as ocupações no espaço exterior, tendo sido prevista a criação de percursos de sombra ao longo da margem do rio, valorizando o conceito de passeio público. O projeto preconiza também a reestruturação do espaço destinado às crianças na zona poente da intervenção, para além de um equipamento destinado a Posto de Turismo e venda de produtos regionais, no limite nascente da zona de intervenção. Foi ainda proposta uma nova bolsa de estacionamento na área adjacente do atual quartel de bombeiros, minimizando o fluxo automóvel e libertando a frente ribeirinha para a circulação pedonal e em bicicleta. Estes dois projetos incorporam sete intervenções de um total de 17 abrangidas pelo programa de ação do RUAS – Regeneração Urbana de Alcácer do Sal, que visa contribuir para a afirmação da cidade enquanto referência histórica na região e destino turístico de qualidade superior. O RUAS envolve 33 entidades parceiras e um investimento global de 8,5 milhões de euros, dos quais aproximadamente 2,3 milhões são comparticipados pelo FEDER, numa iniciativa QREN e com apoio no INALENTEJO.





AL SHAHEED URBAN PARK

Ricardo Camacho com Sara Machado
2012-2014
Cidade do Kuwait (Kuwait)

Colaboradores

Sara Saragoca, Frederico Barosa, Fernando Martins, Nuno Sequeira, Hugo Ferreira, Flavio Silva, Marcelo Aguiar, Graca Vaz, Sarah Behbehani, Rita Tadi, Inês Moreira, Abdulaziz Al Khandari, Yousef Abdulaal, Miguel Costa, Abdulatif Al-Mishari

Especialidades

Estruturas: Al Farooqi Engineering Consultants Bureau + R5 Engenharia; Outras especialidades: Al Kharafi National; Irrigação: Geodesenho; Agronomia e Civil: Benjamim Silva; Incêndios e Acústica: Al Kharafi National + Psicometro; Iluminação: Atelier33; Desenho de caixilharia e fachada: Alico; Redes e estruturas fêxteis: Carl Stahl GmbH; Coberturas verdes: ZinCo GmbH; Consultor ambiental: KISR; Museografia: Ralph Appelbaum Associates + Acciona Producciones y Diseño

Promotor da obra

Al-Diwan Al-Amiri, Ministry of The Amiri Diwan Affairs, Mr. Abdalazeez Soud Ishaq, Chief of Financial and Administrative Affairs

Tipo de encomenda

Concurso

Desenho

Phase I – Master plan
 © Ricardo Camacho

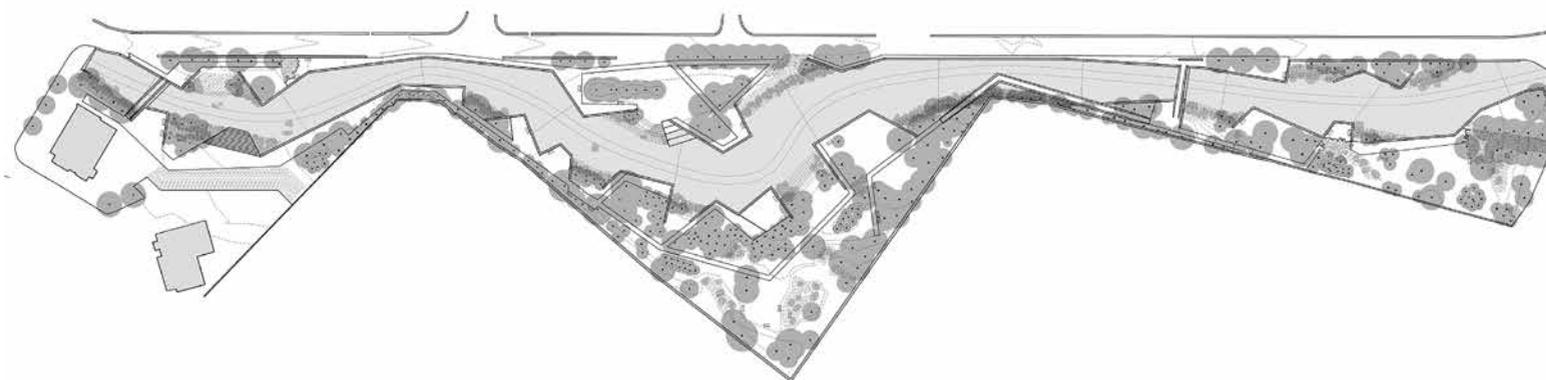
Fotografia

© Brice McGowen
 © Nelson Garrido



Os princípios de gestão sustentável que afetam uma ampla gama de fatores sociais, culturais e ambientais são partes inerentes do projeto de reconversão do *Al Shaheed Garden Park* e de sua futura expansão ao longo do cinturão verde da cidade. Após as preocupações levantadas pelo *Martyrs' Bureau* em relação à integridade do parque durante os últimos anos, a comunidade reivindicou, em 2012, o uso do Parque *Al Shaheed* para celebrações e festivais nacionais em memória dos mártires da guerra. Considerando a complexidade do programa e o curto cronograma de projeto e construção, o proprietário e o projetista envolveram todas as entidades culturais e ambientais, sem fins lucrativos e governamentais. A motivação de setores mais jovens da sociedade tornou-se fundamental para a futura gestão e planeamento de conteúdos. O Parque é hoje propriedade de uma organização cívica (*Al-Diwan Al-Amiri*) e administrado por uma organização sem fins lucrativos de jovens voluntários (*LOYAC*). A sua programação inclui, entre passeios, atividades desportivas e festivais culturais, liderança e capacitação profissional, além de atividades educativas infantis. O otimismo em torno deste ambicioso projeto suscita estratégias ecológicas e princípios urbanísticos, com precedentes relevantes, na busca do nunca consolidado corredor verde entre a capital e os bairros residenciais. O plano de reconversão do *Shaheed Park* visa implementar um sistema vivo onde a infraestrutura ecológica preexistente pode fornecer múltiplas possibilidades de uso do espaço público numa cidade deserta, evocando as memórias do passado e incentivando o futuro comportamento urbano e ambiental.





0 20 100



MARGENS DO RIO AVELAMES

Luís Rebelo de Andrade
2012-2015
Vila Pouca de Aguiar

Colaboradores

Raquel Jorge, Pedro
Baptista Dias

Especialidades

Arquitetura Paisagista: GET
OUT; Estruturas: Scarlety
Engenharia; Hidráulica:
SISIDRO.

Promotor da obra

Câmara Municipal
de Vila Pouca de Aguiar

Tipo de encomenda

Adjudicação direta

Desenhos

Corte
Planta proposta
© RA\ Architecture
& Design

Fotografia

© Fernando Guerra | FG+SG



O rio Avelames é, de certo modo, uma parte do parque das Pedras Salgadas; contorna-o, confere-lhe uma forma e uma fronteira e abraça-o. A requalificação das suas margens – feita com a cooperação de um arquiteto paisagista e de um engenheiro hidráulico – propôs tornar o percurso do rio mais orgânico e, mediante a criação de diques, suprir a falta de água na época estival, que seca o seu leito. Assim, as margens do rio deixaram de ser uma imposição resultante do encontro da água com o terreno circundante. O canal, que corria essencialmente a direito, passou a serpentear, moldando-se à imagem de uma cobra em movimento. Foram igualmente construídas pontes para que o percurso não fosse ditado pela existência de uma única forma de atravessar o rio e o que antes era um obstáculo foi transformado numa possibilidade de usufruto. A criação de lugares de travessia fez do caminho um passeio. Zonas de estar, de praia e pequenos embarcadouros pontuam as margens do rio, para fruição dos locais do parque e da população da vila. A ideia que preside a todo o conceito é resgatada da época do romantismo termal: famílias dispostas a comer sobre impecáveis toalhas de linho branco, uma criança aprendendo a remar num pequeno barco amarrado à margem com uma corda, um par de banhistas adolescentes e ruidosos competindo pela chegada a uma meta imaginária.

Valério Romão





PASSADIÇOS DO PAIVA

Nuno Martins Melo
2010-2015
Arouca

Especialidades

Paisagismo: João Oliveira;
Estruturas: Fernando Domingues, José Oliveira, Inês Rodrigues, Rui Oliveira;
Hidráulica: Manuel Miranda Saraiva;
Geologia: Gabriel de Almeida;
Segurança e Gestão de Resíduos: Francisco Alves, Carlos Paredes;
Desenho: António Lopes, Venâncio Semião;
Topografia: SOCARTO

Promotor da obra

Câmara Municipal de Arouca

Tipo de encomenda

Concurso

Desenho

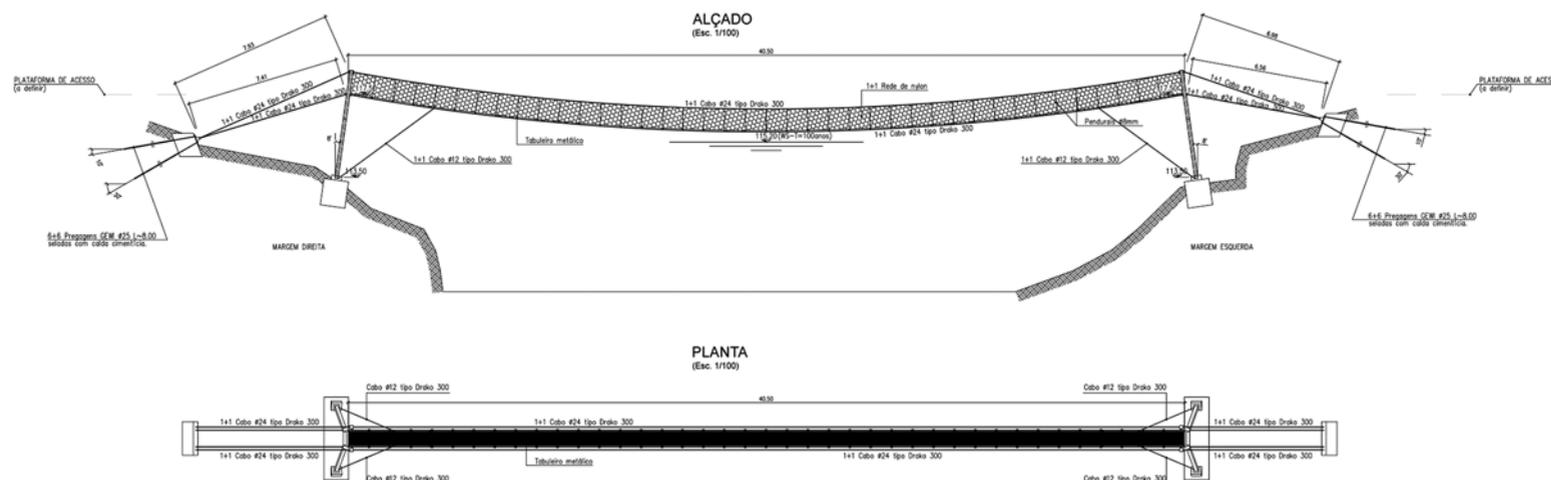
Ponte - Planta e alçado
© Nuno Martins Melo

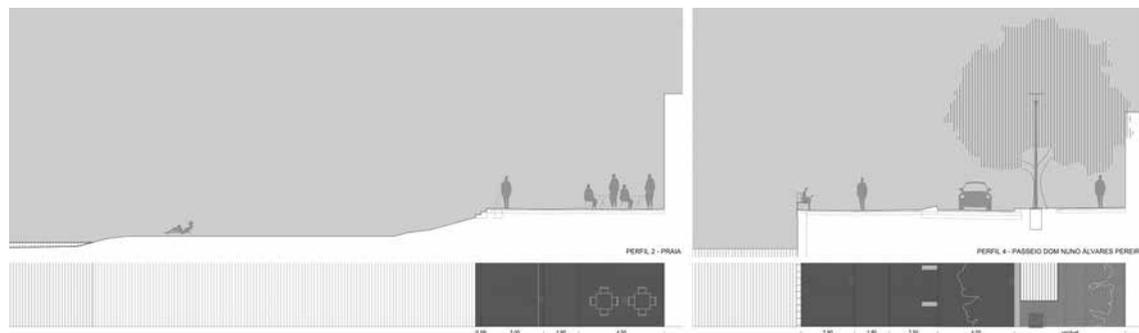
Fotografia

© Nelson Garrido



Os Passadiços do Paiva são um percurso que serpenteia a margem esquerda do rio Paiva ao longo de 8,7km. O percurso liga as praias fluviais do Areinho e de Espiunca, encontrando-se, entre as duas, a praia do Vau. Este percurso alterna entre o elegante passadiço em madeira, a ponte suspensa e as escadarias abruptas que proporcionam vistas de arrepiar. Todo o conjunto encontra-se estrategicamente localizado por entre floresta e penedos, descidas de águas bravas, cristais de quartzo e espécies em extinção na Europa. Seja por onde for, é um caminho de uma imensa beleza natural com carvalhos, freixos, sobreiros, amieiros, rochedos e o rio Paiva sempre ao seu lado. Os passadiços foram concebidos de forma a proporcionar aos visitantes os melhores pontos de vista e a fazê-los chegar a pontos que antes era impossível alcançar. Para tal foram projetados de forma a garantir uma sensação de segurança e equilíbrio com a Natureza. Na sua implantação foram identificados todos os pontos-chave, quer em termos de vistas, quer na sua relação com as escarpas e o rio. Pretendia-se que se assumisse como uma linha dinâmica que viajasse pelo lugar, sublinhando toda a riqueza natural e geológica, e procurando sempre respeitar a paisagem envolvente. Teve por base a conceção de uma guarda/estrutura ligeiramente inclinada para a paisagem, rematada por um corrimão/tabuleiro que permitisse pousar os braços e admirar a paisagem, transmitindo em simultâneo essa sensação de segurança. Toda a construção foi estruturada e pensada de forma a constituir um conjunto arquitetónico coerente e devidamente articulado entre si. Os materiais usados foram estudados por forma a integrar-se devidamente na paisagem e nas condicionantes estruturais do local, na sua funcionalidade e manutenção. Os passadiços ganham a força de elementos de destaque, inovadores, modernos e equilibrados. O seu conceito simples interage com a linguagem paisagística existente cumprindo a sua função de dinamizador do espaço.





PASSEIO RIBEIRINHO DO SEIXAL

Risco
2009-2017
Seixal

Colaboradores

Tiago Farinha, Gianluca Bono, Telmo Antunes, Francisco Costa, Vítor Alves
 Assistência técnica à obra: Luís Torgal

Especialidades

Arquitetura Paisagista: José Veludo e José Lousan, NPK; Arruamentos e Sinalização: Maria Fernanda Ferreira, SOJEFER; Infraestruturas: José Patrão, SULPLANO; Design de Iluminação: Rogério Oliveira, ECLIPZ

Promotor da obra

Câmara Municipal do Seixal

Tipo de encomenda

Concurso

Desenhos

Planta
 Perfis
 © Risco SA

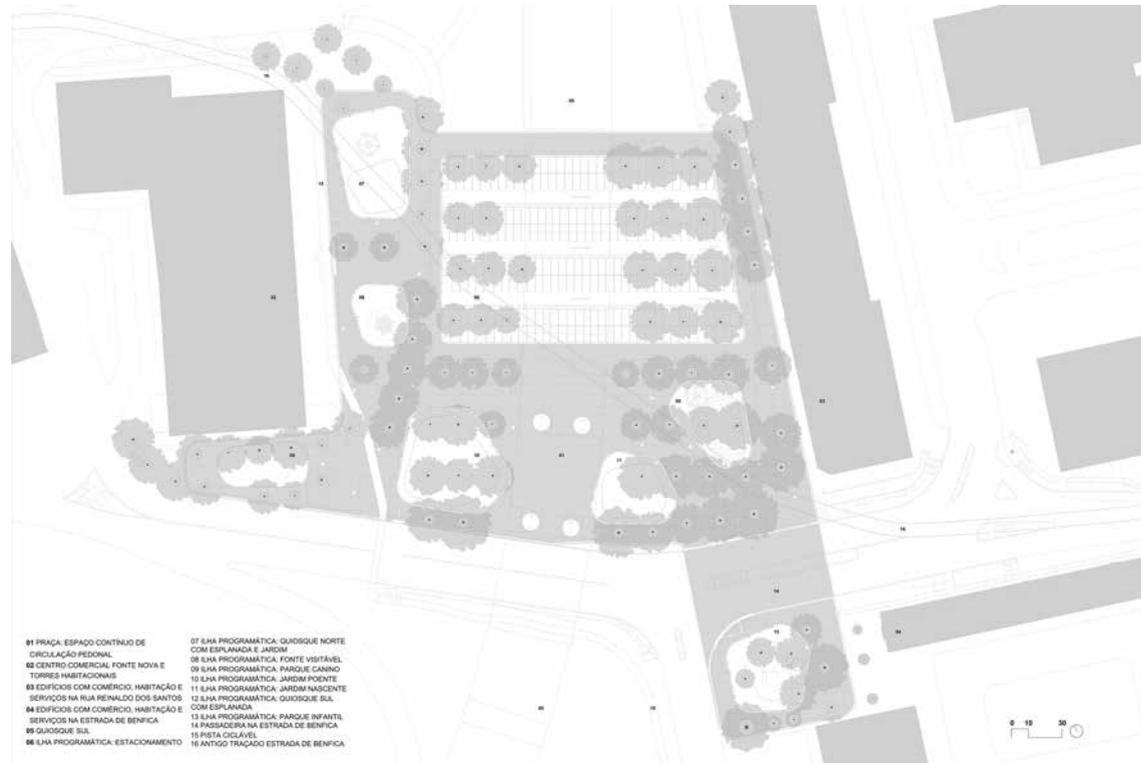
Fotografia

© Fernando Guerra | FG+SG



O local é delimitado pelo rio e pelo centro histórico da cidade, cujos edifícios com as suas características simbólicas e morfológicas o tornam único em termos de património cultural. As mudanças no desenho orgânico da frente ribeirinha ao longo dos anos levaram a reentrâncias ao longo da margem do rio. Este crescimento da cidade antiga permitiu a construção de uma rota com características físicas distintas, criando diferentes tipos de contacto com a água e diferentes limites dentro do centro antigo. O estacionamento existente foi substituído por uma área verde de lazer que se prolonga até à margem do rio, criando uma nova praça com áreas plantadas, sombreadas e abertas dando espaço a novas estruturas necessárias para eventos culturais. O novo desenho da circulação automóvel reduziu o tráfego sem o eliminar na totalidade. O plano originou vias de sentido único e zonas reservadas a pedestres e ciclistas. Tivemos como propósito organizar os novos elementos em três tipos de superfície: novos pavimentos em tijolo cerâmico, do tipo artesanal, capazes de resistir à circulação de pedestres, ciclistas e automóveis; áreas orgânicas, nas zonas sujeitas a maior expansão, possibilitando a modelação do terreno ou superfícies de relva; e passeios em calçada em continuidade com os existentes. Os trabalhos de escavação e infraestruturas foram também difíceis. O tipo de solo junto ao rio e os achados arqueológicos atrasaram a obra e exigiram alterações ao projeto. No entanto, julgamos que a população local apoiou o projeto desde o início. Foram organizadas várias reuniões públicas durante as fases de projeto e obra. A maioria dos participantes manifestou a preocupação em relação ao futuro da cidade e a esperança de que a intervenção pudesse reverter o declínio que se observava.





PRAÇA FONTE NOVA

José Adrião Arquitectos
2015-2017
Lisboa

Colaboradores

Chefe de Projeto: João Albuquerque Matos
Ana Grácio, Ana Santos, Carla Gonçalves, Carolina Calmon, Gonçalo Ponces, Margarida Farinha, Ricardo Aboim Inglez, Tiago Mota, Tomás Forjaz

Especialidades

Arquitetura Paisagista:
NPK; Vias: Caetano Gomes; Especialidades:
PENSAMENTO SUSTENTÁVEL

Promotor da obra

Câmara Municipal de Lisboa

Tipo de encomenda

Concurso

Desenho

Planta Geral
© José Adrião Arquitectos

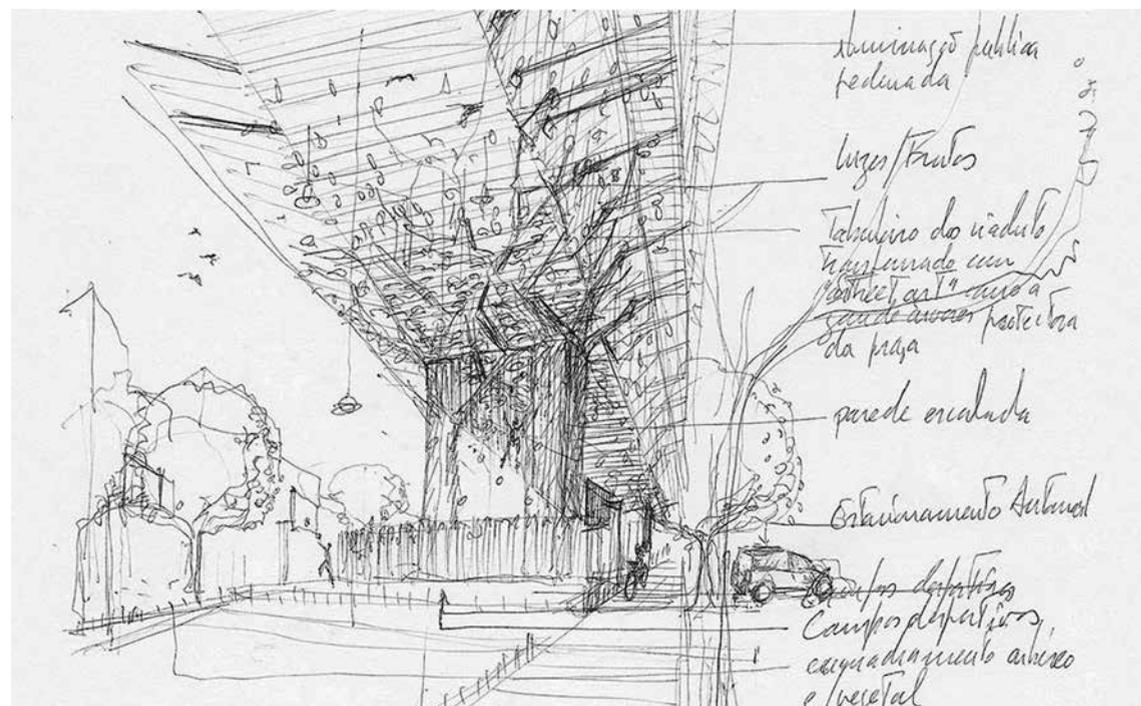
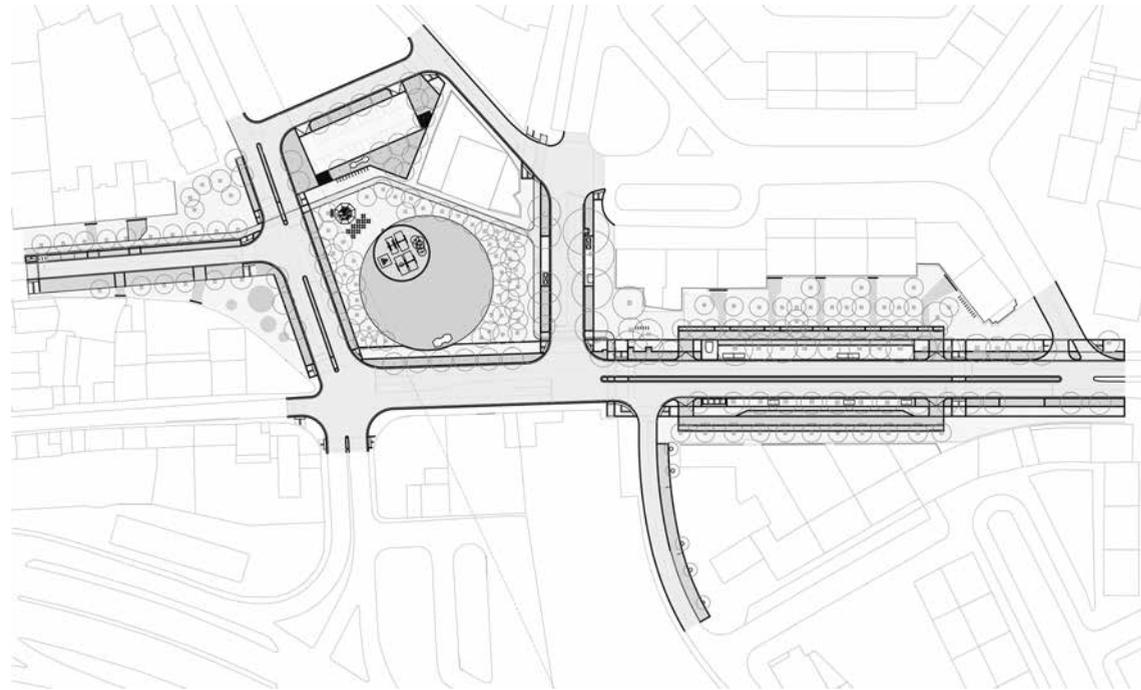
Fotografia

© Fernando Guerra | FG+SG



Como estratégia criou-se uma grande superfície de pavimento que procura restabelecer uma unidade que foi fragmentada com a construção do viaduto. Verificou-se a oportunidade de reduzir a área de estacionamento em cerca de 50% em benefício da mobilidade pedonal e de espaços de estadia. A construção da praça tirou partido do coberto arbóreo existente de Tipuanas-tipu, conservando, mantendo e dignificando todos os exemplares e plantando novos, de modo a produzir um ambiente qualificado pelas sombras das árvores. Todo o pavimento da praça é em betão. No seu interior criaram-se zonas de estadia e lazer em pontos específicos através de "ilhas" que pontuam o espaço. Estas "ilhas" contêm programas de carácter específico que apoiam as áreas de estadia: quiosques com esplanadas, uma fonte, um parque infantil e um parque canino e jardins. As "ilhas" são delimitadas por bancos contínuos em todo o seu perímetro. Os bancos de troços retos e curvos são constituídos por quatro módulos distintos, um módulo reto de comprimento, um módulo curvo e dois módulos de bancos individuais com duas inclinações de costas distintas. A área da praça sob o viaduto, iluminada durante a noite, permite uma utilização durante 24 horas por dia para diferentes atividades ao abrigo do sol e da chuva. Pretendeu-se que a praça e o espaço público permitissem uma apropriação fácil para todas as idades e que os seus materiais fossem resistentes e de fácil manutenção. Procurou-se um ambiente informal, um usufruto ativo ou contemplativo. Utilizaram-se materiais genéricos da cidade, adequados a cada situação. Foi possível a reutilização de pavimentos em calçada de vidro existentes na zona nos anos 1960. Os perfis de via e de passeio foram redefinidos. O troço da rede de transporte público – em expansão – foi sistematizado e ordenou-se o trânsito em transporte individual. Os passeios foram alargados, garantindo maior segurança e conforto para o peão e uma mobilidade universal.





REQUALIFICAÇÃO DA ALAMEDA DAS LINHAS DE TORRES

BBarquitectos
2015-2017
Lisboa

Colaboradores

Marta Videira,
Eduardo Campelo

Especialidades

Rede Viária: Pedro Reis,
ENGIMIND; Paisagismo:
Miguel Sousa e Mariana
Sargo; Rede Elétrica,
Iluminação Pública e
Telecomunicações:
José Cardoso, ProM&E
Consulting; Rede de Águas
e de Drenagens: Marta
Azevedo, CAMPO D'ÁGUA

Promotor da obra

Câmara Municipal
de Lisboa

Tipo de encomenda

Concurso

Desenhos

Plano geral
Esquissos
© BBarquitectos

Fotografia

© Fernando Guerra | FG+SG

O estudo da Praça da Alameda das Linhas de Torres seguiu os princípios genéricos do programa "Uma Praça em cada Bairro", entre os quais se destacam os seguintes:

1. Assentar a proposta na análise das características e potencialidades próprias deste "pedaço de cidade" existente, tendo em consideração a sua dupla condição de autonomia (centralidade) e de relação (com outras centralidades).
2. Orientar a proposta para a criação de uma microcentralidade que promova a diversidade e inclusividade através da apropriação e fruição dos espaços públicos pela comunidade, incentivando o seu uso coletivo e contribuindo para desenvolver uma cultura de convivência social.
3. Visar a criação de um espaço público de excelência, onde se privilegie o conforto da estadia e da circulação, através dos modos suaves de locomoção como a marcha a pé, bicicleta e transportes públicos. Atendeu também aos seguintes objetivos específicos definidos no Programa Preliminar:
4. Conferir um carácter de alameda à Praça, através do seu desenho urbano e arborização.
5. Aumentar as áreas pedonais, de estadia e circulação, em detrimento das rodovias.
6. Promover a abertura de espaços comerciais e de quiosques na Praça.
7. Aumentar significativamente o espaço natural da Praça.
8. Promover a continuidade dos percursos cicláveis no eixo central da Cidade.
9. Organizar e relocalizar o mobiliário e os equipamentos urbanos da Praça.
10. Promover a manutenção e/ou reabilitação dos valores culturais existentes na zona.





REQUALIFICAÇÃO DO LARGO DE SANTOS E AV. 24 JULHO

92 Arquitectos
2015-2017
Lisboa

Autores

João Almeida e Luís Torgal
 com Victor Beiramar Diniz

Especialidades

Coordenação Geral,
 Arquitectura e Espaço
 Público: João Almeida e
 Luís Torgal, 92 Arquitectos;
 Arquitectura Paisagista:
 Victor Beiramar
 Diniz; Arruamentos,
 Sinalização e SLATS:
 Pedro Reis, ENGIMIND;
 Hidráulica: Grade
 Ribeiro, CAMPO D'ÁGUA;
 Eletricidade, Iluminação
 e Telecomunicações:
 José Cardoso, ProM&E
 Consulting; Rega: Paula
 Rodrigues, CAMPO D'ÁGUA

Promotor da obra

Câmara Municipal
 de Lisboa

Tipo de encomenda

Concurso

Desenho

Planta geral
 © 92 Arquitectos

Fotografia

© Fernando Guerra | FG+SG

A atual Avenida é um espaço "canal" assimétrico sem ser uma marginal. E assimétrico se manterá até ao longínquo dia do enterramento da linha de comboio. Também não é uma marginal claramente aberta para a água e adivinha-se que, com o regradar das perspetivas sobre o rio, consequência do desenvolvimento das áreas do Porto de Lisboa para usufruto da cidade, se perca a sensação existente de véu mais ou menos opaco para lá da linha do comboio. E quanto menos marginal mais assimétrico será o espaço "canal" da Avenida. Conclui-se fundamental a criação de uma forte unidade, proposta através da "espessura" da estrutura verde, nomeadamente do coberto arbóreo e arbustivo, que de uma forma constante em toda a largura da Avenida, "ocupará" o seu espaço "canal", anulando a referida assimetria. Os principais objetivos da Intervenção são: devolver a Avenida às pessoas, aumentando significativamente as áreas pedonais de passeio e estadia com um significativo coberto arbóreo; recriar de novo o *boulevard*; implementar uma rede de ciclovias em continuidade com a pensada para a cidade; aumentar a área verde plantada através da redução do número de faixas viárias atualmente sobredimensionado; melhorar, aumentar e tornar mais seguras as ligações pedonais aos equipamentos de transportes públicos (estação de comboios e interface com autocarros e elétricos).



Lista geral das obras selecionadas

Símbolo

19 **EDIFÍCIO-PRAÇA EÇA DE QUEIROZ**
Gonçalo Byrne Arquitectos
2003-2012
Leiria

21 **ENVOLVENTE DO CENTRO DE INTERPRETAÇÃO DA BATALHA DE ATOLEIROS**
Gonçalo Byrne Arquitectos
com Oficina Ideias em Linha
2007-2012
Fronteira

23 **REQUALIFICAÇÃO DO MONTE LATITO E CAMPO DE SÃO MAMEDE**
MVCC Arquitectos
2009-2012
Guimarães

25 **REQUALIFICAÇÃO URBANÍSTICA DA PRAÇA DO TOURAL, ALAMEDA DE SÃO DÂMASO E RUA DE SANTO ANTÓNIO**
Maria Manuel Oliveira (CE/EAUM)
com Maria João Cabral e Ana Jotta
2009-2012
Guimarães

27 **ENVOLVENTE DA PLATAFORMA DAS ARTES E DA CRIATIVIDADE**
Pitágoras Group
2010-2012
Guimarães

29 **REQUALIFICAÇÃO URBANÍSTICA E AMBIENTAL DOS ESPAÇOS PÚBLICOS DA MOURARIA**
Tiago Silva Dias com Filipa Cardoso
de Menezes e Catarina Assis Pacheco
2010-2012
Lisboa

31 **REQUALIFICAÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS DA MOURARIA DE MOURA**
Sofia Salema & Pedro Guilherme,
Arquitectos
2010-2013
Moura

33 **PÁTEO DE SÃO MIGUEL**
Francisco Barata Fernandes
2010-2014
Évora

35 **ARMAZÉM DO MERCADO**
Paulo David
2012-2014
Funchal

37 **PIAZZA MUNICIPIO**
Álvaro Siza, Eduardo Souto de Moura
e Tiago Figueiredo
2005-2015
Nápoles (Itália)

39 **LIGAÇÃO PEDONAL DO PÁTIO B DO CHIADO, LARGO DO CARMO E TERRAÇOS DO CARMO**
Álvaro Siza e Carlos Castanheira
2008-2015
Lisboa

41 **ENVOLVENTE DO PAÇO DOS HENRIQUES**
José Filipe Ramalho (DRC Alentejo)
2011-2015
Alcáçovas

43 **ENVOLVENTE DO AQUANATUR E BALNEÁRIO TERMAL DE VIDAGO**
João Paulo Loureiro
2009-2016
Vidago

45 **RECONVERSÃO DA GARAGEM DOS CLARA & C.ª EM ESPAÇO PÚBLICO**
GLCS – Arquitetos
2010-2016
Torres Novas

47 **REQUALIFICAÇÃO DO CENTRO HISTÓRICO DE VALENÇA**
Eduardo Souto de Moura
2003-2017
Valença

49 **PARQUE VISTA ALEGRE**
José Manuel Carvalho Araújo
2014-2017
Beja

51 **REVITALIZAÇÃO DO CENTRO URBANO DE CAMARATE**
José Adrião Arquitectos
2015-2017
Loures

Recurso

55 **REABILITAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO DO BAIRRO DO LAGARTEIRO**
Paulo Tormenta Pinto
2008-2012
Porto

57 **PERCURSO PEDONAL ASSISTIDO DA BAIXA AO CASTELO DE SÃO JORGE**
João Pedro Falcão de Campos
2009-2013
Lisboa

59 **PERCURSO PEDONAL ASSISTIDO DE MONTEMOR-O-VELHO**
Miguel Figueira (DPU/CMMV)
2009-2013
Montemor-o-Velho

61 **HOME IS NOT A HOUSE – REACTION LX**
FORJArchitecture
2013
Lisboa

63 **COZINHA COMUNITÁRIA DAS TERRAS DA COSTA**
Ateliernob e Colectivo Warehouse
2012-2014
Costa da Caparica

65 **PASSAGEM SUPERIOR PEDONAL EM FORTE DA CASA**
MXT Studio
GLCS – Arquitetos
2012-2014
Vila Franca de Xira

67 **ESPAÇO PÚBLICO DOS BAIROS PRODAC SUL E NORTE**
Ateliernob
2012-2016
Marvila

69 **415 DE PAVILJÖNG**
Coletivo Warehouse
2016
Gotemburgo (Suécia)

71 **PALCO-EFÉMERO NO LARGO DO ROMAL**
Pedro Maurício Borges e Associação Há Baixa
2016-2017
Coimbra

73 **BICHO, TEATRINHO E FOGO – PLAYGROUND NO BAIRRO DAS CAMPINAS**
COR Arquitectos e Ivo Poças Martins
com Nicolò Galeazzi
2017
Porto

Produto

77 **PERCURSO – BIENAL DE VENEZA**
Veneza (Itália)
2012
Álvaro Siza

79 **GLASSBERG**
FAHR 021.3
2013
Figueira da Foz

81 **BOMBARDA**
STILL Urban Design
2014
Porto

83 **MEZZO MERCATO**
Mezzo Atelier
2014
Milão (Itália)

85 **POVERA**
Atelier JQTS
2014-2015
Almada

87 **PONTE LUMINOSA – LISBON FALLS**
Marcelo Dantas
2015
Lisboa

89 **VIRA-LATA**
Moradavaga
2015
Porto

91 **COBERTURA DA PRAÇA DA REPÚBLICA**
Atelier Cais
2014-2016
Portimão

93 **LANDSCALE**
Mezzo Atelier
2016
São Miguel

95 **TWO MANIFOLDS**
Nuno Pimenta
2016
São Miguel

97 **GALLERY**
Atelier JQT
2016-2017
São Miguel

99 **UNTITLED (THE UNKNOWN)**
Nuno Pimenta
2016-2017
Torre de Moncorvo

101 **AURANTES**
Diogo Aguiar Studio
2017
Abrantes

103 **CARNET C10 – INSTALAÇÃO NO MOSTEIRO DA SERRA DO PILAR**
Pedro Matos Gameiro, Marta Sequeira
e Carlos Machado e Moura
2017
Vila Nova de Gaia

105 **UMA PRAÇA NO VERÃO – CCB**
José Neves
2017
Lisboa

Prática

109 **PARQUE URBANO DE TOURO**
Carlos Almeida Marques
2008-2012
Vila Nova de Paiva

111 **REQUALIFICAÇÃO PAISAGÍSTICA DA PEDREIRA DO CAMPO**
M-Arquitectos
2009-2012
Santa Maria

113 **REQUALIFICAÇÃO URBANÍSTICA DA BAÍA DE SÃO LOURENÇO**
M-Arquitectos
2009-2012
Santa Maria

115 **FRENTE RIBEIRINHA DE LAGOS – PROGRAMA POLIS**
António Leitão Barbosa com Pier Paolo Rotondo, Luís Ferreira Rodrigues
e Alberto Lage
2004-2013
Lagos

117 **COMPLEXO AMBIENTAL DA LAGOA DAS SETE CIDADES**
Eduardo Souto de Moura
com Adriano Pimenta
2007-2013
São Miguel

119 **TERMINAL NIANG’OU**
Embaixada Architectura
com ZAO/Standardarchitecture
2007-2013
Tibete (China)

121 **CAIS DE BAGAÚSTE**
António Belém Lima
2009-2013
Lamego

123 **ENVOLVENTE DO MERCADO MUNICIPAL DE MIRANDA DO CORVO**
Atelier do Corvo
2010-2013
Miranda do Corvo

125 **ESTAÇÃO DE CANOAGEM DE ALVEGA**
Ateliernob
2010-2014
Abrantes

127 **FRENTE RIBEIRINHA DE ALCÁCER DO SAL**
Promontório
2010-2014
Alcácer do Sal

129 **AL SHAHEED URBAN PARK**
Ricardo Camacho
com Sara Machado
2012-2014
Cidade do Kuwait (Kuwait)

131 **MARGENS DO RIO AVELAMES**
Luís Rebelo de Andrade
2012-2015
Vila Pouca de Aguiar

133 **PASSADIÇOS DO PAIVA**
Nuno Martins Melo
2010-2015
Arouca

135 **PASSEIO RIBEIRINHO DO SEIXAL**
Risco
2009-2017
Seixal

137 **PRAÇA FONTE NOVA**
José Adrião Arquitectos
2015-2017
Lisboa

139 **REQUALIFICAÇÃO DA ALAMEDA DAS LINHAS DE TORRES**
BBarquitectos
2015-2017
Lisboa

141 **REQUALIFICAÇÃO DO LARGO DE SANTOS E AV. 24 JULHO**
92 Arquitectos
2015-2017
Lisboa

143 **GRIDGROUNDS**
Openfabric + Dmau
2016-2017
Amsterdão (Países Baixos)

HABITAR PORTUGAL 12-17

Espaço Público: uma Casa para todos

SELEÇÃO

Organização

Ordem dos Arquitectos
Conselho Diretivo Nacional

Coordenação

Ana Maio

Comissária-Geral

Susana Lobo

Comissários

Ana Alves Costa
João Fôja
João Gomes
Ricardo Agarez
Susana Constantino

Produção executiva

Ana Paulista
Cristina Meneses
Rosa Azevedo

Marketing

Maria Miguel

Website

José Martino
WEBPRODZ (www.webprodz.com)

Desenho gráfico

José Teófilo Duarte
Claudio Fernandes
João Silva
(DDLX – www.ddlx.pt)

Patrocinadores

Ageas Seguros (www.ageas.pt)
Technal (www.technal.com)

Apoio

Haworth (www.haworth.com/eu)
Robbialac (tintasrobbialac.pt)

EXPOSIÇÃO

Curadoria e projeto expositivo

Susana Lobo
com
Ana Alves Costa
João Fôja
João Gomes
Ricardo Agarez
Susana Constantino

Produção executiva

Ana Paulista
Rosa Azevedo

Revisão

Cristina Meneses

Desenho gráfico

José Teófilo Duarte
Claudio Fernandes
João Silva
(DDLX – www.ddlx.pt)

Parceiros

Centro Cultural de Belém
Garagem Sul

Carpintaria, transporte e montagem

BRICOPAL – José Almeida

Local e datas da exposição

Centro Cultural de Belém (CCB),
8 de outubro a 1 de novembro de 2021

Local e data

da conferência inaugural
CCB/Garagem Sul,
8 de outubro de 2021

Agradecimento

Ao Centro Cultural de Belém (CCB) pela disponibilidade e bom acolhimento desta iniciativa (Delfim Sardo, Madalena Reis, André Tavares, Diogo Nunes), e a todos os intervenientes na exposição e conferência inaugural.

CATÁLOGO

Coordenação e edição

Susana Lobo
com
Ana Alves Costa
João Fôja
João Gomes
Ricardo Agarez
Susana Constantino

Produção executiva

Ana Paulista
Rosa Azevedo

Revisão

Cristina Meneses

Desenho gráfico

José Teófilo Duarte
Claudio Fernandes
João Silva
(DDLX – www.ddlx.pt)

Autorias

A informação apresentada nas fichas das obras selecionadas foi fornecida pelos autores ou gabinetes responsáveis pelos projetos durante o processo de candidatura, seleção e produção da exposição e catálogo. A seleção dos conteúdos editoriais ficou a cargo da equipa de Comissariado, responsável pelos conteúdos e programa da edição Habitar Portugal 12-17 "Espaço Público: uma casa para todos".

Agradecimento

A todos os arquitetos, gabinetes de arquitetura e fotógrafos que contribuíram para a realização da edição HP 12-17 "Espaço Público: uma casa para todos".

Impressão

NORPRINT

Tiragem

500 exemplares

Dedósite legal

(a fornecer pela gráfica)

